

CONTINUAÇÃO

Da Carta Política sobre o melhoramento da Agricultura Portugueza.

(Continuado de pag. 228.)

Continuamente eu oigo chamar indigno, e perigozo á Sociedade o monopolio: ouço ralhar do commercio privativo, e tachar os lavradores de usurarios, e regatoens, quando seu maior, e unico delicto he estar pobre, e nunca vender por sua conta o graõ que seos braços lançáraõ á terra: os Monopolistas são unicamente os Negociantes, que nunca estiveraõ nas Provincias; estes são os que acódem aos Lavradores com dinheiros para compra de gados, sementes; são os que lhe concertaõ as vallas, dezentulhaõ as lizirias, e surribaõ as encostas, e quem finalmente os acarcia fornecendo-lhe os aprestes de que necessitaõ: portanto alem de quatro, ou cinco homens, que no Riba Tejo só pôdem ter o nome de Lavradores, os mais dependem do usurario, e do commerciante, aquem pagaõ com futuras colheitas, e cujo graõ por ordem sua fica retido nos selleiros do cultivador para apanhar na escapez preço maior.

Todavia se o estado desse os necessarios socorros ao Lavrador, pois, que no terreiro publico ha determinado coffre para este fim taõ util; se os Monopolios fossem da Fazenda Real, nem houvessem arremataçoens de Propriedade; seriaõ alguns generos mais baratos entre os quaes o trigo seria hum delles; e naõ haveriaõ tantas murmuraçoens, porque ninguem pôde vêr com bons olhos, e com Espirito tranquillo, que hum Privilegiado, ou huns poucos se enriqueçaõ com os despojos, que nos arrancaõ violentamente por huma guerra. a que chamaõ *necessidade*. Os lavradores seriaõ ricos, nem mendigariaõ vergonhosos, e usurarios emprestimos vendo-se castigado ao mesmo tempo o perigozo contracto do Monopolista, que se engorda, e céva com o sangue de suas iguaes. Naõ lucrava mais o estado tendo lavradores opulentos, que abasteceriaõ a capital, e athé naõ deixariaõ por se acharem individadados muita terra inculca, que naõ podem agri-

cultar pelo excesso dos jornaes, falta de dinheiro para transportes, sementes, paga de trabalhadores; do que tendo, Monopolistas, cujo fim he sempre dezejar-fome para della tirarem seu partido!

A cazo saõ isto couzas fabulozas, ou occultas? Nossas Provincias naõ estaõ empobrecidas, despovoadas, e inuteis por falta de industria, deliberação, e governo? a ruina, e quebrada das estradas naõ fazem ja impraticavel sua communicação; apezar dos impostos, que para concerta-las se determinaraõ, e para cuja recepção ha taõ vigilantes ordens! Pontes cabidas, outras necessarias por fazer, ou incompletas, rios fora de seus leitas, as barcas, que em algumas paragens saõ precisas para vadealos despedaçadas, vallas por acabar, entulhos amontoados, e sem entrarmos em maior detalhe no quadro de nossas Provincias, o qual he conhecido naõ só pelos Patricios, porem por outros muitos em razão de ser muito comprehensivel nosso Reyno: naõ sei, que se deva entender pelo fervoroso zelo dos Ministros conservadores das Provincias, e de tantos homens assim Nacionaes como estranhos empregados no Serviço da Corôa para melhoramento da Agricultura; unicamente sei, que os vejo premiados louvando-se muito sua notoria Sciencia e relevantes Serviços; porem as pontes estaõ derrubados, os rios desencanados, as estradas arruinadas, que he o mesmo, que hum invencivel obstaculo ao melhoramento da cultura.

Pode-se-me objectar, que naõ he a Hydraulica, nem a Economia, ou Sciencia * rural, quem pôde suspender estes males, pois que só no Estado existe o poder, e o dinheiro para mandar concertar; sendo huns meros agentes dispostos a observar, o que o Soberano determina aquelles homens, que o governo chamou para promover o adiantamento da cultivação; alem de que ha taobem a poderosa razão de naõ haver camponeses, e forcejarem por desligar-se do trabalho: em quanto á primeira parte he verdade, que a Sciencia dos Homens de nada vale se a naõ apro-

* Nos temos naõ só homens, que trataõ da cultura, que o estado annualmente premia com avultadas sommas, porem temos outros chamados Professores de Hydraulica cujo officio só consiste no encanamento dos rios para obstar ás inundaçoens, que nascem do desprezo.

veitaõ; mas o fagueiro carather da adulaçaõ impede muitas vezes, que se digaõ as verdades apezar da perda, que rezulta do seu cavilozo silencio. O Soberrano, e os Ministros devendo saber tudo ignoraõ muitas couzas, e o interesse do sordido obreiro sempre consistio na duraçaõ da obra. Em quanto ao abandono total das terras pelos mesmos camponios, e colonos sempre assim succederá em quanto favorecerem mais as outras occupaçoens com desprezo da cultura. A proporçaõ que as outras classes florecem, melhoraõ, e se dilataõ vai-se abatendo, e consumindo a agricultura por ser a elevaçãõ daquellas fundada na ruina da cultivaçaõ, de que procede haver mais baldios, e menos subditos: advertindo, que todas aquelles homens, que o descorçoamento, o engodo do ganho, a possessaõ dos regallos filhos da indolencia, e a lembrança de hum estado mais feliz faz sahir de suas choças saõ outros tantos vassallos, que o estado perdeo, porque ou no seu Paiz achaõ, ou naõ achaõ occupaçaõ mais lucrativa; se a encontraõ he muitas vezes pernicioza, e prejudicial ao Ministério, e se a naõ encontraõ vaõ experimentar fortuna a outros lares por huma reprehensivel emigraçaõ, que tanto enfraquece, e debilita as Naçoens sem se attender, que a perda de hum agricultor he mais funesta, e perigoza que a de hum bando de homens mais distinctos, cujos officios nenhum gazalhado daõ á humanidade, nem promovem algum bem real aos Reynos*.

Seria opportuno lembrar, que huma das primarias cauzas da destruiçaõ da cultura he o luxo, porem apezar disto estar tocado ja ao longe: quanto elle he prejudicial, e quanto deteriora os objectos da primeira necessidade se acha escripto pelos melhores Politicos, e Philosophos†: porem sómente direi, que no tempo em que se honrava, e estimava a lavoura naõ havia mizeria, e os vicios eraõ poucos. O luxo nutre cem pobres nas cidades, mas faz morrer o tresdobro nos

* Desta emigraçaõ foi prova Real a passada campanha da Europa, pois só marinheiros Portuguezes a soldo de Inglaterra passaraõ de oito mil homens. Vejaõ-se os papeis publicos principalmente—The London Chronicle.

† Lea-se o tratado de Mr. Melon, que tratou do luxo ex professo.

campos. O dinheiro, que circula pelas mãos dos ricos, e dos artistas para provêrem suas superfluidades perde-se para a subsistencia do lavrador, ficando este sem vestir para os outros trazerem sedas, e galoens a fim de ostentarem sua ridicula magnificencia. Quanto mais as capitaes assombrarem os olhos estupidos da relé, mais deverá gemer o homem de bem por ver os campos abandonados, as terras desaproveitadas, e as estradas destruidas, e coalhadas por hum alluviaõ, de cidadaos infelizes, que passaraõ a mendicantes, ou salteadores pelo cançasso, disgostos, e penuria de huma vida desgraçada, e trabalhoza, cujos modicos lucros não correspondiaõ a seus suores, e fadigas, expostos quotidianamente a serem devorados pela mizeria, injuriados pelo tempo, esquecidos dos seus concidadaons, mortos nos patibulos, ou pelas armas dos passageiros destemidos a quem intentavaõ roubar*.

A cultura nunca corrompeo os animos, nem os costumes, ella só produz optimos effeitos; multiplica o trabalho, os povos, e occupa os homens incessantemente sem distrahi-los para objectos arriscados, e perigosos, cuja boa harmonia he taõ necessaria, e proveitoza, que se deve sustentar a todo o custo. Qualquer, que seja a revolução, que possa acontecer na Politica, ou na Industria das Naçoens para fazelas opulentas, fortes, e abundantes; a cultura será o simples, e unico meio.

(Continuar-se-ha.)

* Devia ser olhado com reflexão este objecto para prevenir os crimes, e evitar o desterro. Hum homem para se fazer saõ necessarios vinte, e cinco annos, e a nossa Provincia do Alentejo dá mais de 100 homens todos os annos para os prezidios, homens, que o crime arranca da cultura não falando das outras Provincias. Hum Reyno pequeno como o nosso perdendo annualmente 400 homens, que tantos se desterraõ devia cuidar mais na sua conservaçãõ para não perdelos, que intentar com o exemplo do desterro prevenir os crimes, e cohibir os malevoios com o terror, havendo hum taõ facil meio para evitar este abuzo, e defeito de Politica qual he cuidar dos homens, remedia-los, dar-lhes que comer animando-os, e conduzindo-os aos trabalhos, porem nao exaspera-los. Pode-se affirmar, que os crimes nascem dos descuidos dos que governaõ.

MEMORIA

A respeito dos Escravos, e commercio da escravatura, &c. continuada de pag. 222.

CAPITULO IV.

Das doenças agudas, que ordinariamente accommettem aos Pretos escravos, e que são adquiridas nas mudanças dos seos alongados transportes, aonde tudo de maõ, e contrario á conservação da saude os persegue.

Posto que esta materia precisa das observaçoens medicas feitas por Professores; com tudo cuidado poder dizer, que a primeira, e a mais prejudicial das moléstias agudas, que soffrem os Pretos escravos, assim em os Reinos Africanos, como quando descem dos seos certos, na estada dos portos maritimos, no seu transporte, e no mesmo Brazil, vem a ser humas grandes, e repentinas febres, bem semelhantes ás perniciosas; as quaes trazem consigo pessimos symptomas, e são decizivas; porque em poucos dias os mataõ por serem amalinadas.

Estas febres em os paizes Africanos são chamadas *carneiradas*, as quaes de ordinario se suscitaõ com toda a sua vehemencia, quando se passa do veraõ para o inverno, e do inverno para o veraõ. Attribuem a sua origem aos effeitos da Cacimba, e á passagem do Sol; e como elle alli duas vezes passa, duas vezes tambem vem a ser as *carneiradas* no anno.

O certo he que os Povos Africanos em os paizes da sua habitação, e natalicio são muito menos atacados do que em outra qualquer parte, e por isso ja dissemos, que no seu tanto lograõ huma boa saude. Isto se deve ao ar, a que estaõ acostumados, e aonde nasceraõ, aos seos constantes, e certos alimentos, e ás mesmas taes, e quaes aguas de que uzaõ, e a que estaõ habituados.

Desengana, e confirma bem o que dizemos a experiencia, que entrando elles em as mudanças, em que encontraõ novos ares, desacostumadas comidas, e outras aguas, ja são mais acostumados. Confirmaõ mais a outra experiencia, e observação, de que em Loanda estas mesmas febres mais atacaõ aos pardos, e aos

brancos, doque aos pretos, que alli nasceraõ, e vivem: porque ja estaõ acostumados, e habituados ao clima, á comida, e ás aguas, o que igualmente succede aos pretos escravos que descem dos seos certoens ao cativoiro.

Os symptomas desta terrivel, e destruidora enfermidade, pelos quaes ella logo pode vir a ser percebida, saõ as repentinas somnolencias; que crescendo, e augmentando-se por effeitos do progresso da mesma molestia, e da ardentissima febre, prostraõ o enfermo de hum tal modo, e este taõ vehemente que o entregaõ a hum lethargo, do qual no seu auge se passa para a outra vida. A isto se acode com grandes, e repetidas sangrias, com agua d'Inglaterra, e com muita quina, tendo-se por ultimo remedio as sarjas: a estes precedem outros symptomas do quebramento do corpo, dos grandes defluxos, constipaçoes, &c.

II.

Na segunda classe de enfermidades agudas devem ser postas, por serem gravissimas, as hemorragias, que muito accommettem a escravatura; sendo estas as que levaõ á sepultura muito grande parte da mesma escravatura; ao que chamaõ *mal de Loanda*.

Assentaõ os observadores desta gravissima enfermidade, experientes do paiz, que ella de ordinario he huma sequella, e restos da precedente; ainda que muitas vezes insurge esta molestia com independencia da precedente. Atribuem tambem o adiantamento desta enfermidade á demasiada agua, que bebem os escravos, na ardencia da febre; que lhes traz huma evacuaõ continua, e por effeitos della o intestino recto se dilata, e o anus se circula com labios esponjosos, que nascem do interior da via.

III.

A terceira qualidade de doencas agudas, que costumã atacar a escravatura progredindo-se na sequella dellas, vem a ser a que se chama em aquelle paiz, e no Brazil *do bicho*. Como pois ha tres qualidades de

enfermidades do bicho, de que competentemente fallaremos, esta de que se falla he a do bicho, ou corrupção intestinal, que havendo-a, se dá a conhecer pelo máo cheiro, que tem o quarto em que esta o enfermo.

Esta dita enfermidade he tambem proveniente da primeira, e de ordinario anda junta com a segunda; porem muitas vezes acontece que com independencia de todas as outras, ella insurge atacando a escravatura com mortandade desta.

IV.

Na ordem das mesmas molestias agudas, em quarto lugar devem ser postas as infinitas constipações, e as frequentissimas, e vehementes tosses as quaes tem o seu principio nos effeitos da Cacimba; e em outros paizes, como no do America, ou em o máo trato, e falta do vestuario precizo, o que consome e destroe muita escravatura: e de prevenir isto não trataõ os negociantes della, e os seos mesmos Senhores, por não pezarem o damno, que a elles mesmos se segue da sua supposta economia.

V.

Descendo gradualmente pelas enfermidades agudas, que são provenientes da Cacimba, e das febres amalinadas, occupaõ o quinto lugar as infinitas sezoens; que começaõ em ferçans e quartans, com augmento de horas, vindo a apanhar humas a outras, fazem com que muita escravatura falleça.

VI.

Quando porem os escravos chegaõ a escapar das referidas sezoens; de resto dellas, assim como as sezoens vem a ser resto das outras, lhes ficaõ as opilações, que dentro de poucos tempos estragando-os, os

levaõ á sepultura, e sãõ postas no sexto lugar das enfermidades agudas.

VII.

A septima qualidade de doenças agudas que mataõ a escravatura, vem a ser as bexigas, e o sarampo; que os experientes dos paizes Africanos tem visto repetir diversas vezes, ja em seos Certoens, ja nos Prezidios, ja em postos Maritimos ja no embarque, e ainda mesmo no Brazil. Todas estas doenças, de que temos fallado, sãõ as principaes, e epidemicas, e por isto começando em hum só escravo, se communicaõ a todo o lote da escravatura.

VIII.

A oitava especie, ou qualidade de enfermidades agudas, ainda que naõ frequente em toda a Africa, porem frequente na Costa da Mina, e no Brazil, vem a ser a doença do bicho, de outra qualidade da que ja fallamos. Este bicho que se cria nos corpos dos pretos se declara existir nelles com frios, e febres. Procura-se pelo corpo do escravo, aonde elle esteja, e de ordinario se acha nos braços, e nas pernas. Achado o bicho, que he á semelhança de huma linha branca, fina, e torcida; com a ponta de hum alfinete, ou páo muito fino se afasta a pelle, e logo o bicho deita a pequena cabeça para fora, querendo sahir. Prende-se a cabeça d'elle com hum fio de retroz, que enrolando-se em hum pequeno páo, se vai enrolando tambem a cabeça, e a porçaõ do bicho que por si quer sahir, sem que por elle se puxe de modo algum. Na Africa unta-se a circumferencia do bicho com azeite de Dendé diariamente, e diariamente tambem se enrola a porçaõ do bicho que quiz sahir. Ata-se hum panno para se comprimir, e suster a porçaõ do bicho que tem sahido, e nisto se continua, ate que elle saia de todo. Se acazo porem o bicho succede puxar-se com força, e quebrar-se está desenganado o escravo que morre;

porque vem inchação, e gangrena, por não saberem remediar este successo.

Dezejei levar a indagação deste artigo ao ultimo ponto, fallando com os praticos, e experimentados em aquelle paiz, que por espaço de vinte, e trinta annos habitaraõ na Africa: mas apenas disseraõ huns, que este referido biçho costumava ter de comprido vara ate vara e meia; e nenhum delles, pelos mãos successos chegou a ver o fim da extracção. Domingos Rodrigues Chaves porem, que ainda hoje vive em Lisboa vio na Africa extrahir hum de todo ate hum palmo, e principiar-se a extrahir outro ate palmo, e meio: o que por não ser mui frequente, não ha a este respeito mais vulgar experiencia.

IX.

Na classe das doenças agudas tem o nono lugar os carbunculos, ou antrazes, que são taõ frequentes em os paizes do nascimento dos escravos como em os Portos Maritimos, e no Brazil.

Para todas as enfermidades tem os Pretos Africanos os seus curadeiros, que observaõ as molestias, e que pela força do uzo, e costume, applicaõ a cada huma dellas diversos remedios; no que se empregão tambem algumas mulheres pretas, que tem o nome de curadeiras, cujos remedios pela maior parte consistem no conhecimento de varias ervas, e na applicação dellas ás enfermidades. E estas são as doenças agudas que principalmente mataõ a escravatura.

CAPITULO V.

Das doenças Chronicas, que tirando algumas dellas sua origem das agudas, e dos infinitos contratempos, que os pretos escravos tem soffrido, são accrescentados pelas outras, que de novo insurgem.

I.

Huma, e das principaes molestias Chronicas, que soffrem os escravos, a qual pelo decurso do tempo os leva á sepultura, vem a ser o *banzo*. O *banzo* he hum resentimento entranhado por qualquer principio, como por exemplo; a saudade dos seos, e da sua patria; o amor devido a alguém; a ingratitude, a aleivozia, que outro lhe fizera; a cogitação profunda sobre a perda da liberdade; a meditação continuada da aspereza, com que os trataõ; o mesmo máo trato, que supportaõ, e tudo aquillo, que pode melancolizar. He huma paixãõ d'alma a que se entregaõ, que só he extincta com a morte: por isso disse que os Pretos Africanos eraõ extremozos, fieis, rezolutos, constantissimos, e susceptiveis no ultimo extremo do amor, e do odio.

Raimundo Jalama, sujeito de probidade, digno de toda a crença, que conta outenta annos de idade, e que por vezes navegára para a Azia homem mui prompto, e experimentado em os calculos, e projectos mercantis; e por dez annos na Cidade de S. Paulo de Loanda fora Administrador do Contracto, e das Companhias do Para, e Pernambuco; estava no exercicio de comprar, e remetter ao Brazil, para sortimento das ditas companhias, hum grande numero de escravos em todas as estaçoens do anno. Elle me informou a respeito desta enfermidade que no tempo da sua administração, em hum dos lotes comprados tivera certa escrava, com huma filha de idade de sete para oito annos; a qual escrava se entregára a hum tal fastio, por effeitos do *banzo*, que nada queria comer, ainda offerecendo-se-lhe as melhores comidas, assim do nosso costume, como as do seu paiz; para cujo fim tinha cozinheira propria; e observando elle esta obstinação, pela filha para isto insinuada entrou a pesquisar o motivo, porque a escrava se entregára ao *banzo*; e com effeito veio a adquirir a certeza, de que seu marido, a quem tanto amava, a havia dado a ella com ingratitude á dura escravidão, e juntamente a sua filha tão estimada, como penhor da sua alliança.

Sabida a cauza, dependendo-se os maiores agrados,

promessas, e realidades de bom trato, e ate de liberdade; nada foi capaz de lhe desfazer esta imaginação. A vista dos agrados na presença de muitas pessoas, que para elles concorriaõ, os seos olhos eraõ dous rios; de continuo tinha a cabeça sobre os Joelhos; continuou a não querer comer; faleceu; e a sua filha foi estimada, como a de huma heroina de amor, e de constancia. Este mesmo banzo por vezes observei no Brazil, que matára a muitos escravos; porem sempre por effeitos do resentimento do rigor, com que os tratavaõ os seos senhores.

II.

A segunda molestia chronica, e de sumo perigo vem a ser a sarna; e se communica de huns a outros; ella se distingue em sarna aque chamaõ *mansa e brava*.

A mansa accommette muito a escravatura de ordinario no fim das suas jornadas desde os Prezidios ate ao Brazil, e he huma molestia mui impertinente, e perigoza, porque tem muitas repetiçoens a que chamaõ *câmadas*.

III.

A sarna brava que occupa o terceiro lugar das doenças chronicas he igualmente epidemica; porem de outra qualidade, e se attribue a mal venereo: declara-se nas pudendas, nas verilhas, no nariz, atraz das orelhas, e lhe chamaõ *boubas*; estas formando chaga se dilataõ ate o tamanho de hum pezo Hespanhol, e nas suas circumferencias formaõ labios.

Ainda que se tenha dito, que esta molestia se reputa ter sua origem do mal venereo; com tudo sube por meio das informaçoens mais exactas, que pessoas sem este mal a chegãõ a ter; ou pela participação dos humores de seos pais; ou quando a escravatura vem como abotecada na longa viagem em as cobertas dos navios; ou porque em terra vive junta nos armazens, e sanzalas.

IV.

A quarta classe de doenças chronicas, que accommettem a escravatura, vem a ser o escorbuto; com que vivem os escravos alguns annos, porem sempre vem a morrer delle: e communica-se, quando elle esta radicado, a toda a mais escravatura. Ella se entende ser proveniente da fome, da sêde, e das comidas salgadas.

V.

A outra especie de doenças chronicas, que muito acommettem a escravatura na America, e vem occupar o quinto lugar, são os bichos, que nascem nas maons, corpo, e com maior força nos pez, no canto, e circumferencia da unha, e principalmente nos calcanhares.

Os bichos desta ultima especie de doença, que tem tal nome, são na sua origem, como a mais pequena pulga, que achando immundicie, e máo trato no corpo, e principalmente no pé da escravatura, nelle se entranhaõ sem dor; e depois de entranhados, cauzaõ huma pequena comichaõ. A proporçaõ do seu nutrimento vaõ crescendo ao tamanho de huma cabeça de alfinete. O seu maior graõ de crescimento he propriamente como hum graõ de cevadinha bem cozido, pela parte plana para a carne; aonde outros de novo se criaõ, entrando a deitar huns oviculos brancos, ao que chamaõ *lendeas*; e entaõ dellas se gera por baixo desta camada outra segunda dos referidos bichos: quando porem ja não podem crescer, apostemaõ; e neste estado se fazem tamanhos quasi de hum graõ de milho cozido; occaziaõ em que são continuados os frios, e as febres, e as inguas por todo o corpo do escravo.

VI.

A sexta qualidade de molestias chronicas, que costumãõ levar hum grande numero de escravatura insensivelmente á sepultura vem a ser as lombrigas, que se entende serem provenientes da relaxaçãõ do estomago; o que he inseparavel dos climas ardentes, que

trazem com sigo huma extraordinaria froixidaõ; parecendo esta a cauza, porque a escravatura communmente appetece todo o genero de acidos, e a comida sobre o salgado acompanhada dos picantes ardentissimos. A mesma froixidaõ tambem naturalmente provem das comidas de inferior qualidade, que saõ as que de ordinario tem os escravos; o que tudo se julga concorrer, para se formarem as obstrucçoens que tanto a perseguem.

Estes vermes he opiniaõ, que cauzaõ os vulgares accidentes chamados da *gota coral*, a que os Pretos chamaõ *ventos* ou *Calondú*: e como elles a attribuem á primeira especie de castigo, e mal mandado pelo seu Zambe, ou Deos, a tem por incuravel.

VII. O

Na ordem das doencas chronicas occupaõ o setimo lugar as hydropezias; por cuja porta franca vaõ ter á morte muitos mil escravos. Attribue-se esta doença ás fomes, e sedes, que tem experimentado na delonga de tantas jornadas.

VIII.

A oitava, e ultima das molestias chronicas, e a mais prejudicial, quanto eu supponho, por particular observação, vem a ser a que chamaõ vulgarmente resicacão dos bofes; doença que provem da muita giribita, ou agua ardente, e cachaca do Brazil, que de continuo bebe toda a escravatura. A esta se entregaõ com extremo por tres principios; primeiro, porque vivendo em o seu paiz natalicio, aonde ha falta della, e sendo apaixonadissimos desta bebida, ao depois encontrando-a com abundancia, se fartaõ della: segundo; porque a debilidade, a froixidaõ, e a relaxação do seu estomago assim o pede: terceiro; porque sendo os escravos nascidos em hum paiz muito mais quente, do que o do Brazil, que demais he assistido das muitas viraçoes, andando muito mal vestidos, sentem frio, e na falta de roupa se entregaõ a esta

bebida, persuadidos de que os aquece ; o que sendo momentaneo, continuão na mesma bebida, para sustentarem o pertendido calor, com damnificação conhecida das suas entranhas.

Disto tambem se entende que resultaõ as muitas hydropezias no Brazil.

Ha outras muitas molestias chronicas, como são os tuberculos, ou cancrios, que por serem menos frequentes em os escravos, nellas me não demoro.

(Continuar-se-ha.)

CARTA

AOS SENHORES REDACTORES DO INVESTIGADOR.

JA que V. Mces. assim o querem, tenho a honra de lhes remetter alguns fragmentos de huma traducção Franceza da Lusíada ; lizongeeando-me que o illustre nome de Camões seja hum passaporte sufficiente para fazer perdoar a sua inserção n'hum periodico Portuguez.

Há perto de outo annos que esta traducção foi principiada, e tendo-me as circumstancias pouco depois obrigado a interromper o meu trabalho, assento que ja agora não tornarei a ter animo bastante para o continuar e levar ao fim.

Naõ hé necessario muito conhecimento da lingua, e da poezia Franceza, para avaliar, não digo a difficuldade, mas a temeridade de huma empreza tal como a da traducção de todo o poema de Camões. Traduzir o mais harmoniozo dos poetas modernos, e traduzilo de huma lingua rica e sonora, para outra infinitamente mais pobre, secca e aperriada por preceitos miudos e rigorozos ; hé intentar de copiar com hum lapis preto huma pintura adornada das mais vivas cores ; ou querer seguir á força de remos hum Navio

que corre a toda a vèlla. D'essa verdade me persuadi ainda mais, agora que tornei a ler de sangue frio o manuscripto que há annos tinha esquecido; e abandonando a idea de o proseguir, rezolvo-me a expor, (naõ sem hum justo receio) ao juizo do publico, estes primeiros ensaios*.

A fama de hum poema tal como o de Camões, naõ podia ficar encerrada na sua Patria; e com effeito naõ há lingua culta em que naõ esteja traduzido, nem pessoa medianamente instruida na Europa, que o naõ tenha lido. Porem desgraçadamente poucos estrangeiros se achão no cazo de o ter lido no original; e certamente Camões d'entre os grandes poetas hé hum dos que mais perdem em ser traduzidos. Pode-se, sem faltar ao respeito que lhe hé devido, nem participar da herezia litteraria de alguns nossos contemporaneos, asseverar que o primeiro merecimento de Camões hé o da dicção ou do estilo, e por consequencia aquelle que menos se pode attingir na traducção. A melodia natural de que saõ dotados os seus versos, a summa abundancia e fluidez com que elles lhe corriaõ, deraõ lugar a que se precatasse menos dos defeitos inseparaveis d'aquellas qualidades; quero dizer, as negligencias no plano, e ás vezes a repetição das mesmas ideas, variadas porem sempre, hé verdade, com huma inexaurivel riqueza de expressoens. Finalmente essa mesma facilidade que só se pode comparar á de Ovidio e de Ariosto, o induz a passar continuamente do estilo mais sublime da epopea, para o de huma narraçãõ singêla e quazi familiar; e até mesmo para o tom jocozo, á que mais de huma vez se entrega. A nada se lhe nega a Musa, e Camões mais inspirado do que qualquer outro poeta, naõ recuza nenhum dos seus dons. D'ahi nascem as maiores bellezas, d'ahi se originaõ tambem alguns defeitos. Mas os defeitos apparecem todos na traducção em quanto muitas das bellezas naõ podem traduzir-se; e o leitor

* Os fragmentos da traducção da Lusíada que por agora remetto saõ os seguintes: o 1. Canto inteiro. O episodio de Venus no 2. Canto. A descripção da Europa e Ignez de Castro no 3. Canto. Adamastor no 5. Canto.

estrangeiro prevenido pela justa admiração que lhe inspirarão, não se lembra que está lendo na traducção a mesma musica, porem que não pode ouvir o som do mesmo instrumento.

Se hé difficil o traduzir a Lusiada em qualquer lingua, a maior difficuldade hé talvez o traduzi-la em Francez ; porque a poezia Franceza he a mais limitada e a menos atrevida de todas. Por isso não se presta ao genio das poezias estrangeiras ; e todos os que conhecem a litteratura Franceza, sabem que o Abbade De Lille he o primeiro que conseguiu traduzir com applauso em versos, alguns dos Poetas épicos das outras nações*. Estas reflexoens e muitas outras, devião ter-me acobardado. Porem deixei-me levar do desejo de contribuir, por quanto as minhas forças me permittirem, a elevar mais hum monumento á memoria do nosso grande Vate ; do unico poéta Portuguez, cuja gloria, como disse hum Autor illustre do nosso tempo, não he so nacional, mas Europea.

Dar-me hia por summamente satisfeito se estes ensaios de traducção, posto que debeis e imperfeitos, podessem dar a conhecer aos estrangeiros que os lerem, alguma d'entre as immensas bellezas de que abunda o nosso poema ; o qual até agora tem servido, he verdade, de assumpto a muitos elogios, porem tambem a outras tantas calumnias, para os que o não conhecem.

Não he este o lugar de entrar n'hum dissertação, que prolongaria extremamente esta carta, sobre as numerozas criticas que tem encontrado a Lusiada. Porem não posso deixar de observar que a principal d'entre ellas, tem recahido sempre sobre a mistura do Christianismo com a mithologia pagaa, e não se pode negar que esta critica seja muito fundada. Com tudo, lendo com attenção a Lusiada, observa-se facilmente

* De facto não existe traducção nenhuma em versos Francezes de Camoens, senão o episodio de Ignez de Castro de Florian muito pouco exacto. O mesmo episodio, e o de Adamastor por hum Official Francez ao serviço de Portugal, cujo nome me esquece, e que não merecem ser nomeados. D'entre as traducçoens em prosa, a de La Harpe que he a mais moderna, não foi tirada do Portuguez, mas de outra traducção Franceza ; e basta isso para se poder julgar do seu merecimento.

que não nasce d'ahi huma verdadeira discordancia; o espirito do poëma como o do poëta he todo Christão; e o uzo que elle faz das ficçoens mythologicas não he senão hum mero ornato, hum jogo da fantasia, de que o Camoens, cheio da lição classica dos poëtas antigos, e não achando ainda modelo por onde se guiar na poezia Christã e moderna, achou não poder prescindir. Mas vê-se para assim dizer que toda essa parte do poëma não he seria; e que serve, se se me permite esta expressãõ, como de huma especie de moldura, em que elle se julgou obrigado a encerrar o seu formoso painel. A unidade de interesse da Lusíada consiste principalmente no sentimento patriotico que anima tudo. O titulo mesmo o prova. A gloria nacional dos Portuguezes, e o espirito cavalleiroso d'aquelles tempos, reproduzem-se debaixo de todas as formas que pode inventar a imaginaçãõ do poëta. E talvez em nenhum poema desde os de Homéro, se ache hum colorido historico e nacional tão forte, e tão verdadeiro como no de Camoens.

Resta-me só agora a accrescentar, que me julguei obrigado, nos fragmentos mesmos que traduzi, a o-mittir algumas outavas, que ou por serem mais fracas, ou por conterem alguma repetiçãõ de ideas, desesperei de poder traduzir toleravelmente. Pela mesma razãõ procurei alguma vez extrahir n'huma só outava o sentido de duas ou tres. Observarei tambem que o metro que adoptei, e que he o do original, sendo inteiramente novo na poezia Franceza, augmenta sobre maneira a difficuldade; porque he preciso, na lingua em que há mais pobreza de consoantes, achar tres rimas masculinas e tres femininas em cada outava. Porem estas observaçoens pouco devem importar aos Leitores, pois o merecimento do poeta não consiste em ter vencido difficuldades, mas em ter produzido bellezas*.

S.

* Talvez agrade a muitos leitores o achar aqui indicadas as principaes traducçoens da Lusíada. As que chegãõ ao meu conhecimento são as seguintes.

Em Latim pelo Bispo de Targa, D. Fr. Thomé da Faria, Olyssiponê apud Giraldum a Vineã, 1622, 8. Existem mais, segundo affirma Diogo Barbosa Machado na Bibliotheca Lusitana, tres traducçoens Latinas do mesmo poema, que não se achãõ impressas.

LA LUSIADE.

ARGUMENT.

Les Dieux sont ressemblés dans la Cour Etherée,
 Ils reglent les destins des Enfants de Lusus.
 Le redoubtable Mars, la belle Cytherée,
 Protegent ces guerriers detestés par Bacchus.
 A travers les dangers d'une mer ignorée
 A Mossambique enfin ces heros parvenus,
 Par de sanglants combâts signalent leur audace
 Et sortant de ses bords arrivent á Mombace.

CHANT PREMIER.

1.

**Je chante ces heros fameux dans l'Univers,
 Qui des bords éloignés de la Lusitanie,**

Em Castellano por Luiz Gomes de Tapia com notas. Salamanca, 1580, 8. Dito por Benito Caldera Alcalá, 1580, 4. Dito por Henrique Garces. Madrid, 1591, 4.

Em Italiano por C. A. Paggi. Lisboa, 1659. Esta versao he notavel por ser extremamente, e até demasiadamente litteral.

Em Francez alem do episodio de Ignez de Castro por Florian que se aha em todas as edicoens das Obras d'aquelle Autor. Há huma traducção em prosa por Du Perron de Castera. Paris, 1735 e 1768, 3 vol. em 12. Dito por La Harpe e d'Hermilly, Paris, 1777, 2 vol. em 8vo.

Em Inglez por Richard Fanshaw. Londres, 1635. Dito por G. J. Mickle, Oxford, 1776, em 4to. e 1798. Londres, 2 vol. em 8vo. Esta traducção em versos he talvez a melhor que existe de Camoens.

Os principaes Commentadores de Camoens são: Manoel Correa; Manoel de Faria e Souza; Ignacio Garcez Ferreira; Luiz da Silva e Brito em Portuguez. E Luiz Gomez de Tapia em Castellano.

Em Alemão he provavel que hajaõ algumas traducçoens do nosso Poema, porem não conheço senão o episodio dos doze de Inglaterra traduzido n'aquella lingua, e segundo se diz, em perfeição por A. W. Schlegel, cujo nome como litterato he conhecido em toda a Europa.

Par de nouveaux chemins, sur de nouvelles mers,
 Portèrent leurs drapeaux jusqu'au fond de l'Asie.
 Qui bravant les dangers, surmontant les revers,
 Aux plus nobles travaux consacrerent leur vie ;
 Et fonderent bien tôt guidés par les destins,
 Un empire éclatant dans ces climâts lointains.

2.

Je vous évoque aussi, memoires glorieuses,
 De nos antiques Chefs, de nos valeureux Rois,
 Qui domptant d'Ismael les hordes odieuses,
 Rendites triomphants vôtre scèptre et la croix !
 A jamais dans mes chants que vos ombres fameuses
 Survivent à la mort qui vous tient sous ses loix ;
 Et puisse le genie et le dieu qui m'inspire
 Rendre dignes de vous les accords de ma lyre !

3.

Qu'on cesse de vanter les perilleux hasards
 Des navigations et d'Ulisses et d'Enée,
 Que l'on n'admire plus les exploits des Cesars,
 Ni du fameux vainqueur de la Perse étonnée ;
 Je chante, ce heros de qui Neptune et Mars
 Ont couronné l'audace à jamais fortunée !
 Rentrez dans le néant prodiges fabuleux,
 Ma Muse annoncera des faits plus merveilleux !

4.

O vous qui m'inspirez, vous qui dès mon jeune âge
 Remplites mon esprit des plus sublimes feux,
 Si jadis dans mes vers, o Nayades du Tage,
 J'ai chanté vos attraits, vôtre fleuve et vos jeux ;
 Ne m'abandonnez pas, animez mon courage,
 Dicter-moi des accents plus graves plus pompeux,

Afin qu'applaudissant à l'ardeur qui m'entraîne
On préfère votre onde à celle d'Hypocréne.

5.

Ah daignez m'inspirer une divine ardeur,
Que ma cadence soit et sonore et nombreuse,
Et laissant à jamais le chalumeau reveur,
Je vais sur la trompette épique et belliqueuse
Qui fait pâlir le front en enflamant le cœur,
Celebrer dignement ma nation fameuse,
Et faire de son nom retentir l'univers,
Heureux si tant de gloire appartient à mes vers !

[6, 7, et 8.

Et vous dont le Soleil vient éclairer l'empire
Aussitôt qu'il paraît aux portes du matin,
Vous qui sur vos Etats le voyez toujours luire
Et que cet Astre encor salue à son déclin ;
O vous dont la vertu, dont le pouvoir inspire
Une terreur fatale au barbare Africain,
Et de qui le nom seul, glace déjà de crainte
Les yls profanateurs de la rivière sainte.

9.

Daignez tourner vers moi ce regard de bonté,
Ce regard si touchant que l'Univers contemple,
Jeune encore il est vrai, mais plein de la fierté
Qui de la gloire un jour doit vous ouvrir le temple,
Souriez à mes vers, à ma temerité,
D'une sublime ardeur j'ose donner l'exemple
En consacrant ma Muse ainsi que mes travaux
A chanter mon pays, sa gloire et ses héros.

10.

Ce n'est pas un vil prix que ma Muse reclame,
J'aspire à meriter des honneurs éternels,
L'amour de la patrie est le seul qui m'enflame,
A mes concitoyens j'eleve des autels.
Grand Roi lisez mes vers ; puissent ils dans vôtre ame
Graver de vos sujets les travaux immortels ;
Et vous prefererez, si le ciel me seconde,
L'empire d'un tel peuple à l'empire du monde !

11.

Je n'irai pas, cherchant des vaines fictions,
Imiter les efforts des muses étrangères,
Qui voulant exalter leurs propres nations
Composent un tissu de fables mensongères ;
Pourquoi mes chants voués aux grandes actions
Iraient ils inventer des faits imaginaires.
Le recit des exploits que ma muse entreprend
Surpasse les hauts faits que l'on prête à Rolland !

12, 13, et 14.

Puissai je dignement celebrer sur ma lyre
Du premier de nos Rois l'heroique valeur,
La vertu de Moniz, que Dieu lui même inspire,
Du Fidelè Fuas l'imperturbable cœur.
Et tant d'autres heros que la patrie admire,
Nuno, du Portugal le fier liberateur,
Albuquerque l'effroi des peuples de l'Aurore,
Et les Almeidas que le Tage deplore !

15.

Tandis que celebrant les faits de vos ayeux,
Ma Muse à vous chanter et s'exerce et s'anime,

O Prince, commencez ce regne glorieux
 Qu'annonce au Portugal votre cœur magnanime,
 Pour vous mes vers seront sans doute plus heureux,
 Par vous de l'Helicon je trouverai la cime,
 Et la terre d'Afrique et la mer d'Orient
 Promêt à votre nom un destin eclatant.

16.

Ma Muse voit déjà la ruine assurée
 Et du Mahométan et du Maure pervers ;
 Déjà le Payen tremble, et sa vue égarée
 Sur votre jeune front croit lire ses revers.
 Thetys abandonnant sa demeure azurée
 Permêt à vos Vaisseaux de regner sur les mers,
 Et sensible à cet air et si jeune et si tendre
 Vous cède son empire et vous choisit pour gendre !

17.

Ah je crois voir au sein de la Celeste Cour
 De deux de vos ayeux les ames bienheureuses,
 Vous inspirant déjà du haut de leur séjour
 Un besoin devorant d'actions glorieuses ;
 Chacun d'eux voit en vous revivre tour-à-tour
 Son amour pour la paix, ses ardeurs belliqueuses,
 Ils vous gardent tous deux pour prix de vos vertus,
 Une place immortelle au temple des élus !

18.

Mais tandis que le temps avance, et qu'il s'apprête
 A remettre en vos mains les rênes de l'Etat ;
 Daignez, o jeune Prince, accueillir le pôte.
 Qui de ce peuple heureux veut celebrer l'eclât ;
 Chanter le Portugais qui brave la tempête
 Intrepide marin, intrepide soldât,

Et qui fier de servir son Prince et sa Patrie
Fait résonner leurs noms jusqu'aux rives d'Asie.

19.

Deja Gama suivi de ses fiers compagnons
Du paisible Océan par court l'immense espace,
Le Zephyr succedant aux fougueux Aquilons
Des voiles mollement arrondit la surface ;
La mer au devant d'eux entr'ouvrant ses sillons
Par ses flots ecumants prolonge au loin leur trace ;
Le nouvel Ocean n'avait jusques alors
Vu, que les seuls Tritons errer près de ces bords.

20.

Ainsi le Portugais voguait sur l'onde amere,
Tandis qu'obeissant au Monarque immortel
Mercure fend les airs de son aile legere
Et parcourt et les mers, et la terre et le ciel :
Aussitôt par ses soins dans la brillante sphere
Se rassemble des Dieux le Senât Eternel ;
Il va peser le sort de la Lusitanie,
Et fixer le destin des Peuples de l'Asie.

21.

On les voit accourir du temple du Soleil,
Et du palais brillant de la naissante Aurore,
Des rivages glacés qu'à son triste réveil
L'astre pale du Nord pour peu d'instants colore,
Des bords Occidentaux où d'un rayon vermeil
Tout près de son declin Phebus se pare encore,
Toutes les deités de la terre et des cieux
Remplissent en ce jour l'Olympe radieux.

22.

On distingue le Dieu qui lance le tonnerre
 A ce front, à ces yeux si pleins de majesté ;
 Si les mortels pouvaient en fixer la lumière
 Ils deviendraient égaux à la divinité !
 Son trône étincelant qu'un feu brillant eclaire
 Semble être dans les Cieux par les Astres porté.
 La foudre est en ses mains et l'Olympe s'éttone
 De la vive splendeur que jette sa Couronne.

23.

A peine dans ce jour les celestes parvis
 Peuvent ils contenir cette assemblée immense,
 Deja selon leurs rangs tous les Dieux sont assis.
 Sur leurs trônes formés d'une pure substance
 Brillent les diamants, les perles, les rubis,
 Tout parait en suspens, tout garde le silence,
 Lorsque la voix du Dieu qui regne dans le Ciel,
 Prononce ce discours auguste et solemnel.

24.

Immortels habitants de la voute étoilée,
 Vous, dont la volonté sert de regle aux humains,
 Pour vous, de l'avenir l'histoire est dévoilée,
 Vous connaissez du sort les decrets souverains ;
 La terre de Lusus est un jour appelée,
 Vous le sçavez, ainsi l'ont voulu les destins,
 A surpasser en tout les grandeurs qu'on renomme
 D'Assyrie et de Perse et de Grece et de Rome.

25.

Deja vous avez vû ses valeureux soldats
 Contre les Musulmans signalant leur courage,

Les vaincre, et les chasser après mille combats
De tout l'heureux pays arrosé par le Tage.
Ainsi pendant long temps deffendant leurs états
Des Castellans jaloux ils ont bravé la rage,
Et triomfant du nombre, on vit le Portugal
Sortir toujours vainqueur d'un combat inegal.

26.

Je ne parlerai pas de leur antique gloire
Lorsque Viriathus, vengeur de l'univers,
Scût à l'aigle de Rome enlever la victoire
Aux yeux du monde entier, qu'elle accablait de fers.
Je tairai les exploits et l'illustre memoire
Du romain qui chez eux après tant de revers,
Fuiant de son pays les discordes publiques,
De la vertu de Rome apporta les reliques.

27.

Vous voyez aujourd'hui ce peuple de heros
Opposant aux dangers un courage intrépide,
En des lieux inconnus, sur des frêles vaisseaux,
Affronter les hasards de l'Océan perfide.
Errants depuis long temps sur ces immenses eaux,
De climâts en climâts, sans secours et sans guide,
Par de nouveaux efforts, sur le vaste element
Ils cherchent les chemins des mers de l'Orient.

28.

De ces heros sortis de la Lusitanie
Dans le Livre Eternel les destins sont écrits,
Les rivages de l'Inde et la mer d'Arabie
Long emps à leur pouvoir doivent être sounis.

Deja pendant Phiver la fortune ennemie
 Vient de leur susciter des travaux infinis,
 Il est juste qu'enfin cette terre inconnue,
 But de tant de travaux, soit offerte à leur vue.

29.

Ah sans doute il est temps, que ces braves marins
 Trouvent dans quelque port un refuge tranquile,
 Assez ils ont lutté dans ces climats lointains
 Contre les fils d'Eole et la mer indocile.
 Je veux que sans retard sur les bords Africains
 Leurs vaisseaux fatigués obtiennent un asyle
 Qu'ils y puissent trouver du repos, du secours,
 Et de leur long trajet ils reprendront le cours.

30, 31, et 32.

Ainsi parla le Dieu. Mais les feux de l'envie
 Dans le cœur de Bacchus s'allument à l'instant,
 De l'Inde que son bras a jadis asservie
 Il se vantait encor d'être seul conquerant.
 A l'aspect des enfants de la Lusitanie
 Son cœur deja troublé redoute en fremissant
 Que du triste Lethé l'onde noire et fatale
 Ne condamne à l'oubli sa marche triomphale.

33.

Cependant en faveur des enfants de Lusus
 Un secret sentiment attendrit Cytherée,
 Elle retrouve en eux les antiques vertus
 De cette nation, qu'elle avait preferée.
 Heritiers des romains, l'Afrique les a vûs
 E'galer sur ses bords leur valeur celebrée,

Ils ont de ces héros le langage et les mœurs,
Et Venus des Latins croit voir les successeurs.

34.

D'autres pressentiments, d'autres desirs encore
Ont décidé pour eux la mère de l'amour ;
Que d'encens elle attend d'un peuple qui l'adore !
Quels triomfes nouveaux decoreront sa cour !
Et tandis que Bacchus que la fureur devore
Craint de voir ses honneurs s'eclipser en ce jour ;
Un espoir opposé dans Venus se declare,
Et du Ciel agité la discorde s'empare.

35.

C'est ainsi que Borée et les fiers Aquilons
Au sein de la forêt apportent le ravage,
Les arbres arrachés par d'affreux tourbillons
Ne peuvent resister à leur puissante rage ;
Les torrents ecumeux tombent en noirs bouillons
On croit voir s'ebriquer la montagne sauvage,
Tout se rompt, tout mugit, tout s'ecroule, et les cieux
Derobent et leur vue et le jour à nos yeux.

36.

De même entre les Dieux le desordre s'augmente ;
Mais bientôt de Venus le formidable amant
Se leve, son air sombre inspire l'epouvante,
Il lance sur les Dieux un regard menaçant ;
Il aime de tout temps et l'audace eclatante
Des enfans de Lusus et leur esprit vaillant,
La fureur de Bacchus le revolte et l'irrite
Et son glaive est l'appui de la belle Aphrodite.

37.

Il s'avance, on le voit relever d'un air fier
 De son casque pesant la brillante visiere,
 On tremble au seul aspect du bouclier de fer
 Que d'un bras menaçant il rejette en arriere :
 Il marche d'un pas ferme, et fixant Jupiter,
 Il adresse ces mots au Maitre du Tonnerre :
 L'Olympe s'en ebranle et l'on voit d'Apollon
 Palir pour un moment le celeste rayon.

38.

O Souverain des Dieux, toi de qui la puissance
 Regle cet Univers dont tu fus créateur,
 Pour quoi priverais-tu de sa noble esperance
 Ce peuple si longtemps l'objet de ta faveur ?
 De tant de longs efforts, la triste recompense
 Ainsi donc à la fin serait le deshonneur ?
 Daigne exaucer ses vœux, et puisse ta justice
 Devoiler en ce jour l'envie et l'artifice.

39.

Si des soupçons jaloux, de noirs pressentiments,
 Ne remplissaient son cœur de funestes alarmes,
 Bacchus protegerait les braves descendants
 De celui qui jadis fut son compagnon d'armes.
 Ne nous occupons plus de ces vils sentiments ;
 Si ses anciens lauriers ont pour lui tant de charmes,
 Qu'il cherche à rappeler des jours si glorieux
 Sans se livrer en proie aux regrets envieux.

40.

Et Toi des Immortels le Monarque et le Pere ;
 O Toi, dont la constance est un des attributs,

Protege ces heros, sois ferme et persevére
Dans les nobles desseins par toi même conçus :
Que Mercure semblable à la flèche legere
Vole rapidement vers les fils de Lusus,
Et que ce Dieu bientôt les guide et leur indique
Un favorable abri sur la côte d'Afrique.

41.

Ainsi parle en ce jour en presence des Dieux,
Celui dont les exploits lassent la renommée ;
Par un signe expressif du Souverain des Cieux
La volonté de Mars est soudain confirmée.
A son ordre, aussitot, d'un nectar precieux,
Qu'on repand à grands flots, la voute est embaumée,
Les Dieux quittent l'Olympe, et traversant les airs
Vont d'etoile en etoile, en leurs sejours divers.

(Continuar-se-ha.)

SCIENCIAS.

NOTAS

De João Manoel de Abreu sobre varios lugares da censura dos Redactores do Edinburgh Review aos Principios Mathematicos de Joze Anastacio da Cunha, para servirem de Supplemento ao Prologo da segunda edição dos mesmos Principios.

(Continuada de pag. 249.)

XIII.

- “ A definição de huma potencia he esta—Seja a , e
 “ b dous numeros quaesquer, e seja c hum terceiro
 “ numero tal que $1 + c + \frac{cc}{bb} + \frac{c^2}{2} = a$: entã a serie
 “ $1 + bc + \frac{c^2}{2} + \&$ he designada por $a b$, e se
 “ chama potencia de a , representada pelo exponente
 “ b . Esta definição he, como facilmente se admittirá
 “ perfeitamente singular ; e nos não podemos admittir,
 “ que o inconveniente de se seguir o methodo ordi-
 “ nario seja tal que justifique huma tao grande in-
 “ novação.”

A definição do A. merece na verdade o nome de perfeitamente singular : não no sentido de M. P. ; mas por ser a unica definição de potencia, que merece o nome de definição exacta. Eis aqui as minhas rasoens.

O A. demonstra [prop. 2.] que suppondo f positivo, e calculando $c = 2 \left(\frac{f-1}{f+1} + \& \right)$, se terá $f = 1 + c +$

$\frac{cc}{2} - + \&$, e isto independentemente da definição que

M. P. rejeita: Eis aqui ja huma particularidade do methodo do liv. 9, que merecia não ter escapado a M. P.—Com effeito se se suppozesse f negativo, se-

ria $c = 2 \left(\frac{f+1}{f-1} + \& \right)$ série divergente; e por con-

sequencia c impossivel, e $-f = 1 + c + \frac{cc}{2} - + \&$, ex-

pressão imaginaria. Logo a prop. 2. determina as condiçoens que tornão possivel ou impossivel o genero

proximo $1 + c + \frac{cc}{2} - + \&$, da def. 3: clausula essencial,

que rezolve todos os paradoxos á cerca dos logarithmos algebricos das quantidades negativas; condição necessaria, que mereceu depois tanto cuidado a de La Grange no seu theorema fundamental $f(x+i) = fx + pi + \&$; e principio elementar a que ninguem tinha attendido antes do nosso A. Dando pois ao livro 9. o titulo que lhe convem de *demonstração synthetica dos elementos da theorica das funcçoens analyticas*, adoptemos por hum instante a notação de La Grange, e ponhamos em lugar da definição rejeitada por M. P. a definição seguinte, immediatamente depois da prop. 2. que acabamos de analysar. *Definição.* Todas as

vezes que se escrever $f = 1 + c + \frac{cc}{2} - + \&$, confor-

me a prop. 2. do liv. 9. e $fx = 1 + cx + \frac{ccxx}{2} - + \&$,

conforme o uso dos Geometras, chama-se f base de funcçoens analyticas; fx funcção de x ; e x raiz de fx .

Admitte isto replica? certamente não: he tão licito como dizer por exemplo: chame-se S somma de A mais B , quando se escrever $S = A + B$. Pois a definição que M. P. rejeita hé essencialmente a mesma, com a differença de ser exposta em termos comuns, e mais conformes ao lugar que o liv. 9. occupa no systema do A.

Logo se a definição de que se trata pareceu tão

inadmissível a M. P. foi porque não teve vagar de ler o livro 9. com a attenção que elle merece. Hé notavel a severidade que há, e tem havido sempre contra os mais leves defeitos á cerca de Geometria elementar; e por outro lado a tolerancia e indifferença com que todos os Geometras soffrem e tem soffrido em Algebra os erros de Logica mais grosseiros! Donde vem esta parcialidade? Talvez proceda de que em Algebra não há de ordinario senão letras e signaes á vista; e de que em Geometria estão patentes a hum tempo os nomes e os objectos. Ninguem soffreria, por exemplo, que se definisse em primeiro lugar triangulo rectangulo; depois triangulo equilatero; depois isosceles; depois triangulo, & &, e quer M. P. que I. A. seguisse o trilho dos outros, definindo em primeiro lugar a especie a^n ; depois a $\sqrt[n]{n}$; depois $a^{n!}$;

e finalmente o genero $a^n = 1 + nc + \frac{nc^2}{2} + \dots$! En-

tre tanto hum erro de Logica não seria peor que o outro: primeiro se deve definir o genero, e depois a especie. Logo ou M. P. hade rejeitar este preceito; ou admittir a innovação do Geometra Portuguez.

Mas para pormos a definição rejeitada em toda a clareza possivel, adaptemos á forma que eu acabo de dar lhe, o seguinte escholio do liv. 9.

Eschol. Os Mathematicos em expressoens taes como fx consideraõ a raiz x como hum signal, que indica os calculos necessarios para formar, segundo os collatorios da prop. 4. a funcção, ou numero fx ; e entãõ em vez de escrever fx , pondo a raiz na mesma linha, escrevem x hum pouco mais acima, desta sorte f^x . Em taes cazos chamaõ x *expoente*, e f^x , potencia de f , indicada pelo expoente x .

Pergunta-se, haveria alguma coiza que dizer contra hum processo tão natural, tão Logico, e tão intelligivel? Pois o methodo que M. P. rejeita he essencialmente o mesmo; com a differença de evitar rodeios.

XIV.

“Torna-se difficilhozo demonstrar por este me-

thodo, que $a a a$ hé huma potencia de a , ou que as potencias são formadas pela repetida multiplicação de hum numero por si mesmo.”

Ha em Algebra certas regras e formulas elementares, que se não podem demonstrar, nem se tem demonstrado atégora, se não por experiencia; quero dizer, pela observação repetida de diversos exemplos, executados conforme as mesmas regras. Taes são, verbi gratia, as da multiplicação e divizaõ algebraicas que o A. pôs no fim do liv. 8, e á que não deu, por isso mesmo, se não os nomes de *praxes* da multiplicação e divizaõ. E que quereria o A. denotar por estes dous uicos exemplos? Não há coiza mais clara: indicou ao Mestre que antes de passar do 8 ao liv. 9 devia adestrar os seus discipulos em todas as praxes de multiplicação e divizaõ, que podem facilitar a intelligencia do dito livro. Porem como isto de senso commum hé infinitamente variavel, não teria sido máo, que o A. aclarasse este ponto de huma maneira menos equivo- ca: eu teria ajuntado ao liv. 8, as seguintes *praxes*:

1. Converter em series quocientes indicados; por exemplo $\frac{i}{1-i} = i + ii + \&$.

2. Multiplicar series por outras series semelhantes, e reduzir os productos á forma dos seus factores: por exemplo as series, que se multiplicação humas pelas outras nas demonstraçoens da 4, e outras proposiçoens do liv. 9. Não as transcrevemos aqui, por poupar papel.

Separando pois do liv. 9 este trabalho ordinario, por isso mesmo que hé comum a qualquer theoria exponencial, por mais aparentemente facil que ella seja, exaqui a simplicidade e rapidez com que se demonstra no dito livro “que as potencias inteiras são formadas pela repetida multiplicação da baze pela baze.”

Temos pela 4, $f x f y = f(x + y)$, ou segundo a notação do escholio precedente, $f x f y = f x + y$, e por consequencia $f f f \& = f^n$, pelo corol. 1 da prop. 4.

E eis a demonstração, que se figurou taõ excessivamente difficultoza o M. P. E note-se que a prop. 4, em que consiste toda a difficultade, se reduz a duas linhas, em se transferindo para o liv. 8 a operação algebraica de que depende. Note-se mais que a/ def.

1, e proposições 1 e 2 do liv. 9, podem e devem entrar no 8, e que por consequencia toda a difficuldade consiste em deduzir da def. 2 a prop. 4, sem dependencia de proposição alguma intermediaria! Logo a *inovação*, que pareceu tão *perfeitamente singular* a M. P., alem de poupar erros de Logica, tambem poupa tempo e trabalho.—E provo-o.—No liv. 9, a *especie* $ff \& = f^n$, e o *genero* $f^n = 1 + cn + \&$, estão contiguos, como acabamos de demonstrar: pelo contrario, segundo a rotina comum, entres estes dous objectos mettem-se de por meio quazi hum volume, de calculos *exponencial, radical, logarithmico, combinaçoens, mudanças d'ordem, theorema binomial, methodo inverso das series, &c. &c.* E que tempo, que trabalho, que confuzão para chegar a *genero* $f^n = 1 + cn + \&$? Nem o principiante sabe que derrota fez, nem que rumo trouxe, nem a que distancia está do ponto da partida! Logo a *inovação* do Geometra Portuguez tambem poupa tempo, trabalho, e confuzão.

XV.

“A razão que o A. teve para preferir o methodo que seguio, hé sem duvida por que elle parece immediatamente connexo como theorema binomial e doutrina dos Logarithmos. Isto com tudo hé contrabalançado pelas desvantagens ja mencionadas, e por mais huma adicional, isto hé, a de conduzir a demonstraçoens syntheticas, e pouco proprias para exercer as potencias inventoras, ou as facultades d'inventar.”

O A. teve em vista huma reforma completa no systema geral das mathematicas Puras; e para se perceber isto basta ler com attenção as definiçoens dos 4 primeiros livros do seu compendio. A sua theorica das parallelas, e o terceiro e quatro livros, não são certamente produçoens de hum compilador vulgar, ou imitador servil. Assim o methodo synthetico que o A. seguio no livro 9, como em todos os outros da mesma especie, não hé hum methodo de capricho, em que se propozesse á demonstração deste ou daquelle theorema em particular; he sim hum methodo escolhido com profundo conhecimento de cauza, fundado em razoes, pelo menos tão logicas e geometricas

cómo eu posso attingir e allegar. O A. não ignorava as investigaçoes 5 e 6 do liv. 21, quando imprimia o livro 9; e sabia por tanto demonstrar os theoremas binomial e logarithmico pelo methodo que M. P. prefere, como o mais proprio para *exercer as potencias inventoras*: mas o que ninguem tinha inventado, nem inventou depois, era huma theorica geral das series, da qual se deduzissem os ditos theoremas á maneira dos antigos Geometras, quero dizer, sem recorrer a hypotheses subsidiarias de definiçoes erradas. Eis aqui o que o A. inventou; e tal deve ser, segundo eu entendo, huma das razoes, que o moverão a preferir o methodo, que seguiu no liv. 9.

Mas as demonstraçoens a que este methodo conduz, diz M. P., são pouco proprias para exercer as potencias inventoras. Seria de dezejar que se discutisse com toda a authoridade e circumspecção possiveis huma duvida cuja decizaõ importa tanto ao ensino publico. Mas em quanto se não discute, parece-me que o A. fez bem em seguir o exemplo dos antigos Geometras, e o voto de quazi todos os Philosophos de primeira ordem. Com tudo concedamos por hum instante que as demonstraçoens do liv. 9, exerção pouco ou nada as potencias inventoras: mas não favoreceraõ ao menos as faculdades d'ensinar, resumir, e demonstrar? quero dizer, as que immortalizaraõ Euclides, e reluzem no seu compendio? Taõ vulgares são os Euclides, e os compendios como o dellé? M. P. diz na introdução da sua censura á Geometria de M. Leslie [Edin. Rev. No. XXXIX.] *que o Geometra Grego deixou hum modelo de Geometria, que mal se pode igualar, e menos exceder!* E só a Algebra não hade ter hum semelhante modelo, difficil de censurar? Nem o seu Euclides, que contentando-se de exercer as faculdades d'ensinar, resumir e demonstrar, deixe aos outros o cuidado das *potencias inventoras*? Não me toca a mim decidir se existe ou não hum tal modelo; nem se se deve buscar nas liçoens de La Caille, ou nos Principios de I. A.: o que me parece hé que o methodo synthetico do nosso A., mesmo em Algebra, não pode prejudicar ao maior numero: digo ao maior numero, porque os espiritos inventores não apparecem senão de seculos a seculos. Que mal faria a hum principiante sujeitar

por exemplo á marcha simples e segura do liv. 9, a parte correspondente das *Funcçoens Analyticas* de La Grange? Posto que esta questãõ, tão interessante, exceda sobre maneira os estreitos limites deste escripto, tentemos de passagem a primeira investigaçãõ della.

De La Grange gasta 8 paginas desde o numero 10 até No. 16 para tratar estas tres propoziçoens tão simples:

1. Na serie rezultante do desenvolvimento de $f(x+i)$ não pode haver potencia fraccionaria de i , excepto se se derem certos valores particulares a x .

$$2. f(x+i) = f x + i f' x + \frac{i^2 f'' x}{1.2} + \&$$

3. Se na serie $f x + p i + q i^2 + \&$ se poder attribuir a i hum valor tão pequeno como se quizer, cada termo da dita serie poderá vir a ser maior que a somma dos termos seguintes.

Eisaqui como eu de monstro a primeira e segunda pelas duas primeiras do liv. 9, independentemente da def. 2, que M. P. rejeita. cc xx

Demonstraçãõ. Na formula $f x = 1 + c x + \frac{\quad}{2}$

+ & da Nota XIII escreva se $x+i$ em lugar de x ; executem-se as multiplicaçoens indicadas pelo methodo do 4 e 8 livros; e ordenando os termos relativamente a $i, i^2, \&$, representem-se os co-efficientes; [que serãõ diversas funcçoens de x] por $p, q, \&$, ou por $f'x, f''x, \&$ [o que hé igualmente permittido]:

$$\text{será } f(x+i) = f x + p i + q i^2 + \dots = f x + i f' x + \frac{i^2 f'' x}{2} + \&; \text{ e não poderaõ entrar nestas series senãõ}$$

productos de i , multiplicado por si mesmo, em quanto nos valores de f e x não entrarem se não productos semelhantes de i .

Demonstraçãõ da terceira. Seja t qualquer termo de huma serie em proporçãõ continua, e represente i [$< \frac{1}{2}$] a razãõ: será $t > t i$. isto hé, $t > t i + t i^2 + \&$.

Supponhaõ-se i tão pequeno como for preciso, e por consequencia t não menor que qualquer dos co-efficientes $p, q, \&$; segue se, á fortiori a 3.

Ninguem negará que estas demonstraçoens sãõ tão breves como elementares, e rigorosas: pelo contrario

as demonstraçoens da I. e 3. segundo o methodo de La Grange, sobre longas e difficéis, parecem-me [salvo erro] summamente deffeituosas. Com effeito para as demonstrar recorre o illustre Geometra á doutrina das raizes, e á huma proposição de Geometria infinitesimal. Ora ambas estas doutrinas são ramos das funcçoens analyticas, ao menos segundo o methodo de demonstraçoão do dito Geometra; logo para demonstrar as duas *proposiçoens primeiras* da theorica das funcçoens analyticas, recorre de La Grange a dous diversos ramos da theorica das funcçoens analyticas; donde se segue que nas suas demonstraçoens há circulo vicioso, ou pelo menos coiza que o parece; e isto sem fallar nas oito longas paginas, que vão desde o No. 10 até o No. 16. Poderão replicar-me que a Geometria infinitesimal pode não ser, na mente de La Grange, hum ramo das funcçoens analyticas: mas então peor, porque a Geometria infinitesimal ainda não está demonstrada [que eu saiba] senão nos Principios Mathematicos de Joze Anastacio, como se verá mais abaixo.

XVI.

“ Hum paradoxo ainda fica por explicar, e hé—admitte, ou não, esta raiz impossivel alguma operação arithmetica, que se lhe applique como se ella effectivamente denotasse huma quantidade, e donde vem que tratando-se assim, conduz a verdadeiras e uteis conclusões.”

Confesso que não entendo sufficientemente em que consiste este paradoxo: mas quer-me parecer que se M. P. o enunciasse, ou antes exemplificasse de huma maneira mais determinada, eu o teria resolvido ou por algum dos escholios do livro 10, ou por alguma das applicaçõens da prop. 12, do mesmo livro. É porque? Porque a theoria do livro 10 hé rigorosa; e nenhuma theoria rigorosa deve dar lugar a paradoxos, senão sophisticos.—A propozito da prop. 12, não posso deixar de admirar-me, de que ella escapasse á M. P. ! Nem se quer huma palavra! Entretanto o A. estava certamente persuadido de que a sua *exegese* desbanca em facilidade todas as que se tinhaõ inventado até o seu tempo, sem exceptuar a de La Grange.

XVII.

“ No decimo livro contém-se diferentes methodos, cujas demonstraçoens são rezervadas para huma subsequente parte da obra. Assim a 6 propozição do decimo he a regra de Cardan para a soluçãõ das equaçoens cubicas; porem a demonstraçãõ só se dá no livro 21, pag. 288. A razãõ deste procedimento não se vê.”

Pois não há coiza mais facil de ver. Se M. P. assim como advertio na falta de demónstraçãõ da 5 e 6 do liv. 10, se demorasse hum instante na demonstraçãõ da 7, promptamente teria visto a *razãõ daquelle procedimento*; e de caminho talvez achasse digna d’attençaõ a elegancia da formula para os polynomios do 4. grão, assim como o arteficio de que o A. uzou para abreviar a demonstraçãõ della.

Digo pois que para se demonstrarem syntheticamente a 5 e 6, se deve fazer o mesmo que o A. fez para demonstrar a 7: isto hé devem-se substituir os valores de x [segundo a 5 e 6], nos polynomios respectivos, e o observar se os ditos polynomios se reduzem a \odot ! Se se reduzirem a \odot , ficaraõ demonstradas a 5 e 6 pela 1 do liv. 10. Tal hé o methodo de demonstraçãõ do liv. 10.—Logo se o A. omittio operaçoens d’Algebra taõ elementares, e taõ faceis de supprir, na 5 e 6, foi porque a experiencia lhe tinha mostrado que os principiantes, e talvez alguns ensinadores, quando encontraõ semelhantes calculos por extenso, não se cançãõ em repetillos. Mas entãõ para que demonstrou a 7?—Para indicar isto mesmo, e tambem porque a demonstraçãõ da 7, sobre maneira mais difficil que as da 5 e 6, não estaria talvez ao alcance do maior numero de professores.

Cumpre pois observar [e este he o principal objecto da presente nota] que não he o mesmo demonstrar a formula de Cardan pela prop. 1. do liv. 10., ou investigalla, conforme o estylo da 6. do liv. 21. Neste livro recorre-se a hypotheses não comprehendidas em definiçoens fundamentaes; e no liv. 10. não se deve recorrer senãõ a ellas, ou a theoremas demonstrados. Eis a razãõ porque o A. não misturou nos livros 9 e 10, as demonstraçoens 5 e 6 do liv. 21.

Achou provavelmente que conyem ensinar os principiantes a distinguir *investigaçoens analyticas* de rigorosas *demonstraçoens syntheticas*.

XVIII.

“ Nos passaremos em claro os livros intermedios desde o 10 até o 15, ... por não conterem coiza alguma cujo methodo seja mui differentes daquelle, que ordinariamente se segue.”

Para mostrar quanto esta passage em claro foi accelerada bastará advertir que os escolios da prop. 8. do liv. 13., e da prop. 11. liv. 14, são duas novidades importantissimas na applicação da Algebra á Geometria. Os casos a que os ditos escolios se referem, e muitos outros paradoxos semelhantes, observados por Euler, D'Alembert, &c. &c., he que justificaõ o simples titulo d'hypothese, que o A. deu á *regra dos signaes* no livro 8. Trata-se pois nos ditos escolios e hypotheses do liv. 8 de submeter á observação os resultados da analyse; e de reconhecer, mesmo em Mathematicas puras, a authoridade da experiencia. Ora quer me parecer que huma innovação tão consideravel, se faz digna ou da mais severa critica; ou de huma approvação solemne.—Porem o meu objecto não he analysar a Obra de I. A. por inteiro; he somente responder ás objecçoens de M. P. Assim saltaremos tambem ao livro 15.

XIX.

“ A definição que no livro 15 se da defluxão he muito difficil de entender, e tal que, como nos a entendemos, será para hum principiante perfeitamente incomprehensivel.”

A escuridaõ, que M. P. achou na definição 4. do liv. 15, he bem facil de justificar. O A. dividio a sua theorica das fluxoens em dous ramos, *hum algebraico*, que se compoem da proposição 1 do livro 15, e de todas as que della dependem; *outro geometrico*, cuja

proposição primeira he o axioma d'Archimedes*, e que se compoem das proposiçoens 13, 14, 17, e 18, liv. 15, e 39, 40, 41, liv. 16, &c. No primeiro ramo algebraico seguiu o seu methodo ordinario, recorrendo sempre á definiçãõ fundamental, ou á theoremas deduzidos della; no segundo ramo Geometrico adoptou o methodo de demonstraçãõ dos antigos, chamado vulgarmente *d'exhaustãõ*. Ora a definiçãõ 4, liv. 15, he comum a ambos; logo deve ser mais complicada, e por consequencia menos intelligivel que qualquer definiçãõ de fluxaõ, que não comprehenda senãõ hum dos dous ramos.

Assim concedo que a definiçãõ 4 deve ser tanto menos intelligivel á qualquer principiante, quanto elle tiver ideas menos adequadas do objecto definido. Porem isto he precisamente o que costuma succeder em todas as definiçoens exactas. Ninguem ha que não entenda, quazi á primeira vista, a definiçãõ, por exemplo, de circulo; porque todos sabem desde a infancia que coiza he circulo: mas que tempo não levaõ as definiçoens ordinarias d'angulo, proporçãõ, potencia, logarithmo, &c. &c.? He preciso que o principiante leia e releia os corollários dellas para vir a entendellas, mesmo imperfeitamente. Por isso d'Alembert, queixando-se-lhe alguem de não confiar demasiado nas principios geraes, não sei de que doutrina [talvez da sua *Mechanica*] respondeu: *não importa: leia sempre que a fé ella lhe virá*. “N'importe: lisez toujours, et la foi vous viendra.” Assim diria eu a qualquer discipulo de I. A. que chegando ao fim do livro 14, não entendesse immediatamente a def. 4, do liv. 15: lei-a, lhe diria eu, até a prop. 14 do livro 15, e verá que a def. 4 he taõ intelligivel como todas as definiçoens fundamentacs dos livros precedentes; taõ exacta, como, por exemplo, a definiçãõ de proporçãõ.—Com tudo, se o discipulo tivesse já algumas ideas anticipadas da palavra fluxaõ, em tal cazo, para evitar illusoens, usaria de hum arteficio semelhante áquelle, de que ja usei á cerca da palavra

* O axioma d'Archimedes no liv. 15 parece-me huma incoherencia do A., pela raziãõ dada na Nota IX; deve-se converter em definiçãõ de curva. Veja-se o Supplemento citado na dita Nota.

potencia na Nota XIII. Em vez de começar pela def. 4, passaria immediatamente a explicar-lhe os primeiros theoremas do liv. 15, omittindo nas demonstraçoens respectivas a palavra fluxaõ, e substituindo em lugar della as frases ou circumlocaçoens conrespondentes da def. 5. Desta sorte, quando chegássemos, por exemplo a prop. 14; já o discipulo entenderia perfeitamente a def. 5; porque entaõ teria sufficientes ideas dos objectos Geometricos, e analyticos de que ella trata. Veja-se o exemplo da seguinte Nota.

XX.

“ Quanto melhor sería chamar fluxaõ de qualquer funcçaõ o primeiro termo do incremento desta funcçaõ?”

Todos, ou quazi todos, se tem enganado com a theoria das fluxoens, considerando-a como hum methodo exclusivamênte analytico. Na doutrina mesma das *primeiras e ultimas razoens das quantidades nascentes e fenescentes* de Newton, que não he senaõ a demonstraçaõ synthetica da sua analyse fluxonaria, não apparecem hem distinctos e separados os dous ramos, geometrico e analytico, de que acima fallamos. Assim não he muito que M. P. se enganasse tambem a este respeito, e que rejeitando por isso mesmo a definiçaõ de fluxaõ do nosso A., que comprehendê ambos os ramos, preferisse outra, que não comprehendê senaõ hum. Mas pergunto: a proposiçaõ, que I. A. converteu em definiçaõ de fluxaõ, he ou não he verdadeira? M. P. concede que a def. 4, *contem na verdade a idea de fluxaõ*. Logo para M. P. fundamentar a preferencia que da á definiçaõ de fluxaõ, geralmente adoptada pelos Geometras Francezes, tem obrigaçaõ de deduzir della rigorosamente, a def. 4, que rejeita. Assim em quanto M. P. preenche este seu dever, vou eu satisfazer ao meu, deduzindo da definiçaõ rejeitada a definiçaõ Franceza, que M. P. prefere.

Proposiçaõ. O primeiro termo do incremento de huma funcçaõ *analytica*, será a fluxaõ da dita funcçaõ,

quando a raiz for numero, e se der ao incremento da raiz, o nome de fluxaõ da raiz.

Demonstraçaõ. Represente P o primeiro termo do incremento $f(x+i) - fx$, e seja i hum numero escolhido á vontade para se chamar fluxaõ do numero x.

Pois he $f(x+i) - fx = if'x + \frac{ii f''x}{2} + \&c.$

[Not. XV.], será $P = if'x$, e por consequencia

$\frac{P}{i} = f'x$: mas $f'x$ não depende de i [Nota XV.];

logo suppondo constante tudo o que de i não depende,

será $\frac{P}{i}$ constante. Seja i infinitessimo, ou taõ pe-

queno como se quizer, e tudo o que de i nao depende

constante: será $f \frac{(x+i) - fx}{i} = \frac{P}{i} = \frac{if''x}{2} + \frac{ii f'''x}{2 \cdot 3}$

+ &. infinitessimo, ou \odot , pela prop. 1. liv. 15, ou pela 3 da Nota XV. Logo P será fluxaõ de fx, pela def. 4, liv. 15.

E haverá principiante taõ rude, que depois de entender o liv. 9 do A., deixe de entender immediatamente a def. 4, logo que lhe for explicada á vista deste exemplo, e da demonstraçaõ da prop. 13 e 14 do liv. 15?

XXI.

“ A definiçaõ 4 do liv. 15 contem na verdade a idea de fluxaõ; mas para descobrir o que ella contem hé preciso estar ja familiarizado com o calculo.”

Para descobrir o que a def. 4 contem, quando se applica ao ramo Geometrico [por exemplo ás proposiçoens 13 e 14 do liv. 15] não he preciso calculo propriamente dito: bastaõ os seis primeiros livros do nosso A., e o axioma de Archimedes. Para se descobrir o que ulla contem, quando se applica ao ramo analytico, basta o liv. 9: na demonstraçaõ precedente

até se não precisa de calculo exponencial! He provavel que M. P. se illudisse com os signaes do enunciado.—Pois eu vou supprimillos sem alongar o enunciado.

Definição. Sendo A, B, x, i figuras geometricas, ou expressoes analyticas, dependa B de $x + i$, como A da variavel x; e represente E a differença $B - A$. Seja P homogeneo a E, e supponha-se constante a razão P : i, por mais que varie i, em quanto A não mudar de valor. Não mude A de valor, e supponha-se a variavel i sempre mais pequena, até que a differença entre as duas razões E : i, e P : i, ou seja nulla, ou tão pequena como se quizer. Em semelhantes cazos chama-se P fluxão de A, quando se dá a i o nome de fluxão de x.

Tão elementares são as definições do livro 15! até se podem explicar á qualquer que nunca ouvisse fallar de calculo.

(Continuar-se-ha.)

CONTINUAÇÃO

Dos Extractos dos Elementos de Chimica concernente á Agricultura, &c. &c. &c. Por Sir Humphrey Davy.

Continuados de pag. 262.

GEOLOGIA DAS ILHAS BRITANNICAS.

Visto ter-mos tratado das rochas, que constituem os terrenos, não será fora de proposito o dar-mos huma descripção da constituição geologica da Gram Bretanha, e Irlanda.—O Granito forma a serra, que se estende de *Land's End* por entre *Dartmoor* até *Devonshire*. Os mais altos rochedos em *Somersetshire* são compostos do *grauwacke* e pedra calcarea. Os montes *Malvern* consistão de granito *sielite*, e porfiro. As mais altas montanhas em Galles são *chlorite schistus*, ou *grauwacke*.

O Granito existe no monte *Sorrel* em *Leicestershire*. A grande cordilheira de montes em *Cumberland* e *Westmoreland* consta de *porfiro*, *chlorite schistus*, e *grauwacke*; e o granito descobre-se nas suas partes occidentaes. Por toda a Escocia as mais elevadas rochas são *granito*, *seanite*, e *micaceous schistus*.—Não se achão verdadeiras formaçoens secundarias no sul da Gram Bretanha, para as partes occidentaes de *Dartmoor*; nem basalto nas partes austraes do *Severn*. O districto de greda se estende da parte occidental de *Dorsetshire* ate á costa oriental de *Norfolk*. Minas de carvão achão-se em grande quantidade no territorio entre *Glamorganshire* e *Derbyshire*; e juntamente nos *strata* secundarios de *Yorkshire*, *Durham*, *Westmoreland*, e *Northumberland*. A pedra serpentina descobre-se somente em tres lugares na Gram Bretanha; i. e. perto de *Cape Lizard* em *Cornwall*, *Portsoy* em *Aberdeenshire*, e *Ayrshire*. O Marmore granular negro, e cinzento acha-se perto de *Padstow* em *Cornwall*; e outros marmores primarios corados existem na vizinhança de *Plymouth*. A Escocia abunda de marmores primarios corados; e o marmore branco granular descobre-se na Ilha de *Sky* em *Assynt*, e nas bordas do *Loch Shin* em *Sutherland*. A maior parte de minas de carvão na Escocia existe em *Dumbartonshire*, *Ayrshire*, *Fifeshire*, e nas ribeiras do *Brora* em *Sutherland*. A Pedra calcarea, e pedra arenosa descobrem-se em quasi todas as provincias baxas para a parte do Norte de *Mendip Hills*. Na Irlanda ha cinco grandes associaçoens de montanhas primarias; i. e. as montanhas de *Morne* no condado de *Down*; as montanhas de *Donegal*; as de *Mayo* e *Gallway*, as de *Wicklow*, e as de *Kerry*. As rochas, que compoem as quatro primeiras destas serranias, são principalmente granito, gneis, sienite, micaceous schistus e porfiro. As montanhas de *Kerry* constaõ quasi inteiramente de quartzo granular, e chlorite schisto. O Marmore corado acha-se perto de *Killarney*, e marmore branco na costa occidental de *Donegal*.—A Pedra calcarea e arenosa são as rochas communs secundarias, que existem no Sul de *Dublin*. Em *Sligo*, *Roscommon*, e *Leitrim* descobrem-se pedra calcarea, pedra arenosa, pedra ferruginea, e carvão betuminoso. As montan-

has secundarias nestes condados são mui elevadas, e muitas dellas tem summidades balsaticas. A costa septentrional da Irlanda consiste principalmente de basalto; esta rocha existe de ordinario sobre huma pedra calcarea branca, contendo camadas de pederneira, e os mesmos fassis, que a greda possui; mas he muito mais dura, que este ultimo mineral. Ha algumas partes neste districto, em que se acha basalto colunar sobre pedra arenosa, e *shale*, alternando com carvão. Este ultimo descobre-se na Irlanda, principalmente em Kilkenny, misturado com pedra calcarea e grauwacke.

TERRENOS ALLUVIAES.

Em geral os terrenos, cujos materiaes são os mais heterogeneos, são aquelles chamados alluviaes, ou que tem sido formados das deposiçoens dos rios. Muitos delles são extremamente ferteis. Eu tenho examinado alguns terrenos alluviaes productivos, os quaes tem sido muito differentes na sua composição. O terreno das bordas do rio *Parret* em Somersetshire, produzio, em experiencias que fiz, 8 partes de materia terrea bem dividida, e huma parte d'area siliciosa; e huma analysis da materia bem dividida deo as seguintes rezultas.

	Partes
De carbonato de cal	360
— alumina	25
— silica	20
— oxido de ferro	8
— materia animal, vegetal, e salina	19

Hum terreno fertil na visinhança do Avon, no valle de *Evesham* em Worcestershire, sendo tambem analysado rendeo $\frac{3}{4}$ de area fina, e $\frac{2}{3}$ de materia impalpavel; esta ultima era composta

	Partes
De alumina	35
	41

De carbonato de cal	-	-	-	14
— oxido de ferro	-	-	-	3
— materia vegetal, animal, e salina	-	-	-	7

Huma porção de hum bom terreno de Tiviotdale produzio $\frac{1}{8}$ de area fina siliciosa, e $\frac{1}{8}$ de materia impalpavel, a qual constava

	Partes			
De alumina	-	-	-	41
— silica	-	-	-	42
— carbonato de cal	-	-	-	4
— oxido de ferro	-	-	-	5
— materia animal, vegetal, e salina	-	-	-	8

Hum terreno excellente para pasto no valle d'Avon perto de Salisbury—deu $\frac{1}{11}$ de area siliciosa grossa, e a sua porção fina constava

	Partes.			
De alumina	-	-	-	7
— silica	-	-	-	14
— carbonato de cal	-	-	-	63
— oxido de ferro	-	-	-	3
— materia vegetal, animal, e salina	-	-	-	14

Em todos estes casos a fertilidade parece depender do estado de divisaõ, e da mistura dos materiaes terreos com a materia vegetal, e animal.

MELHORAMENTOS.

Se acaso investigar-mos a composição dos terrenos estereis com a intenção de querer melhora-los, devemos attender principalmente á algum ingrediente particular, cuja presença he a causa do seo defeito; se possivel for, será proprio o compara-los com terrenos ferteis situados na mesma visinhança, e em semelhantes situaçoens; pois que a differença de composição pode em muitos casos indicar o melhor methodo de melhoramento.—Se lavando hum terreno esteril acharmos, que este contem saes de ferro ou alguma materia acida, o melhor modo de corrigir esta imperfeição será pela applicação de cal viva. Huma

porção de terra extrahida de hum terreno de huma soffrivel textura, em Lincolnshire foi-me apresentada por Sir J. Banks informando-me que era particularmente esteril : examinando-a achei, que continha sulphato de ferro, e suggeri o remedio obvio i. e. de adubar a superficie desta terra com cal, visto esta ter a propriedade de converter o sulphato em estercos. Se acaso no terreno houver excesso de materia calcarea, devemos usar area e barro. Terrenos, que abundão em area são melhorados pelo uso do barro commum, barro branco, ou materia vegetal. Hum campo pertencente á Sir Robert Vaughan em Nannau, Merionethshire, cujo terreno consistia de huma area leve, foi muito queimado no verão de 1805 ; eu recomendei a este senhor, que tivesse a superficie do dito campo estercada com *peat*. A experiencia foi seguida dos melhores effeitos ; e Sir Robert informou-me o anno passado, que a melhora era permanente. Falta de materia animal e vegetal deve ser supprida por esterocos ; ao contrario o excesso da dita deve ser removido queimando-se parte d'ella, ou remediado por meio da applicação de materiaes terreos. Os terrenos pantanosos devem ser primeiramente esgotados antes de applicarmos alguma coisa para melhorar a sua natureza ; visto que agoa encharcada he prejudicial á todas as classes de plantas nutritivas. Lamações negros e molles depois de serem seccados tornaç-se frequentemente productivos se adubarmos a sua superficie só com area, ou barro. Quando os pantanos contem substancias acidas ou ferrugineas, a materia calcarea he absolutamente necessaria para converte-los em terrenos proprias para culturação. Quando ha excesso de ramos e raizes d'arvores, ou quando a sua superficie consta inteiramente de vegetaes viventes, devemos ou tira-los fora, ou queima-los ; e se lançarmos mão deste ultimo methodo, as suas cinzas produzirão ingredientes terreos, os quaes melhorarão a textura dos pantanos.—Os melhores terrenos naturaes são aquellos, cujos principios tem sido derivados de varios *strata* ; tem sido bem divididos pelo ar e agoa, estão intimamente misturados ; e aconselhamos ao lavrador, que nos seos planos de melhorar terrenos haja sempre de imitar os processos da natureza.

Poucas são as vezes, que não podemos ter accessos aos requisitos necessarios para obter-se este objecto: area grossa acha-se frequentemente sobre a greda; e montões d'area e cascalho existem a miudo debaixo de barro. O trabalho de melhorar a textura ou constituição do terreno he recompensado pela grande, e permanente vantagem, que dahi resulta; por necessitar-se de menos esterco; e pela certeza da sua fertilidade; e o dinheiro que se gasta nestes melhoramentos assegura para sempre a fecundidade, e consequentemente o valor, do terreno.

PRINCIPIOS DE ESTERCOS.

As substancias animaes, e vegetaes, como continuamente observamos, são consumidas na vegetação; e o unico modo de que ellas podem nutrir a planta he produzindo materias solidas, que sejaõ soluveis n'agoa; ou substancias gasosas, que possaõ ser absorvidas pelos fluidos nas folhas dos vegetaes: ora as suas partes gasosas visto diffundirem-se pela massa do ar ambiente, (tendencia esta, que todos os gases possuem), produzirão hum effeito comparativamente pequeno. Assim quando applicarmos esterco devemos fazer, com que estes ministrem ás raizes das plantas toda a quantidade possivel de materia solúvel; e isto de hum modo tam vagaroso e gradual que esta seja inteiramente dispendida na formação do succo e partes organizadas das plantas.—Fluidos mucilaginosos, gelatinosos, sacarinos, oleosos, e extractivos, e a solução d'acido carbonico em agoa, são as substancias, que nos seus estados inalterados, contem quasi todos os principios necessarios para a vida das plantas; porem poucos são os casos, em que estas se podem applicar nas suas formas puras; e os esterco vegetaes em geral contem huma grande quantidade de materia fibrosa insolúvel, a qual deve passar por mudanças chemicas, antes de converter-se em alimento proprio para as plantas.—Quando os esterco constarem principalmente de materia solúvel n'agoa, he evidente, que devemos prevenir, tanto quanto podemos, a sua fermentação, e putrefacção, e os

unicos casos, em que estes processos podem ser proveitosos, são quando o esterco consta principalmente de fibra animal ou vegetal. Para effectuar-se a putrefacção das substancias animaes devemos servir-nos de circumstancias semelhantes, as que são necessarias para a fermentação das substancias vegetaes,—taes são—hum graão de calor acima do ponto regelante, a presença d'agoa, e a presença de oxygenio ; estes requisitos são indispensaveis ao menos no principio do processo.—Para prevenir-mos a decomposição dos estercoos devemos preserva-los seccos, defende-los do contacto do ar, e conserva-los o mais possivelmente frios.

(Continuar-se-ha.)

POLITICA.

AMERICA.

VENEZUELA.)

Os nossos leitores que se lembrarem da representação energica que fez hum virtuozo e patriotico Fiscal da Audiencia de Venezuela, e que transcrevemos a pag. 448, do nosso No. de Setembro passado, hoje veraõ com a maior magoa e horror, que os seus leaes e bem entendidos principios não foraõ adoptados, e que por consequencia ja estaõ realizados todos os males e todas as calamidades que elle tanto receava.

O fogo da insurreiçãõ ja devora quasi todas as provincias, e huma multidaõ de Americanos cegos e illusos pelega incarniadamente contra a Hespanha para conquistar a sua independencia e a separaçãõ da Metropole. Qual sera pois o ultimo rezultado desta lucta fratricida, que tem todos os symptomas de ser longa e fatal, senãõ a despovoaçãõ da America, e a ruina da sua agricultura e das suas minas, que nem dois seculos poderaõ restabelecer! Se a Hespanha e se a maim patria, que igualmente corre a exhaurir-se, tenta illuminar com artilharia e baionetas seus proprios filhos pouco prudentes ou enganados, e em vez de os chamar a si e concilia-los, continua a mandar-lhes homens que desenvolvaõ o mesmo caracter e as mesmas paixoes de Monte Verde, comettera sem duvida o maior e mais perigozo de todos os erros politicos, e ficará responsavel á todas as naçoens, que tom Colonias, de quantas consequencias fanestas podem rezultar de taõ *anti-liberal* e atroz procedimento.

Caracas, segundo o que temos visto, tem dado huma lição importantissima e solemne não só aos Americanos e Hespanhoes, porem á todos os povos do mundo. Paiz nenhum se podia considerar mais sujeito, depois de huma revolução, do que o estava Venezuela. O Ceõ e a terra revoleo ter conspirado para esta grande obra. Atemorizado o

povo com o terremoto e com todos os horrores de hum governo revolucionario deitou-se com ancia nos braços da Hespanha. Mas que dice, da Hespanha? Esta nunca pode ter, á duas mil legoas de distancia, hum poder real naquellas regioens. Entregou-se pois nos braços da Hespanha, isto he, nos braços de hum Capitaõ General, e de hum despota militar absoluto. O resultado foi o que se esperava. O Capital-general mostrou praticamente, que a submissãõ á força armada he em cazos semelhantes o peor de todos os recursos, porque ja Venezuela está outra vez em poder dos chefes da revolução, e por toda a parte ja se grita: *A baixo a Constituiçao; a baixo Monte Verde!* Assim talvez para a Hespanha estas taõ bellas provincias ja estão hoje mais perdidas do que nunca; e se o governo Hespanhol não muda de conselho, e continua na sua obstinaçãõ, ambos os seos dois continentes na America pode ser lhe escapem de huma vez sem mais tornarem a voltar.

He verdade que lhe poderá mandar outra expediçãõ, e outro Monte Verde; mas como não lhe pode mandar ao mesmo tempo outro terremoto, a conquista será da maior difficuldade. Supponhamos com tudo, que depois de mil incendios, mil violaçoens, e mil mortes Venezuela torna a sujeitar-se: quem atará as mãos ao novo despota, para que novamente a não pónha em circumstancias de revoltar-se? Seraõ bastantes para impedila ou a Constituiçãõ ou as representaçoens da Audiencia, enviadas á pressa no primeiro navio da Europa? Insistir sobre a virtude da Constituiçãõ para governar com equidade as Americas, deixando-as ao mesmo tempo sujeitas a governadores e a Capitaens-generaes, que se mostrem mais tigres do que homens, he o mesmo que escarnecer de todas as suas calamidades. Esperar que as Americas, depois que ja tem derramado seo sangue para defender suas liberdades, se submetãõ cegamente a hum governo que ellas entrãõ a olhar como estrangeiro e inimigo, logo desde o momento que para o combater sacrificãõ as suas vidas; ou o que ainda he mais extraordinario, queiraõ obedecer á hum chefe, que as governe com huma vara de ferro ou hum azurrague; sim he esperar couzas impossiveis, e que altamente repugnaõ com os sentimentos indeleveis do coração humano.

Concluamos pois, que quanto tem acontecido em Caracas he huma demonstraçãõ pratica contra o pessimo e detestavel plano, que a Hespanha tem seguido, e ainda não cessa de seguir a respeito da importantissima sorte das Americas. Concluamos ainda mais: que este exemplo deve fazer tremer, e abrir os olhos a todos os governos, mostrando-lhes, que todo o sistema ferós e abominavel de suspeitas, dela-

çoens, carceres, e exterminios não faz mais do que levantar barreiras invenciveis entre o patriotismo e lealdade de hum mesmo povo; e não faz senão crear odios a rancóres que, ulcerando profundamente os coraçóens, podem por hum momento ser comprimidos pela força, mas que cedo ou tarde taõbem podem fazer huma explozaõ que devore os offenders e offendidos.*

* Extrahimos huma parte destas ideas do *El Espanhol*, hum excelente periodico que aqui se publica em Londres; e como taõbem promete dar alguns Extractos da interessante Obra, intitulada—Historia da Revoluçao do Mexico—impresa depois de pouco tempo, nao deixaremos de igualmente os communicar aos nossos leitores assim que as circumstancias o permitãõ.

E U R O P A .

F R A N C A .

Naõ he possivel continuar neste No. a inserção dos documentos relativos a guerra da Suecia, e da Austria : o que faremos nos seguintes.

SESSOENS DO SENADO.

NOVA CONSCRIPÇÃO DE 300 MIL HOMENS, &c.

Sessão 12 de Novembro de 1813.

O Senado se juntou as duas horas depois do meio dia, prezidido por S. A. S. o principe Archichanceler do Imperio.

S. Ex. M. O Conde Regnaud de Saint-Jean-d'Angely, ministro de estado, concelheiro de estado, e M. o Conde Molé, concelheiro de estado, havendo sido introduzidos na Salla, apresentáraõ tres projectos de Senatus-Consultos. (Veja-se adiante a Sessão de 15 de Novembro.)

M. o Conde Regnaud de Saint-Jean-d'Angely expôz os motivos do primeiro pela maneira seguinte.

Motivos do Senatus-Consulto, que poem 300 mil homens á disposição do Ministro da guerra.

“ MONSEIGNEUR, E SENADORES.

“ Ainda vos deve ser bem presente essa memoravel Sessão, em que comprindo aomesmo tempo com os deveres augustos de Regente de esposa, de maim, e de Franceza, a Imperatriz vos veio expor as precizoens da França.

“ Os Sentimentos, que ella excitou nesta Salla, rapidamente se communicávo as extremidades do Imperio, e ainda se conservaõ em todos os coraçoes.

“ Todos os que saõ verdadeiramente francezes sentiraõ, que na actual situação da Europa, a nação não podia esperar

de manter a sua ordem politica, conservar a sua dignidade, providenciar a sua segurança, e defender o seu territorio, senão proporcionando os seus esforços para vencer, aos esforços que se tentaõ para a subjugar; e fazendo que o poder dos seus exercitos, e extenção dos seus recursos sejaõ superiores ao poder, e aos recursos dos estados coalisados contra ella.

“ Porem nessa epocha, Senhores, ainda a deserção da Baviera não se tinha consumado: a lealdade franceza ainda mostrava toda a sua honra em a não querer acreditar.

“ Nesse tempo ainda, vos ignoraveis que os Saxonios tinhão no meio de combate desertado das suas fileiras em os nossos exercitos para hirem occupar aquellas que ja de ante-mão lhes estavaõ designadas nos exercitos dos nossos inimigos: Sim ainda não sabieis, que a artilharia, fornecida e aprovisionada pelos nossos arsenaes havia sido voltada contra os nossos batalhoens, inopinadamente fulminados pelas baterias destinadas para defende los.

“ Estes successos, de que não temos exemplos senão na antiga historia dos Reis da Asia barbara; estes successos, que ainda atheagora nunca tinhão maculado os gabinetes da Europa civilizada, nem haviaõ affligido os seus povos, tiveraõ pois consequencias, que algumas semanas antes não vos poderiaõ lembrar.

“ Com tudo, Senhores, os nossos mesmos inimigos, contando as suas derrotas e as suas perdas, confessão que os exercitos francezes tem sustentado a sua antiga e a sua immortal fama, apesar de todas estas calamidades.

“ Mas pela força das circumstancias, as victorias gloriosas ficáraõ estereis, e tantos triumphos se tornáraõ insufficientes; e o imprevisito e deploravel acontecimento da ponte de Leipsick deõ ainda ao inimigo, ainda taobem mui feliz por ganhar outra vez hum triumpho sem combate, novos tropheos sem perigo, e novos successos sem gloria.

“ A vista desta nova calamidade todos vós, Senhores, tendes observado, como por todas as partes apparece logo hum sentimento universal de tudo sacrificar com a maior generozidade. Entre a consternação publica, e mesmo entre a consternação dos particulares os corações francezes saltaraõ de indignação só com a idea da esperanza que tinha concebido o inimigo de triumphar da França, devastar o seu territorio, e de lhe vir dictar as leis.

“ O grito de perigo e de socorro, que deraõ nossos filhos e nossos irmaos, ainda em armas, e ainda combatendo com glória nas margens do Rheno, retinio nas margens do Sêna, do Rhodano, do Doubs, de La Girõnde, de La Mossella, e de La Loire; e sobre as montanhas do Jura, dos

Vosges, dos Pyrneos, e dos Alpes. Todos os velhos francezes tem mostrado, na sua boa vontade e desejos, sentimentos mui superiores ás necessidades de patria, e aos perigos e sacrificios necessarios para prevenir outros muito mais horrorozos não só pela sua extensaõ, mas pela humilhação de que seriaõ acompanhados.

“ Qual seria com effeito, Senhores, a nossa situaçãõ, se os inimigos que estaõ ja em alguns pontos das nossas fronteiras, e que ja as ameaçãõ por outros, chegassem a penetrar em fim em o nosso territorio? Que outra paz poderiamos nós esperar que não fosse a paz da escravidãõ ou dos tumulos? Com que insolentes e vergonhozas condiçoens as potencias que os seus interesses dividem, mas que os seus ressentimentos, associaõ, não procurariaõ ellas vingar-se da gloria dos nossos triumphos, da humilhação dos seus desastres, da necessidade que as obrigou a assignar tratados que ellas violáraõ, e athe mesmo da generosidade que lhos consentio?

“ Julgai pois, Senhores, o que isto seria, e a França taõ bem o julgue com vosco, por aquillo que os nossos inimigos ouzãraõ fazer em Dresda, ainda na prezença dos nossos exercitos reunidos, victoriosos, e ameaçadores.

“ Este Congresso, esperança do mundo, sollicitado e desejado pello Imperador, e que semelhante ao de Westphalia em 1648, só podia equilibrar e regular os interesses da Europa, foi recusado apezar das multiplicadas instancias do gabinete francez.

“ Os seus preparativos apparentes não eraõ senãõ huma forma enganadora, debaixo da qual se occultavaõ os aprestes effectivos de huma geral confederaçãõ.

“ Os denominados plenipotenciarios só eraõ na realidade huns agentes incumbidos de retardar o plano da campanha ja determinada, e não embaixadores encarregados de preparar os projectos de huma paz taõ desejada: eraõ sim homens apaixonados que apelavaõ para as armas e para a força em lugar de appellarem para a justiça e para a razãõ; homens em fim, ja decididos de ante-mão a não quererem discutir couza alguma, e pertendendo dictar huma capitulaçãõ em logar de debater hum tratado.

“ A esse tempo ja elles contavaõ com essas dezerçoens que nem nós queremos qualificar, contentando nos de deixar esta incumbencia a imparcialidade da historia, e do futuro; e ja punhaõ todas as suas esperanças sobre estas violaçoens de tratados, que ja tao bem Inglaterra tinha pago com o seu ouro, que muitos ameaços tinhaõ preparado, que o terror havia prometido, e que a fraqueza dava bem a entender. Ainda não estavaõ diante dos muros de Dresda, aonde pouco

tempo depois soffrêrão bem conhecidos desastres, e ja nos querião dar as leis.

“ E que fariaõ elles entao se houvessem atravessado o Rheno ou o Escalda, os Pyrneos ou os Alpes? Eu ja não pergunto que justiça, mas que condescendencia podia esperar a França, ou que tranquillidade a Europa?

“ A resposta, Senhores, vós a podeis ver nos documentos da historia.

“ No fim do reinado de Luis XV. se persuadia a Europa da existencia de huma balança politica, que as coroas tinhaõ huma segurança, a civilizaõ hum baluarte; e o throno do Polonia existia.

“ Huma coalizaõ impia se formou. Hum triumvirato de Reis uzou fazer huma mutua confissao das suas ambiçoens, designar a victima, marcar cada hum a sua porcao na preza commum: e a Polonia, principiando por ser desmembrada, desapareceo de todo poucos lustros depois, do numero das Coróas Europêas.

“ Que amarga dor, e que accuzaçoens vergonhozas não há tido a França pela fraqueza com que se houve em consentir neste attentado politico, que produzio depois resultados tao grandes e tao extraordinarios!

“ Ora pois, Senhores, á esta minha questaõ já a resposta está dada por esta mesma dor amarga, e accuzaçoens que temos tido.

“ A Polonia aviltada, dividida, aniquilada, e oprimida he huma lição terrivel e viva para a França ameaçada por estas mesmas potencias, que tem entrado em disputa pelos retalhos da monarchia Polaca.

“ Os mãnes dos Poniatowski, os mãnes do ultimo Rei dos Polacos, tao miseravelmente arrojado para longe do throno, os mãnes do ultimo General dos Polacos, tao gloriosamente enterrado debaixo de Louros, assas vos indicaõ com que inimigos temos que lutar, e quaes são os meios para obter a paz que nós queremos, e a tranquillidade que a Europa dezeja.

“ Hé de arrojar para longe do Imperio esta Liga, que lhe ameaça as fronteiras.

“ Se os exercitos coalizados podessem penetrar, ou estabelecer-se para cá dos Pyrneos, dos Alpes, ou do Rheno, a paz nunca raiaria sobre a França. Ella nunca poderá brilhar entre nós senao depois que tivermos repellido o inimigo para longe do nosso territorio.

“ Para satisfazer pois á estes dezejões, a esta necessidade, e a este dever do monarca e do povo, he que são precisas novas forças; e hé por isso que o Imperador confiadamente as pede á nação, que com tanto entusiasmo e generosidade ja lhas tem offerecido.

“ Fazendo recahir o chamamento, auctorizado pelo Senatus-Consulto, nas classes ja precedentemente libertadas, e descendo athe o anno 11, Sua Magestade céde ao imperio das circunstancias, assim como aos concelhos da justia, da sabedoria, e da humanidade.

“ Os homens, que se vierem alistar de baixo das aguias francezas, ja teráo a força e o valor para sustentarem a honra; e a joven conscripção adquirirá ao mesmo passo no serviço dos exercitos de reserva todo aquelle vigor, que ainda lhe falta para auxiliar os sentimentos que a animão, e de que as ultimas lévas tem dado nos campos de batalha taes provas que enchêrao de admiração as nossas velhas phalanges.

“ As guardas nacionaes que, armando se, prevenirão tão honrozamente o perigo, voltaráo aos seos lares; e os pais de familia, que as compunhaõ, seraõ restituídos ás suas occupaçoens, e aos seos trabalhos.

Senadores, as palavras que sahirem deste recinto para chamar as armas os descendentes destes mesmos Francos, que em tantas epochas gloriozas tem ja expulsado os barbaros da terra dos bravo-, da patria das artes, e do centro da civilização; sim, estas palavras seraõ repetidas por todos os pais, por todas as maens, por todas as espozas, e por todos os irmaons, cujos filhos, espozos, e irmaons estaõ neste momento pagando as suas dividas á patria. Ah! quantos destes não conta ainda a França! E quantos eu mesmo não conheço, que tendo ainda os olhos humidos do pranto, que dolorozas perdas lhe tem feito correr, ou conservando ainda seos coraçoes palpitantes de receio por aquelles que a Providencia athe agora conservou ao seo amor, apezar d'isso não cuidaõ em outra couza senaõ de enviar em seo socorro os outros bravos que lhes restaõ?

Nobres filhos da nossa cara França, defensores generozos da nossa glorioza patria, que estaes sobre o Rheno e os Pyrineos fechando as portas da França aos Inglezes, aos Russos, e seos alliados, vós não ficareis ahí desamparados na sancta e honroza lucta, á qual vos tendes votado em sacrificio. Esperai ainda algum tempo, e numerosos batalhoens de homens poderozos em força e bizzarria hiraõ ajudar-vos a reconquistar a victoria, e a libertar a terra franceza.

Hé pois só por esta forma, Senhores, que o Imperador, rodeado de toda a força e de todo o poder da nação; tao moderado como elle o era na epocha em que dava á Austria a paz de Leoben e de Campo-Formio, na esperanza de assignar em Rastadt a de toda a Europa; e tao generozo como na epocha em que elevava thronos, e os dotava com as suas conquistas, depois das victorias de Jena e d'Auster-

litz; poderá em fim preparar huma paz com sabedoria, equilibrar com justiça as condiçoens, e assigna-las com honra e dignidade.

O Senhor Conde Molé expoz depois os motivos dos outros dois projectos de Senatus-Consultos.

Motivos dos Projectos dos Senatus-Consultos relativos, o primeiro á prorogação dos poderes dos Deputados para o Corpo-Legislativo, da 4 serie; o segundo, á nomeação do Prezidente do Corpo-Legislativo, e as Sessoens Imperiaes desta corpo.

“ Monseigneur, e Senadores,

O Imperador nos ordenou de apresentar-vos hum projecto de Senatus-Consulta, em que determina que os Deputados de 4 serie para o Corpo Legislativo continuem no exercicio das suas funcçoens por todo o tempo que durar a sessaõ, que deve abrir se a 2 do Dêzembro proximo.

Esta mesma medida taobem ja vos foi proposta no principio deste anno, e vós a adoptastes pela Senatus-Consulta de 9 do Janeiro passado.

As razoes, que entaõ vos determináraõ, são ainda hoje muito mais fortes. A epocha da convocação do Corpo-Legislativo está taõ proxima, que não hê possivel poder substituir os Deputados que devem sahir; e os motivos desta convocação são taõ ponderozos, que ella de modo algum não pode ser deferida. Hé logo indispensavel que prorogeis como ja o tendes feito, as funcçoens dos membros que compoem a 4. Serie.

Alem disto, ainda estamos incumbidos, Senhores, de vos apresentar outro projecto de Senatus-Consulta. O artigo 1. diz, que o Imperador deve nomear o Prezidente do Corpo-Legislativo.

Athe agora S. M. o escolhia entre os cinco candidatos, que lhe apresentava o Corpo-Legislativo.

Mas pode muito bem acontecer, que os homens nomeados nesta lista, por mais dignos e distinctos que sejam pelas suas luzes, não sejam pessoalmente conhecidos do Imperador.

Como huma das prerogativas do Corpo-Legislativo hé o poder dirigir se directamente ao Soberano por meio do seu Prezidente, julgou-se, que para que estas communicações podessem ser uteis não só ao bem publico, mas especialmente ao Corpo-Legislativo, era mui proveitozo que o Prezidente fosse pessoalmente conhecido do Imperador.

Desta maneira o Corpo-Legislativo e cada hum dos seus membros estarão seguros de poder achar no seo Presidente hum intermediario, hum guia, e hum apóio.

Alem disto, no palacio há sempre certas formas e certas etiquetas, que he preciso conhecer, e que por não serem conhecidas podem occasionar enganos ou vagares, que são sempre mal interpretados pelos corpos do Estado. Tudo isto se evita pois com a medida que propomos.

A' estas considerações se pode ajustar ainda outra, que he a da economia.

Ao principio houve lembrança de propor que o corpo-legislativo fosse sempre presidido por hum grande Dignatario, hum grande Official do Imperio, ou por hum Ministro d'Estado ; porem a opiniaõ do conselho privado foi, que esta limitação tinha o inconveniente de privar os membros do corpo-legislativo de vantagem de poderem ser nomeados Presidentes.

O artigo 2. diz, que o Senado e o Conselho d'Estado assistaõ em corpo as Sessãoens Imperiaes do corpo-legislativo em virtude de cartas fechadas. Ahe agora o Senado não assistia senaõ por huma deputação, e muitas vezes os seus membros tem manifestado desejos de assistirem em corpo.

Sera pois hum brilhante espetaculo o ver reunidas em huma Sessão, para ouvirem as palavras emanadas do throno, todas as grandes auctoridades do Estado.

Nenhuma objecção racionavel se pode fazer contra esta proposição ; por que nestas sessoens solemnes, consagradas para a prestação do juramento dos novos membros, não pode haver discussaõ ou deliberação, e só alli são chamados para ouvirem o discurso emanado do throno."

Os tres projectos de Senatus-Consultos foraõ remettidos para commissões especiaes, e o Senado se adiou para a segunda feira seguinte.

Sessão de 15 de Novembro.

O senado se juntou as duas horas, presidido por S. A. S. o Principe Archi-chanceler do Imperio.

M. o Conde Dejean, em nome da commissão encarregada de examinar o primeiro projecto de Senatus-Consulta, fez o relatorio seguintes :

“ Monseigneur, e Senadores,

Vos remettes á huma Commissão especial o projecto de

Senatus-Consulto, que vos foi apresentado a 12 deste mez pelos Senhores Conselheiros d'Estado, oradores do governo, e que tinha por objecto o pôr á disposiçãõ do governo trezentos mil conscriptos, tirados das classes dos annos 11, 12, 13, 14, 1806, 1807, e mais annos seguintes athe 1814 inclusivo.

A commissaõ tem a honra de vos apresentar o resultado do seo exame.

“ Senadores,

Por mais dolorozo que seja o chamar hoje ás armas as classes ja precedentemente libertadas, a vossa commissaõ pensa todavia que as circumstancias exigem esta medida.

Por este modo vós fareis prontamente alistar debaixo das aguias Francezas homens, que tendo tanta força como valor, poderaõ supportar as fadigas da guerra, em parelhar em tudo com as nossas velhas phalanges, dar tempo á joven conscripçãõ para adquirir no serviço das praças e dos exercitos de rezerva o vigor que ainda lhe falta para pôr em execuçao os nobres sentimentos que a animaõ, e em fim facilitar e accelerar a volta para os seos lares das guardas nacionaes, cujo armamento taõ nobremente prevenio o perigo que ameaçava as nossas fronteiras.

Estas palavras do memoravel discurso da Imperatriz nesta mesma sallã : *Eu conheço melhor do que ninguem o que os nossos povos deviaõ reccear se huma vez se deixassem vencer*, tem resoado por todo o Imperio.

As protestaçoens dirigidas por todas as cidades á S. M. a Imperatriz Rainha e Regente devem ter vos convencido, que a França inteira está disposta para fazer todos os sacrificios que pedem a gloria e a segurança da Coroa, no que ella mais do que tudo interessa.

Sim ella sabe o que deve ao seo Soberano, e á honra do throno taõ gloriozamente fundado; hum throno, que he o palladium da sua independencia, e da sua existencia como nação. Alem disto não ignora a sorte que lhe está preparada, se podesse ser possivel o ficar mal na lucta presente.

Salvar a patria, arredar do seo seio os furores da guerra, preservar as nossas bellas campinas do incendio e da pilhagem, e forçar os nossos inimigos a huma paz honroza; eis aqui os vossos dezejõs, senadores, e os dezejõs de todos os Francezes. A França, e a Europa inteira precisaõ da paz e a dezejaõ; porem o povo Francez não quer senaõ huma

paz honroza e digna da gloria que nós temos adquirido ; e para a conseguir está disposto a empregar tanto vigor em defender se como a Europa ligada contra elle emprega em ataca-lo.

A Commissão vos propoem por consequencia, que adopteis o projecto do Senatus-Consulto.”

M. o Senador Chaptal, Conde de Chanteloup, seguiu-se a fallar depois do Conde Dejean, e fez os dois relatorios seguintes em nome da commissão encarregada de examinar os outros dois projectos de Senatus-Consultos.

Primeiro Relatorio feito por M. o Senador Chaptal, Conde de Chanteloup, em nome de huma Commissão especial.

“ Monseigneur, e Senadores,

PELO Senatus-Consulto de 28 Frimaire anno 12, S. M. nomeia o Prezidente do corpo legislativo sobre huma lista apresentada de hum candidato por serie, e aquella feita por escrutinio Secreto, e por huma maioridade absoluta.

Pelo mesmo Senatus-Consulto, S. M. designa doze membros do Senado para o acompanhar quando vai fazer a abertura de huma Sessão do corpo legislativo.

O projecto do Senatus-Consulto, que hoje vos he apresentado, modifica estas duas disposiçoens.

O artigo 1. diz : o Imperador nomeia quem ha de prezidir o corpo-legislativo.

Sem duvida athe agora o Imperador tem sempre podido fazer excellentes escolhas entre os candidatos que lhe tem sido apresentados ; porem a prudencia do governo, essencialmente providente, deve supor cazos em que a *candidatura* para a Prezidencia não apresente á escolha de S. M. senão homens que lhe sejaõ ou desconhecidos, ou que lhe pareçaõ não ter todas as qualidades requeridas pára dignamente preencherem huma taõ emminente dignidade.

Nestas circumstancias ou haveria embaraço na escolha, ou perigo de fazer alguma que fosse ma : o que poderia produzir consequencias muito tristes.

Com effeito, Senadores, o Prezidente do corpo legislativo tem relaçoens frequentes e immediatas com o Imperador : hé elle quem deve levar aos pes do throno os dezejões dos Deputados, e referir-lhes as intençoens de S. M. Deve ser o orgão das deputaçoens do corpo-legislativo enviadas a S. M., e exprimir com dignidade os sentimentos dos homens os mais recommendaveis do Grande Imperio. Deve gozar por consequencia de huma grande consideração, para que du-

rante a Sessão taõbem goze plenamente da estima e confiança de todos os seus collegas ; e assim possa estabelecer esta união de vontades, esta força moral, este espirito publico, que estreitaõ os vinculos entre os vassallos e o Soberano, e tornaõ a obediencia mais suave, os sacrificios menos penosos, e a fidelidade mais sincera e completa.

S. M., que altamente conhece a necessidade desta reuniaõ de grandes qualidades na pessoa do Presidente do corpo-legislativo, poderã muito melhor fazer huma escolha digna de si e deste corpo, quando taõbem poder escolher huma pessoa, que julgue a mais capaz de cumprir estas funcçoens sublimes.

O artigo 2. do mesmo Senatus-Consulta diz : que o Senado e o Conselho d'Estado assistaõ em corpo às Sessãoens Imperiaes do corpo legislativo em virtude de Cartas fechadas.

Em conformidade do Senatus-Consulta de 28 Frimaire, anno 12, o Imperador tem constantemente designado doze membros do Senado para o acompanhar quando tem hido fazer a abertura das Sessãoens do corpo-legislativo.

O Senatus-Consulta, que vos he apresentado, diz : que o Senado assistirá em corpo.

Esta disposiçaõ muito particularmente pareceo proveitoza á vossa commissaõ ; porque o Senado que nomeia os membros do corpo-legislativo he por isso mesmo o que maiores relaçoens tem com elle ; e porque nestas Sessãoens memoraveis, em que o Imperador falla do alto do seo throno á toda a naçaõ, o primeiro corpo do Estado taõbem alli devia ter hum honroso lugar.

Em consequencia, eu tenho a honra de propor em nome da commissaõ, que foi unanime, a adopçaõ do Senatus-Consulta, de que eu vou fazer vos a leitura."

Segundo Relatorio feito por Mr. o Conde Chaptal.

" Monseigneur, e Senadores,

" O segundo projecto de Senatus-Consulta que foi submettido á deliberação do Senado, e do qual eu tenho a honra de lhe apresentar o relatorio em nome da commissaõ especial nomeada para este effeito, diz ; que os Deputados para o corpo-legislativo da 4. Serie exercitaraõ as suas funcçoens por todo o tempo que durar a sessaõ, que se deve abrir a 2 de Dezembro de 1813.

Já pelo vosso Senatus-Consulta de 9 de Janeiro de 1813, vos decidistes, que os Deputados da 4. serie, cujos poderes

tinhaõ findado no 1. de Janeiro do mesmo anno, exercitassem as suas funcçoens durante a sessaõ, que se devia abrir no 1. de Fevereiro.

Os mesmos motivos, que entaõ determináraõ o Senado, tornaõ hoje a apparecer. O intervallo entre a Convocaçaõ e a epocha assignalada para a abertura da Sessaõ naõ hé sufficiente para ajuntar as assembleias electoraes, aprezenlar os candidatos, e submittê-los á nomeaçãõ do Senado. Hum novo motivo pode hoje justificar a nova medida que vos he proposta, e elle se acha bem patente nas circumstancias actuaes, que fazem a convocaçaõ do corpo-legislativo mui urgente e necessaria.

Alem d'isto, ja em tempos anteriores, e em diversas epochas o Senado prolongou as funcçoens dos Deputados para o corpo-legislativo.

Por esta forma o Senatus-Consulto de 28 de Abril de 1807 prolongou por hum anno os poderes dos Deputados para o corpo-legislativo dos Departamentos dos Apenninos, de Genova, e Montenotte.

O Senatus-Consulto de 30 de Dezembro de 1809 prorogou taõbem nas suas funcçoens, para a sessaõ de 1810, os Deputados da 5. serie para o corpo-legislativo.

Os actos emanados do Senado em cazos semelhantes auctorizaõ pois hoje a adopçaõ do Senatus Consulto, que vos he proposto.

É hé por estes motivos que a vossa commissaõ unanimemente taõbem hoje vos propoem que adopteis o Senatus-Consulto, que vou lêr-vos."

O Senado passou a votar, e approvou os tres projectos de Senatus-Consultos.

Segue-se o theor dos sobreditos Senatus-Consultos.

Napoleaõ, pela graça de Deos e pela constituiçaõ, Imperador dos Francezes, Rei de Italia, Protector da Confederaçaõ do Rheno, Mediador da Confederaçaõ da Suissa, &c. &c. &c.

A todos os presentes e futuros. Saude.

O Senado, depois de ter ouvido os Oradores do Conselho de Estado, decretou e nós ordenâmos o seguinte.

*Extracto dos Registros do Senado-Conservador, de Segunda
feira, 15 de Novembro de 1813.*

O senado-conservador, junto em numero de membros, prescripto pelo art. 90 do acto das constituições de 13 de Dezembro de 1799 ;

Considerando que o inimigo invadio as fronteiras do Imperio do lado dos Pyreneos e do Norte ; e que as do Rheno, e d'alem dos Alpes estão ameaçadas ;

A' vista do projecto de Senatus-Consulto, organizado na forma prescripta pelo art. 57 do acto das constituições de 4 d'Agosto, de 1802 ;

Depois de ter ouvido sobre os motivos do dito projecto os Oradores do Conselho de Estado, e o relatório da commissão especial, nomeada na sessão de 12 deste mez ;

Havendo sido a sua adopção deliberada pelo numero de votos prescripto pelo art. 56 do acto das constituições de de Agosto de 1802 ;

Decreta ;

Art. 1. Trezentos mil conscriptos, tirados das classes dos annos 11, 12, 13, 14, 1806, 1807, e mais annos seguintes athe 1814 inclusivo, são postos a disposição do ministro da guerra.

2. Cento e cincoenta mil homens serão alistados sem demora para se porem logo em actividade.

Os outros cento e cincoenta mil homens ficarão em rezerva para serem empregados sómente no cazo em que a fronteira de Leste seja invadida.

Os conscriptos que se tirarem dos 24 departamentos, que em conformidade do senatus-consulto de 24 de Agosto de 1813, tem servido para o recrutamento do exercito de Hespanha, terão o mesmo destino.

3. Formar se-hão exercitos de rezerva para serem collocados em Bordeaux, Metz, Turin, e Utrecht, e em quaesquer outros pontos em que forem necessarios para defenderem a inviolabilidade do territorio do Imperio.

4. Os conscriptos anteriormente cazados á publicação do presente senatus-consulto, ficam dispensados de entrar na formação do contingente.

5. O presente Senatus-Consulto será transmittido por huma mensagem a S. M. o Imperador e Rei.

O Prezidente, e Secretarios.

(Assignado) Cambacérés.

O Conde de L'Apparent Colchen.

Visto, e assellado,

O Chanceller do Senado,

(Assignado) Conde La Place.

Napoleão, &c. A todos os presentes e futuros, Saude.

O senado, depois de ter ouvido os Oradores do Conselho de Estado, decretou e nós ordenamos o seguinte :

Extracto dos Registos do Senado Conservador, de Segunda feira, 15 de Novembro de 1813.

O Senado-Conservador, &c. decreta;

Art. 1. Os Deputados da 4. serie para o corpo-legislativo exercitaraõ as suas funcçoens em todo o tempo que durar a sessaõ, que deve abrir-se a 2 de Dezembro de 1813.

Napoleão, &c. A todos os presentes e futuros, Saude.

O Senado, depois de ter ouvido os Oradores do Conselho d'Estado, decretou, e nós ordenamos o seguinte.

Extracto dos Registos do Senado-Conservador. de Segunda feira 15 de Novembro de 1813.

O Senado-Conservador, &c. decreta :

Art. 1. O Imperador nomeia o Prezidente do corpo-legislativo.

2. O Senado e o Conselho de Estado assistem em corpo ás Sessoens Imperiaes do corpo-legislativo, em virtude de cartas fechadas.

3. O presente Senatus-Consulto organico será enviado por huma mensagem a Sua Magestade o Imperador e Rey.

DECRETO IMPERIAL.

EXTRACTO

Das minutas da Secretaria d'Estado.

Palacio de St. Cloud, aos 16 de Novembro de 1813.

Napoleão, &c.

Nos temos decretado, e decretamos o seguinte ;

Art. 1. Fica á disposição do ministro da guerra, sobre os creditos do Budjet de 1813, huma somma de 38,425,343 fr. e 34c. tirada do producto das imposições estabelecidas pelo nosso decreto de 11 deste mez.

2. Esta somma será repartida entre os diversos capitulos do budjet da administração da guerra, pela forma seguinte.

	fr.	c.
Capit. 1. Amassarias do exercito	9,985,178	90
Capit. 4. Forragens	17,314,601	72
Capit. 9. Provimientos de Lêna	48,640	
Capit. 11. Combois e transportes .	3,549,200	
Capit. 15. A provisionamentos de Sitio	7,527,722	72
Total	38,425,343	34

3. Estes 38,425,348 fr. 34c. Serão postos á disposição do nosso ministro da administração da guerra para serem repartidos nos diferentes departamentos, conforme o mappa annexo á minuta do presente decreto.

4. O ministro da administração da guerra pora por ordens suas os sobreditos fundos á disposição dos Prefeitos a fim de que paguem.

1. As requisições feitas para o provisionamento das praças fortes.

2. As destinadas para os serviços de viveres, forragens, provimimentos de Lêna, e compras de cavallos, e machos de equipagens e transportes.

5. O ministro da administração da guerra enviará antes de 1 de Dezembro á cada Prefeito huma nota dos fundos que elle poem á sua disposição, fazendo-lhe conhecer a especie de fornecimentos, para cujo pagamento são destinados os fundos, e os preços em que devem ser calculados.

6. O ministro do thezouro enviará taõbem huma Cópia desta nota ao recebedor-geral do Departamento.

7. O Prefeito sacará em favor dos que tiverem feito os fornecimentos, por meio das requisiçoens, Letras sobre o Recebedor-geral, que as pagará do producto das contribuiçoens mencionadas no art. 1.

8. O thezouro fara successivamente receita da Soma de 38,425,343 fr. 34c., que deve ser distribuida como despeza do mez de Novembro, á medida que for tendo noticia das somas que tiverem entrado nas caixas dos recebedores das contribuiçoens extraordinarias.

9. Os nossos ministros da administração da guerra, do interior, das finanças e do thezouro ficaõ encarregados da execução do presente decreto.

(Assignado)

NAPOLEAÕ.

(CIRCULAR.)

Ministerio da Justiça.

O Graõ Juis, Ministro da Justiça, aos Juizes e Tribunaes do Imperio. Gabinete do Ministro.

Paris, 19 de Novembro, 1813.

N'este momento de susto, em que todos os coraçõens francezes estaõ profundamente aterrados com os perigos da patria, eu vos faço esta participaçãõ, que merecendo toda a confiança publica, pode ter toda a influencia no espirito e sentimentos dos vossos concidadaõs. As fronteiras do Imperio do lado dos Pyrineos e do Norte tem sido forçadas.—As do Rheno e dos Alpes estaõ ameaçadas.—*E não deve occultar se, que o interior da França bem da pressa cahira nas garras do inimigo, se não se adoptarem meios taõ prontos como vigorozos para frustrar os seos planos, e transtornar as suas esperanças.*

A liberdade da patria depende da pronta e completa execução do Decreto de 16 deste mez, pelo qual 350,000 homens se poem a disposição do Ministro da guerra. Quando esta grande e saudavel medida for completamente executada,

então ja nada teremos que temer. He preciso porem advertir, que este ponto he da maior importancia, *por que se não se executar, a França sera irremediavelmente o theatro da guerra, e passará por todos os horrores, que sempre a costumão acompanhar.*

He huma couza bem sabida, que o inimigo azedado pelas suas primeiras derrotas, marcha contra nós, estimulado pela sede da vingança: neste cazo bem podeis imaginar a sorte que nos está preparada, se elle consegue o fazer-se senhor das nossas vidas e das nossas propriedades. Ja se não trata da nossa gloria, que athe agora há tido tanta influencia sobre a nação franceza; a nossa integridade e o povo estão em perigo, assim como tudo o mais que nos hé precioso. E será só a morte o que temos que temer? Não, ainda ha mais: o fogo, a devastação, e a ruina total da nossa infeliz patria, serão o funesto espetaculo que desgraçadamente veremos se a França chega a cahir nas mãos do inimigo. A esta horrorosa pintura poderemos ainda acrescentar os insultos de toda a qualidade, que para os homens briosos são muito peiores do que a morte, e que podem ser taes que nem eu mesmo ouzo descreve-los. Estas são em fim as terribes calamidades que nos estão ameaçando, e que só evitaremos com hum generoso sacrificio.

O Norte tem vomitado a sua immensa povoação à fim de nos fazer passar por baixo do jugo. Hé preciso pois opormo-nos a isto com toda a flor da nossa gente, para que se evitem estes fados sinistros que contra nós se preparão. Nós temos pela nossa parte o valor das nossas tropas, e o genio dos grandes capitaens que as commandão. Mas isto nao basta. Nós não devemos expor em menor numero os nossos guerreiros, e he preciso proporciona-los ás forças com que somos atacados. Que animo não cobrarão os nossos veteranos, vendo-se reforçados por briosos mancebos, que incorporados nos suas mesmas fileiras vão de novo habilita-los para espalhar o terror nos campos inimigos, faze-los recuar, libertar a França, e a final conquistar a paz, porque todo o mundo suspira?

Os corajozos mancebos, que hoje são chamados pela patria, devem com razão gloriar se dos seus tão altos destinos. Huma vez convencidos que os fados da França estão depositados nas suas mãos, os seus es forças serão em tudo iguaes ás gloriozas emprezas que elles devem perfazer. O fogo sagrado do patriotismo e da honra arde em seus peitos generozos: animai-os pois, senhores, e fortificai-os com os vossos exemplos, com os vossos mesmos distinctos empregos que tendes na sociedade, e com toda essa influencia que o geral respeito e confiança do povo vos tem dado. Sim, o vosso

objecto principal seja hoje o exercita-la nestas tao importantes e decisivas circumstancias.

Em todos os periodos da monarchia, a auctoridade judicial de Franca tem invariavelmente manifestado a mais nobre adhezaõ aos seos principes e a sua patria. Assim tao bem não duvido que hoje mostrareis, que este corpo respeitavel ainda não está degenerado; e que a veneração, que haveis adquirido pela vossa honroza administração da justiça, será coroada por huma gratidaõ universal a tudo o que fizerdes a bem dos interesses da vossa patria nos seos dias de angustia de perigo.

(Assignado)

O DUQUE DE MASSA.

FALLA,

De Bonaparte ao Corpo Legislativo, no dia 19 de Decembro de 1813.

Senadores, Conselheiros de Estado, Deputados dos Departamentos no Corpo Legislativo.—Esplendidas victorias deraõ novo lustre á gloria das armas Francezas, durante esta campanha: deserçoens, sem exemplo, tornáraõ infructuosas estas victorias: tudo se voltou contra nos. A mesma Franca estaria em perigo, a não ser a uniaõ, e energia dos Francezes. Nestas ponderozas circumstancias, o primeiro pensamento que tive foi chamar-vos para junto de mim. Meu coração precisa da presença, e affeição de meos vassallos. Jamais me seduzio a prosperidade: a adversidade me achará sempre superior aos seos ataques. Eu tenho muitas vezes dado a paz ás naçoens no momento em que ellas tudo haviaõ perdido. De huma parte das minhas conquistas eu tenho erigido thronos para Reys, que me desampararaõ. Eu tinha concebido, e executado grandes projectos para a prosperidade, e ventura do mundo.—Como Monarca, e como Pai, eu conheço, que a paz firma a segurança dos thronos, e a das familias.

Tem-se entrado em negociaçoens com as Potencias Alliadas: eu adheri á base preliminar que ellas propozeraõ. Eu tinha esperanças de que antes da abertura desta sessaõ, se ajuntasse o Congresso de Manheim: porem novas delongas, em que a Franca não tem culpa, tem deferido este momento, que o mundo ardentemente dezeja. Eu ordenei que se vos apresentassem todos os documentos originaes, que se

achaõ na secretaria dos negocios estrangeiros, dos quaes sereis informados por meio de hum *committé*. Os oradores do meu conselho vos exporaõ qual he a minha vontade sobre este objecto. Da minha parte nenhum obstaculo ha ao restabelecimento da paz. Eu conheço e tomo parte em todos os sentimentos dos francezes. Digo dos francezes; por que nenhum delles dezejaria a paz á custa da honra. Eu sinto exigir novos sacrificios deste generoso povo: podem seos mais nobres, e mais caros interesses imperiozamente os pedem. Foi preciso recrutar meos exercitos por meio de numerozas levas: as naçoens não podem negociar com segurança, senaõ desenvolvendo todas as suas forças; e hum augmento de impostos he indispensavel. Aquelle que o meu Ministro de finanças vos hade propor, he conforme ao systema *finançal* que eu tenho estabelecido. Vos achareis nelle tudo o que se exige sem contrahir algum emprestimo, que consome os recursos futuros; e sem papel moeda, que he o maior inimigo da ordem social.

Eu estou satisfeito com os sentimentos que o meu Povo de Italia me tem testemunhado nesta occaziaõ.—A Dinamarca, e Napoles somente he que permaneceraõ fieis á alliança que tinhaõ feito comigo. A Republica dos Estados Unidos da America continua com vantagem a sua guerra com a Inglaterra. Eu tenho reconhecido a neutralidade dos Cantoens Suissos.

Senadores, Conselheiros de Estado, Deputados dos departamentos no Corpo Legislativo.—Vos sois os orgaos naturaes do Throno; a vos toca dar o exemplo de energia, que pode fazer recommendavel nossa geração ás geraçoens futuras. Fazei com que ellas não digaõ.—Elles sacrificaraõ os melhores interesses do seu paiz!—Elles reconhecerãõ as leis que a Inglaterra tem, durante quatro centos annos, procurado, mas de balde, impor á França.—O Meu povo não pode temer, que a politica do seu Imperador atraioce jamais a gloria nacional. Da minha parte confio que os francezes seraõ constantemente dignos de si mesmos, e dignos de mim.

ALLEMANHA.

BULLETINS DO PRINCFE DA COROA.

No. XXIV.

Quartel General de Mulhausen, 28 de Outubro, 1813.

O Principe Real transferio hontem o seo Quartel General para Mulhausen, passando por Mersbourgh, Querfurt, Artens, e Sondershausen.

Os grandes resultados das batalhas de Leipsig se vão diariamente manifestando cada vez mais. O exercito do Imperador Napoleão se retira a toda apressa, e sofre cada dia novas perdas. Elle dirige a sua marcha sobre Erfurt; mas depois das ultimas noticias esta cidade ja esta na mão dos allia-dos. O General Blucher segue o inimigo, em quanto o grande exercito da Bohemia, que tinha a 24 o seo Quartel-General em Weimar, o flanqueia pela esquerda, e o do Norte d'Allemanha o segue, e continuamente o embaraça pela direita. Os Generaes York e Wasilchikoff, que fazem a van-guarda do exercito da Silesia, atacáráo a reta-guarda inimiga em Weisenfels e em Freyberg, e lhe tomáráo mais de 4,000 prizonciros, 40 peças de artilharia, e muitos caixoens e bagagens. O General Bubna aprizionou em Buttelsted 600 homens da Guarda Imperial; e o General Benigsen, que marchou pela estrada de Bibia para Rattenberg achou pelo caminho ainda muita gente do inimigo que ficára atrazada, muitas peças de artilheria, e caixoens abandonados. O mesmo Imperador Napoleão mandou queimar mais de 600 na estrada d'Erfurt.

O Coronel Chrapowitzky occupou a cidade de Gotha em 22 de Outubro; e ali fez prizonciros o ministro de França, Barão de St. Aignon, 73 Officiaes, e 900 homens, mandando igualmente incendiar 30 carros de polvora. Depois se foi juntar em Molschleben com o General Ilowaisky, o 12, que havia sido destacado do grande exercito para hir tomar adianteira ao exercito Frances. O Colonel Benckendorf fatigava ao mesmo tempo o inimigo na sua marcha para Erfurt; teve continuos recontros com a cavallaria do General Sebastiani, e lhe fês muitos prizonciros. O General Czernicheff, que taõ bem hé o Com-

mandante das partidas, se derigio a Eisenach para ahi tomar adianteira à cabeça das columnas inimigas.

O Imperador Napoleão dormio a 19 em Mark-Banstadt, a 20 em Weissenfels, e a 21 em Eckardsberg: na manham de 23 estava em Erfurt, e dali partio para Gotha. As cartas que havemos apanhado dizem, que huma multidão de fugitivos sem armas e quasi nus cobrem todas as estradas visinhas.

O Marechal St. Cyr moveo-se de Dresda para Torgau, provavelmente com o intento de libertar as guarniçoens desta praça e da de Wittenberg, e depois marchar para Magelbourg, e dali retirar-se para a França. Corpos consideraveis de todas as partes se avanção para o combater e cortar. O General, Conde Taventzien, acha-se nas vesinhanças de Roslau, e deve reforçar-se com os corpos dos Generaes Hirschfeld, e Thümen. O General Conde Tolstoi, segue os movimentos do Marechal St. Cyr; e o General Benningsen, cujo exercito andava unido ao do Principe Real, vai marchar com o corpo do General Doctoroff na mesma direcção, e tomará o commando de todas as tropas Russas, e Prussianas; destinadas para operar contra os corpos inimigos. O corpo do General Conde de Strogonoff se unira ao exercito do Principe Real.

O General Tettenborn, que estava postado com hum corpo volante em Lunebourg entrou em Bremen por capitulação a 15 de Outubro. O General Conde Walmoden observa os movimentos do exercito do Marechal Davoust, que provavelmente não deixara passar muito tempo sem cuidar em retirar-se.

A perda total do exercito combinado do Norte d'Allemanha nas batalhas de Leipsig não sobe acima de 2, a 3,000 homens em mortos e feridos. A do General Conde de Langeron foi muito maior. Este General louva grandemente o comportamento valorozo dos Generaes Kaptzewitsch, Conde de S. Priest, e Bondzswitch, assim como o de todos os officiaes e tropas que elle commandava.

Na batalha de 18 de Outubro o Tenente-General Senhor C. Stewart collocou elle mesmo debaixo de hum fogo vivissimo huma bateria de foguetes Inglezes; e de sua propria vontade se incumbio de muitas ordens do Principe Real, que executou com toda a satisfacção de S. A. R.

Os Generaes Tawas e Lowenjehnen tem-se distinguido. O primeiro collocou sobre hum ponto, vivamente atacado pelo inimigo, duas baterias de 12, que contribuirão para defender este flanco do exercito. O General Suremain derigio em pessoa as peças de artilharia Suecas, que atirarão sobre a porta de Leipsig, e depois nas ruas da cidade.

A cavallaria do General Winzingerode adiantou-se athe Vach, e segue os movimentos do inimigo, que parece querer em parte dirigrir-se sobre Vetzlar. Este General desenvolveo nas

acçoens diante de Leipsig todos os talentos e bizzarria, de que tantas vezes havia já dado provas. A infantaria Russiana manteve a sua antiga reputação, e toda firmeza que a distingue. Os Generaes Worontzoff, Laptjeff, La Harpe, e Wouitch tem merecido pelo seo comportamento todos os elogios de S. A. R.

No. XXV.

Quartel General de Heiligenstadt, 30 de Outubro.

Hoje o Principe da Coroa mudou para aqui o seo Quartel General.

O Imperador Nepoleão continua a retirar-se para o Rheno. Os exercitos alliados o perseguem, e continuamente o incomodaõ. Sabemos por todas as informaçoens, que não leva com sigo mais de 50, ou 60,000 homens, e que o resto de seo exercito anda disperso e vagabundo pelas montanhas sem armas e sem chefes.

O General Czernitscheff que commanda huma das van-guardas do exercito alliado do Norte da Germania fez com que hum destacamento inimigo de 800 cavallos, commandado pelo General de Divizaõ Fournier, fosse atacado a 25 do prezente junto de Elstrode, não longe de Eisenach. Arrojou-o para hum desfila-deiro, aonde huma grande parte destes homens foi feita em postas, e 300 ficáraõ prizioneiros.

Os Cossackos que entráraõ neste ataque não passavaõ de 200, ou 300 homens. Sabendo-se a 27, que huma parte da nova guarda Franceza tinha passado a noite em Fulda, o General Czernitscheff chamou a si o General Ilowaiski, o segundo, e destacou o Coronel Benkendorf para Fulda.

Este official fez fugir o inimigo, tomou-lhe 500 prizioneiros, e destruiu o armazem de graõ, que ali havia. Como parece que as novas guardas formavaõ a van-guarda do exercito Francez, O General Czernitscheff foi postar-se entre ellas e o exercito que as seguia, commandado pelo Imperador Nepoleão; e assim ficou esperando pelas colunas inimigas.

Assim que as vio apontar, no mesmo momento atacou a sua frente. Tres esquadroens da gens-d'armerie das guardas foraõ atacados, e forçados a retroceder para os corpos que os seguiaõ.

O General Czernitscheff dispersou a van-guarda do Imperador Napoleão, destruiu-lhe os armazens com que ja contava para o seo exercito, e arruinou de todo as estradas.

O Tenente-General Conde Woronzoff na manham de 28 guarneceo Cassel com huma parte da sua van-guarda. Poucas horas depois o Conde de St. Priest entrou ali com hum corpo,

pertencente a o exercito da Silesia. O Conde Von Woronzoff toma hoje a mesma direcção, e será seguido pelo General Barão Von Wintzengerode com todo o seo exercito.

O Rey de Westphalia, que ignorava os resultados da batalha de Leipsig, estava ainda mui tranquillo em Cassel a 24. Sem ter com sigo mais do que 4, ou 5,000 recrutas. Foi sò no dia seguinte 25, que elle foi informado dos dezastres de seo irmão; e a 26 se poz immediatamente em marcha pela estrada de Wetzlar para Coblantz.

O General Carra St. Cyr entrou novamente em Bremen: mas hé provavel que se não conserve ali por muito tempo.

O Marechal Principe de Eckmuhl ainda conservava a 26 a posição que havia tomado por detras do Steiknitz, mas ja se observavaõ alguns preparativos para lançar-lhe huma ponte junto de Zollenspecker. O que elle intenta fazer não he por hora exactamente conhecido. Pessoas, que se julgaõ bem informadas, asseveraõ que o Imperador Napoleão lhe dera ordens para se defender em Hambourgo athe a ultima extremidade, e impedir, por todo o tempo que podesse, que os Dinarmarquezes se declarassem contra a França.

Os Francezes não estaõ em muito boa harmonia com os Dinarmarquezes; por que estes nada tanto dezejaõ como o fazer causa commum com os alliados, e com a maior impaciencia estaõ esperando pela declaração do seo Rey.

O exercito Saxonio, que se unio aos alliados, e recebeu o exercito do Norte debaixo das armas quando entrou em Leipsig, em poucos dias hira entrar em campanha. Os seos Generaes, officiaes e soldados, unanimamente ja estaõ anciozos de vingar-se de todos os insultos que tem recebido.

O Rei de Wirtemberg taõ bem ja se declarou pela boa cauza dos alliados. As suas tropas ja chegaraõ a Aschaffenburg, e estaõ em marcha para fazer a sua juncção com as tropas Austriacas e Bavaras, commandadas pelo General Conde Wrede.

O Hanover vai a ficar em pouco tempo livre. A força e a justiça ja chegaraõ a tempo de poder destruir tudo o que a oppressão e huma força monstroza tinhaõ fabricado.

No. XXVI.

Quartel-general de Hanover, 10 de Novembro, de 1813.

O Principe Real transferio o seu quartel-general para Hanover, tendo passado por Gottingen, Eimbeck, e Ettzi.

O Imperador Napoleão repassou o Rheno em Mentz; deixou as estradas cubertas de mortos, e moribundos: estes tristes, e irrefragaveis testemunhos das suas derrotas tem mostrado aos

exercitos alliados a estrada que elles devem seguir; Hanau, em fim, veio a ser para Napoleão huma nova Beresyna. He somente ao heroismo de seus soldados, e aos talentos de seus Generaes que elle deveo a sua salvaçõ. O general Czernitcheff, que constantemente formou a guarda avançada contra o exercito Francez durante a sua retirada para o Rheno, contribuo grandemente para o resultado da batalha de Hanau. Aquelle general cançou o inimigo durante todo o dia 30 de Outubro; e tendo sido informado no dia 31, que um corpo de 10,000 homens de cavallaria ia escoltando o Imperador Napoleão, resolveo atacallos com 5 regimentos de Cossacos, no que foi muito mais bem succedido do que esperava, porque por varias vezes rechaçou o inimigo, que foi obrigado a retirar-se debaixo do fogo dos seus canhoens, e tomou-lhe 400 prizioneiros. Este General desde Erfurt até os margens do Rheno foi incessantemente o precursor de Napoleão; humas vezes atacando a sua guarda avançada, outras vezes retardando-lhe a marcha, fazendo-lhe voar as pontes, cortando-lhe as estradas, ou entulhando-lhas. Estas operaçoens, que o Imperador Napoleão affecta considerar como hum indigno modo de fazer a guerra, por que ellas lhe são perniciosas, obrigaram o a entrar muitas vezes em combates, em os quaes o General Czernischeff tomou 400 prizioneiros, incluindo dous coroneis, e 30 outros officiaes. Este General de divisão tem obrado sempre como o corpo ligeiro do Norte da Alemanha, daquelle exercito que Napoleão encontrou em Gros Beuren, em Dennewitz, e em Leipzig. O Tenente-general conde Woronzoff louva altamente os talentos do Tenente-coronel Chrapowitski, o qual encostando-se aos flancos do inimigo durante a sua retirada, fêz 500 prizioneiros. A guarda avançada do General Barão Winzingerode, perseguiu o corpo do General Rigaud, e outros destacamentos inimigos sobre o estrada de Wesel, e Dusseldorf. A Cidade de Munster foi occupada no dia 5 por tropas Russianas. Esta força do inimigo perdeu em sua retirada mais de 600 prizioneiros, dos quaes o Major Cziczewsky tomou 500. O General Tettenborn com os seus corpos reprimio a divisão do General Carra St. Cyr, e as tropas que vinham de Hollanda, as quaes dezejavam reoccupar Bremen. O Principe Real está muito satisfeito com a actividade daquelle General.

O Marshal Davoust ainda occupa a sua antiga posiçã sobre o Stecknitz, e ja não pode effectuar a sua retirada para França. O General Barão Winzingerode está a hum dia de marcha de Bremen, e ha de estender as suas tropas por todo o paiz de Oldenburg mesmo até as fronteiras de Hollanda, para onde elle ja mandou o Coronel Narishkin. O General Bulow está em Minden; ha de mandar hnm corpo para Munster, e a sua cavallaria está prompta para formar huma junçãõ com a do

General Czernicheff sobre as margens do Rheno. O General Conde Woronzow está em marcha sobre Luneburg. Huma divisaõ do exereito Sueco, commandada pelo Tenente-general, o Baraõ de Sandels está em Brunswick; a divisaõ do Major-general de Posse, em Hanover, e a do Major-general de Boye, em Hildesheim. A cavallaria debaixo do commando do Tenente-general Skoildebrand, occupa as aldeas em roda de Hanover.

O exercito está recobrando-se das suas fadigas, e reparando o seu fardamento, e suas equipagens. A Regencia do Eleitorado de Hanover foi restabelecida, e o inimigo agora somente occupa sobre o baixo Elba, Harburg, Stade, e o pequeno forte de Hope; porem pode se presumir que não poderá defender-se muito tempo. Em Hanover, os habitantes de todas as classes tem dado provas do mais terno affecto para com o seu Soberano, e o mesmo em todas as outras partes do Electorado. O Principe Real, cuja fortuna foi tellos-commandado em outro tempo como hum General do inimigo, tem recebido com sensibilidade os signaes de lembrança, e de reconhecimento que elles lhe tem dado pelo modo com que elle se comportou para com elles.

Os quartéis-generaes do Grande Exercito Alliado estavam no dia 5 em Frankfort. Assim os inauditos esforços que a França fez em 1813, tiveram os mesmos resultados que os de 1812. As legioens Francezas que faziam tremor o mundo, estão-se retirando, buscando a sua salvaçaõ para traz do Rheno, natural barreira da França, e que seria mesmo huma barreira de ferro; não tivesse Napoleaõ desejado subjugar todas as naçoens, e extorquir-lhes as suas terras.

Ainda que os limites parecem fixados pela natureza, o exercito Russiano apresenta-se diante delles, porque Napoleaõ foi buscar os Russianos a Moscow, o exercito Prussiano apparece diante delles, porque em quebranto de sua fê jurada, Napoleaõ ainda possui as fortalezas daquelle Monarquia, o exercito Austriaco apparece defronte delles, porque a Austria tem insultos que vingar, e porque ella se lembra que depois da paz de Presburg, o titulo de Imperador de Alemanha foi arrancado ao seu Supremo Chefe; se os Suecos tambem lá estam, he porque no meio de huma profunda paz, e em violaçaõ dos mais solemnes tratados, Napoleaõ traidoramente surprehendeo-os em Stralsund, e insultou-os em Stockholm. Os Alliados tem pezar das desgraças dos Francezes, lamentam as calamidades que a guerra traz com sigo, e longe de serem deslustrados, como Napoleaõ, pelos successos com que a Divina Providencia tem favorecido as suas armas, estam so ardentemente desejozos de paz. Todas naçoens suspiram por aquella dadiva do ceo, e até aqui so Napoleaõ se tem opposto á felicidade do mundo. Daqui vem que todos os Principes, ultimamente seus Alliados, se apressam

a abjurar os vinculos que os uniam com elle, mesmo aquelles cujos estados tinham sido ingrandecidos em consequencia de seu poder, ou de sua influencia, renunciaram sua grandeza, e a sua aparente amizade.

No. XXVII.

Quartel General de Boitzenbourg, 30 de Novembro, de 1815.

O Principe Real sahio de Hanover no dia 16, e chegou a Bremen a 17, de manham: No dia 20, S. A. R. chegou a Celle, em 22 a Uelsten, em 23 a Lunebourg, e hontem aqui.

O exercito Sueco passou o Elbo. O Marshal Conde de Stedingk está em Boitzenbourg com o seo Estado-maior, e a primeira Brigada, as outras Brigadas Suecas estão nas vezinhanças. O Corpo de Lutzow passou o Elbo com o exercito Sueco.

A van-guarda do General Bulow, commandada pelo General Oppen, fez hum movimento sobre o Yssel, e está em Doerbourg desde 23. O General Bulow com o restante do seo exercito está nas margens do Rheno, e fronteiras da Holanda.

No ataque de Doerbourg huma grande parte da guarnição foi feita em postas. A noite embarçou que se podesse saber exactamente o numero dos prisioneiros; mas ao tempo de mandar a relação ja se contavaõ 200, entre os quaes o Commandante e mais 5 officiaes. A tomada de Doerbourg honra muito o General Oppen pelo acerto das suas disposições, e pelo vigor do ataque.

Todo o Ducado d'Oest-Frise ja está limpo de inimigos. Em Embden, Aurich, e todo o resto do paiz as tropas Prussianas tem sido recebidas com grandes sinaes de allegria.

A fortaleza de Zutphen foi entrada pelos destacamentos dos Majores de Sandrat e de Muller. Trezentos homens ali foraõ aprisionados.

O General Baraõ de Wintzingerode tam o seo Quartel General em Bremen; e huma parte da Holanda ácha-se occupada pelos destacamentos do seo exercito. Assim que os habitantes de Amsterdaõ tiveraõ noticia da sua chegada, formáraõ huma Regencia, composta de homens, quasi todos bem conhecidos peia sua energia e patriotismo.

O paiz de lever está occupado pelas tropas Russianas.

O Forte de Zoltcamp foi tomado por hum destacamento do corpo do Baraõ de Rosen. Acharaõ-se ali doze peças

de artilharia de diferentes calibres. A guarnição ficou prisioneira de guerra.

Outro destacamento Russiano tomou hum navio inimigo, em que estavaõ 50 officiaes de alfandega e soldados.

O Major Elswangen tomou posse de Zwooll, e fez prisioneiros dois officiaes, e muitos gens-d'armes.

Os Cossacos do coronel Narishkin entraraõ na cidade de Campen, aonde fizeraõ prisioneiros hum coronel, 5 officiaes, 25 gens-d'armes, e 80 soldados de infantaria.

As tropas do General Winzingerode taõ bem tomáraõ Groningue, a onde aprizonáraõ hum coronel, 38 officiaes, e 800 homens.

Groningue, e outras provincias tem enviado Deputados ao Quartel-general do Principe Real para serem auctorizadas a formar governos provizorios, dependentes do de Amsterdaõ; e se lhes concedeo o que pediaõ. A dignidade Stadhouderiana será indubitavelmente proclamada; eisaqui está o que ganhou Napoleaõ por haver reunido a França este paiz.

Muitas colunas de tropas ja passáraõ o Yssel na sua direcção para Utrecht e Amsterdam. Já se pode considerar a Holanda como livre, e todos os bons Francezes folgaõ com isto.

Os Fortes de Carlsbourg e de Blexen foraõ tomados por hum destacamento Russiano as ordens do coronel Riedinger, que ajudado por hum Brig Ingles, commandado pelo capitão Farquhar, tomou 30 peças de artilharia com 20 officiaes, 554 officiaes inferiores, e soldados.

A navegação do Wesser está livre.

Stade, forte pelo terreno alagadiço em que está situada está cidade, achava-se occupada por huma numerosa guarnição. O commandante havia mandado abrir os diques a excepção de hum só; e por esta inundação Stade parecia estar fundada no meio de hum mar. Com tudo, o conde de Strogonoff se rezolveo a ataca la. As tropas avançando com intrepidez debaixo do fogo cruzado da praça, e pelo só dique que havia, chegáraõ a huma ponte que o inimigo tinha destruido. Muitos officiaes e soldados, cegos pela seo muito valor e dezejos do assalto, precipitáraõ-se no fosso; aonde morrêraõ o Conde de Rostigniack, chefe do regimento de de Savatow, e o official, commandante da cabeça da columna. A pezar deste exemplo foi ainda precisa toda a auctoridade do General para inpedir que os soldados continuassem o ataque. A guarnição temendo hum novo acometimento evacuou de noite a cidade, e embarcou-se para Gluckstadt, aonde os Dianamarqueses a recolheraõ. O General Strogonoff entrou na mesma noite a cidade, aonde achou 3 peças de artilheria, e muitos doentes e feridos. A nossa perda

neste dia talvez seja de 200 homens; mas a do inimigo foi muito mais consideravel.

O Tenente General, conde de Woronzow, que depois de 22 tem o seo Quartel General em Winsen, está sitiando Harbourg.

A pezar da superioridade numerica das tropas inimigas que passaraõ o Elbo em Zollenspiecker, foraõ assim mesmo repelidas pelo Tenente Coronel Lowenstern, que faz parte do corpo do conde Woronzow; matou-lhes 100 homens, entre elles 2 officiaes, e fez mais de 40 prisioneiros.

O Tenente Jacobson do corpo do General Woronzow atacou com 100 cossacos, 2 esquadroens de caçadores á cavallo da guarnição de Horneburg; e depois de lhes matar 20 homens, e fazer 30 prisioneiros, tomou posse da cidade.

Stettin capitulou. As condiçoens foraõ, que se entraria prizioneira da guerra a 5 de Dezembro se athe esta epocha não fosse socorrida.

As tropas Allemans, que estavaõ em Magdebourg, tiveraõ facultade de hir para suas cazas, debaixo da condição de não Servirem sontra a França antes de hum anno. A guarnição tem pouco que comer, e os soldados estaõ descõntentes.

Morreo o General Narbonne, governador de Torgau. O General Dutailis, que o ficou substituindo, e outros tres Generaes estaõ perigozamente doentes da epidemia que grassa na cidade, e que todos os dias leva muitas victimas.

O Marshal St. Cyr capitulou, e Dresda ja esta em poder dos alliados: assim a excepção de algumas praças fortes, que se vaõ atacar, todos os paizes entre o Elbo e o Rheno ja estaõ livres do inimigo. Todos habitantes se armaõ, e bem depressa a Allemanha fará ver todo hum povo armado para proteger a sua independencia.

A cidade livre e anseatica de Bremen recuperou a sua antiga constituição. He de esperar que suas irmans, as cidades de Hamburgo e Lubeck, tenhaõ brevemente a mesma felicidade.

Pelas noticias mais recentes sabemos, que os desgraçados cidadaõs de Hamburgo vivem em huma silencioza desesperação. Os soldados ja não podem com a guerra, e so dezejaõ voltar para as suas familias. O Banco foi roubado: he hum delicto publico. Os principaes habitantes saõ violentados para trabalharem nas fortificaçoens; e este trabalho continua de noite e de dia. Foraõ cortadas todas as arvores de Willemsburg, e destruiu-se a ponte que os Francezes tinhaõ construido entre esta ilha e Harbourg.

O exercito do Norte d'Alemanha, havendo tomado por nobre objecto dos seos esforços o co-operar para a paz geral, não podia

consentir que huma força inimiga estivesse acantonada sobre a linha da suas communicações. Allemaens por origem e linhagem, os habitantes do Holstein devem alegrar-se com a liberdade que ja respirão os seus compatriotas; e devem ao mesmo tempo dezejar o ver-se longe de hum exercito, que só lhes pode causar infelicidades. Se o theatro da guerra se vai fazer no seo paiz, acuzem a politica do Governore Dinamarquez. Mas ainda tem tempo:—ainda o Rey de Dinamarca pode afastar este flagello de hum terreno, em que depois de muitas geraçoens habitão a paz e a felicidade. Abandonando huma cauza que hã sido tão funesta a sua propria dignidade, e aos interesses do seo povo, e a ceitando em fim as proposiçoens das potencias alliadas, o Rey de Dinamarca ainda pode desviar a tempestade que ameaça os seus Estados. A sua sorte presente e futura dependem de resolução que tomar.

Pamplona capitulou. As tropas victoriosas do Marechal Wellington ja estão no territorio Francez; e hé por terem atacado os Hespanhoes no seo da paz, que os pacificos habitantes do Adour presencião hoje em suas terras hum exercito inimigo, e que o Imperador da Russia, o Imperador d'Austria, o Rey de Prussia, e seus formidaveis exercitos estão nas margens do Rheno. Hum unico fim dirige todas estas massas: a paz geral, fundada sobre limites naturaes, e que so lhe podem a fiançar a solidez. Nas longas calamidades, que tem affligido o continente, os instrumentos merecem tanta compaixão como as victimas; e he por isto que os soberanos alliados tanto tem em vista a felicidade dos Francezes como a das suas proprias naçoens. A guerra so pode ter hum objecto honroso: hé huma conquista, que só se pode dezejar, e que hé justa: hé a paz. Milhoens de vozes a pedem ao povo francez; e sera possivel que fique surdo aos clamores da humanidade, da razão, e athe dos seus melhores interesses?

Qual he o Francez, qual he o homem verdadeiramente Europeo que não ficou profundamente mageado, lendo a resposta de Napoleão ao Senado! O Presidente d'esta assemblea pede, em nome da França, a paz ao Imperador; e este soberano, que depois de dois annos tem sido testemunha da morte de 600 mil homens, responde friamente, e se contenta com dizer, que a posteridade conhecerá que as circumstancias actuaes não forão superiores ao seo genio. Por esta forma, o Imperador Napoleão não quer a paz: mas como a Europa a dezeja, deve em fim preparar-se para a conquistar pelas armas. Esperâmos que os sentimentos dos Francezes venhão tão bem a simpatizar ainda com os da Europa!

No. XXVIII.

Quartel-General de Lubeck, 6 de Dezembro, 1813.

O General Bulow com as suas tropas levou de assalto a fortaleza de Arnheim, huma praça de grande importancia para a defeza da Holanda. A sua guarnição constava de 4,000 homens, e as suas obras estavaõ em muito bom estado, e pela maior parte bem guarnecidas. Nesta occasião os Prussianos deraõ huma nova prova da galhardia que os caracteriza. A perda do General Bulow em mortos e feridos foi de 300 homens; e do inimigo deve ter sido muito mais consideravel. Tomaraõ se alem disto algumas centenas de prizioneiros.

O Major Marklay, com hum destacamento que faz parte da guarda avançada do General Winzengerode, entrou em Amsterdaõ a 24 de Novembro, entre as aclamaçoens dos habitantes. A poz elle marchava o General Benkendorff.

A 27 de Novembro, o General Gagarin, com 300 Cossacos desmontados, atacou a guarnição de Deventer, que tinha feito huma sortida a fim de queimar ou a poderar-se de hum dos suberbios. E depois de hum renhido combate arrojou o inimigo athe a ponte; matou-lhe hum bom numero de gente, e tomou-lhe 60 prizioneiros.

Em 28 o Coronel Narischen occupava Amersfort, cuja guarnição se retirou para Naardin.

Foraõ tomados os dois fortes de Cuxhaven, o Faro, e o Napoleaõ; e as guarniçoens ficaraõ prisioneiras de guerra.

Nos estãmos augmentando as fortificaçoens de Doesburg e Zuphen.

O General Winzingerode enviou ao Principe da Coroa as chaves de Utrecht, tomadas pelas tropas do Coronel Narischkin. O Principe Real as remeteo a o Imperador Alexandre.

O Conde Strogonoff esta encarregado do bloqueio de Harburg.

O exercicio Succo que chegou ao Stecknitz, com o corpo de Lutzow, occupava os pontos da boca daquelle rio nas vezinhanças de Buchen. Ja se tinhaõ feito todas as disposiçoens para atacar o inimigo a 2 do Corrente; e os Generaes Conde Woronzoff e Tettenborn ja tinhaõ recebido as ordens para atravessar o Elbo: o Marechal Principe d'Eckmul abandonou a sua posição de noite, e se retirou para tras do Bille. O Major Cederstrom, com hum corpo ligeiro, passava ao mesmo tempo o Elbo em Geschstad. As tropas atravessaraõ o Stecknitz, perseguiraõ a reta-guarda inimiga, e fizeraõ-lhe alguns prizioneiros.

A margem esquerda do Stecknitz a presenta em certos pontos alturas e posiçoens que parecem inatacaveis. As bordas do rio que o inimigo occupava eraõ muito escabrozias, e o lado oposto he muito pantonozo. Os pontos accessiveis mostravaõ intrincheimentos formados com tal arte, etantas pallisadas e cavallos de friza, que por muitos dias poderiaõ ter demorado os progressos das tropas mais valentes e a gueridas do mundo.

O exercito fez por consequencia hum movimento sobre a sua direita; o General Weronzow avançou sobre Lanenburg, e o exercito Sueco sobre Mollen e Ratzeburg. No dia 3 marchou O General Weronzow sobre Schwarzenbeck, e tomou Bergedorf por assalto. A cavallaria fez alguns prizioneiros.

O General Tettenborn avançou sobre Amfeld, e fazendo a sua junção com a cavallaria do Conde Weronzow, cortou as communicaçoes entre Hamburgo e Lubeck.

No dia 4 o General Walmoden passou o Stecknitz, e reunio a maior parte das suas tropas em Klinwrade. A sua guarda avançada encontrou-se com o inimigo na aldea de Sievenbaum, e o desalojou d'ali, fazendo-lhe alguns prizioneiros.

O exercito Sueco marchou entre Wacknitz e o Stecknitz, adiantou os seus postos avançados athe a margem esquerda deste ultimo rio, e obrigou o inimigo a retirar-se.

O General Vegesack atravessou o Wacknitz em Grunan, e restabeleceo a ponte em Crumesen: tomou entã a esquerda do exercito Sueco. Hum forte destacamento de todas as armas, commandado pelo Tenente-Coronel Anckarsward, conservou-se entre o Wacknitz e o Trave para observar Lubeck daquella parte, e ajuntar os materiaes para a construcção de huma ponte em frente de Schwartau.

Na manham de 5 o General Posse ordenou, que huma divizaõ da Brigada do General Schultzenheim atacasse a posição do inimigo sobre Landvehr; e depois de hum breve fogo de mortuetaria foraõ tomados os reductos, e restabelecida a ponte. Alguns homens ficaraõ mortos e feridos. O Baraõ de Malin, do primeiro regimento das guardas, e official mui distincto ficou morto neste ataque.

O General Vegesack passou o Stecknitz para se juntar ao Conde de Walmoden que devia avançar sobre Oldeslohe. Havendo-se determinado levar Lubeck por escalada, o Marechal Conde Stedingk ordenou que o exercito Sueco se pozesse em marcha. A huma legoa da cidade mandou-lhe fazer alto para esperar pelas escadas, e neste intervallo tentou algumas conferencias com o inimigo. Eraõ ja tres horas, e as escadas ainda não tinhaõ chegado: assim o conhecimento que elle tinha da fortaleza de Lubeck, e dos meios de defeza que podia ter hum homem inteligente e rezoluto, induziraõ o Marechal Stedingk a

naõ rejeitar as proposicoens. O General Lallemand assignou com o Coronel Biornstierna, chefe do Estado maior do exercito Sueco, huma capitulaçaõ, pela qual se determinou, que o inimigo entregaria as cinco horas da tarde o posto de Mollen-Gate, as dês da noite evacuariã a cidade, e naõ seria perseguido athe o romper do dia da manham seguinte.

O inimigo tendo só que defender afrente de Mollen-Gate, coberta por duas ordens de fossos cheios de agoa, e outras obras avancadas, podia sempre retirar-se quando quizesse; por que naõ havia ponte sobre o Trave, e segundo o uniforme parecer dos Engenheiros naõ se podia lançar em menos de vinte e quatro horas.

As tropas entraraõ as des horas da noite na cidade.

O inimigo retirou-se por Segeberg. O General Walmoden marcha na mesma direcçaõ; e o General Skioldebrand começou esta manham a seis horas a perseguir o inimigo com a sua cavallaria. Alguns centos de prizioneiros ja se tinhaõ feito.

Os habitantes de Lubeck estaõ determinados a auxiliar efficazmente os esforços de hum exercito, que vem restituir-lhes o seo nome, os seos direitos, e a sua independencia: por consequencia estaõ taõ bem prontos a unir as suãs armas as nossas. Esta brioza resoluçaõ he hum grande exemplo para os habitantes de Hamburgo.

Lubeck torna pois a reassumir a sua antiga denominaçaõ de cidade livre e Anseatica: a bandeira da civilizaçaõ e do commercio vai de novo tremolar em cima dos seos muros. Assim a justiça cedo ou tarde destroe os edificios formados pela violencia.

O Rei de Dinamarca deve ver nesta capitulaçaõ, concedida as suas tropas, que a porta da reconciliaçaõ com a Suecia ainda naõ esta absolutamente fechada. E para esta se fazer, basta que de ouvidos aos rogos dos seos vassallos, aos dezejos dos habitantes do Norte, e as generosas propostas da Suecia e dos seos aliados.

REFLEXOENS

Sobre hum Artigo da Gazeta de Leipzig, de 5 de Outubro, de 1813, relativo ao Principe Real de Suecia.

Leipzig, Outubro 1813.

PROLOGO.

Retardamos por alguns dias a impressãõ das seguintes reflexoens, porque o auctor achava sua graça em publicalas naquella mesma cidade em que Bonaparte havia mandado espalhar as suas calumnias. Pelos gloriosos successos de 16, 18, e 19 de Outubro, Leipzig ja está em poder dos alliados, e as impressas athe agora condemnadas a servidaõ, taõbem ja podem annunciar as verdades proscriptas pelo despotismo. Como Bonaparte athe agora tem querido que a sua fortuna fosse considerada como huma prova incontestavel dos seos direitos, e como não conhecia outros senaõ os da força, o melhor modo de lhe responder he com victorias. O Principe Real da Suecia acaba de lhe dar esta resposta, e estamos persuadidos que lhas continuará a dar desta natureza. Ja elle expõs á face da Europa os principios que o dirigem; e gozando da estimaçãõ e confiança dos soberanos seos alliados, e do amor e admiraçãõ dos povos, occupa hum lugar mui superior á todas estas invectivas. Assim qualquer refutaçãõ á seo respeito he desnecessaria. Com tudo os sentimentos individuaes querem absolutamente manifestar-se; e o auctor destas reflexoens pode certificar aos seos leitores, que a indignaçãõ só lhe fez pegar na penna. Isto supposto, se estas paginas chegarem ao conhecimento do Principe Real da Suecia, o auctor taõbem espera, que o Principe lhe desculpará seo zelo, talvez considerado como indiscreto.

Quem ler hum artigo da *Gazeta de Leipzig* de 5 de Outubro, relativo ao Principe Real da Suecia, de necessidade hesitará em decidir o que ali mais eminentemente predomina: se o desafõro ou a perversidade: se o orgulho insensato da tirania, ou a raiva da desesperaçãõ.

Huma tal combinaçãõ de calumnias e de injurias vulgares não pode deixar de aborreçer a toda a alma bem nascida.

Com tudo he preciso vencer esta aversão para por alguns momentos fallar dellas : a origem desta peça, os motivos que a inspirarão, e a mesma occasião que se escolheu para publica-la, dão-lhe huma celebridade mui notavel. Qualquer que tenha sido o Redactor, só Bonaparte podia dictar este artigo: só por sua ordem positiva podia ser impresso: devemos por consequencia considera-lo como official.

Bonaparte he ja bem conhecido como escriptor, e por isso ninguem se pode enganar com o seo estilo. Não he com a penna que elle escreve contra os seus inimigos, isto he, contra todo o homem que tem honra, e que se o poem ás suas vontades. Huma penna, molhada em fel, ainda não dis bem qual he o instrumento que elle emprega. He com o cutello do algos que elle parece dar os primeiros traços ás palavras violentas e mal formadas dos seus decretos sanguinarios.

Se ainda podesse haver alguma duvida sobre o verdadeiro auctor deste libello, a reflexão seguinte bastaria para tira-la. Há dois annos que as gazetas Francezas, e todas ás outras que estão debaixo da influencia do governo Francez, tem guardado hum silencio absoluto sobre quanto dis respeito ás relações entre a Suecia e a França. Podemos com effeito admirar todos os rodeios ingenhosos que os vossos Jornalistas tem feito para fugir desta questão, que segundo a serie dos successos parecia não poder deixar de ser tratada, ou discutida. No vosso Monitor nem huma palavra articulastes sobre a entrevista d'Abo, sobre os tratados entre a Suecia, a Russia e Inglaterra, sobre a chegada do Principe Real da Suecia á Alemanha á frente de hum bello exercito Scandinavo, sobre as conferencias de Trachenberg, e sobre o enthusiasmo com que este Principe foi recebido na sua passagem pelos povos d'Alemanha. O vosso segredo sobre o verdadeiro estado das couzas havia chegado á tal ponto, que os officiaes Francezes, immediatamente conduzidos, depois de findo o armisticio, como prisioneiros de guerra ao campo do exercito combinado do Norte d'Alemanha, ficaraõ surprehendidos de ver os soldados Suecos; pois que ainda ignoravaõ a guerra da França com a Suecia. Eu louvo a vossa prudencia; por que sabeis a impressão profunda que nos corações verdadeiramente Francezes faria o nome do Principe Real da Suecia, e que elle excitaria recordações perigosas para vós, recordações de liberdade e de gloria. De repente deixaes toda a reserva, e não he para fazer hum manifesto contra a Suecia; para justificar os impedimentos injustos que tendes querido por ao seo commercio; e para justificar a captura dos seus navios, a invasão da Pomerania, e mil outras hostilidades que tinheis

cometido contra ella : he para vomitar injurias contra o successor do throno, eleito pelos votos unanimes de huma nação livre ; e contra o chefe do exercito Sueco e dos corpos numerosos, que as potencias aliadas tem confiado ao seo genio militar. Mas que momento não escolhestes para por de parte todas as considerações de decencia ? Se quereis que as vossas calumnias fação fructo, empregai-as quando os vossos adversarios tiverem revezes : os homens naturalmente condemnaõ os infelizes, ainda mesmo naquellas em prezas justas e generozas. O Principe Real da Suecia está porem á frente de hum exercito victorioso : por duas vezes os vossos ataques sobre Berlin tem sido malogrados ; e por duas vezes os vossos exercitos tem sido batidos e dispersos por elle. Ja passou o Elbo, e ja se avança para a Alemanha conjunctamente com os alliados da Suecia, vendo voar diante de si todos os corações, e huma multidão de bravos, que se vem alistar debaixo das suas bandeiras. He possível que não tivesses pois no vosso conselho huma unica pessoa, que ouzasse dizer-vos, que em taes circumstancias esta vossa indiscrição mostrava só os effeitos da vossa raiva impotente, e que o vosso adversario ganharia ainda mais em gloria pelo vão esforço que fazeis por manchar a sua reputação ? Não espereis provocar da sua parte huma resposta igual ; he bastante a confiança que tem na justiça da sua cauza, na lealdade dos seus alliados, e no valor das tropas que commanda, e não há de aviltar-se a esgremir com armas taes.

O gazeteiro Imperial, ou o Imperador Jornalista, affirma com huma rara impudencia, que o Principe Real da Suecia depois de algum tempo poem o seo nome em escriptos, que merecem ser qualificados como libellos, e que emprega escriptores mercenarios para os fazer. Em primeiro lugar, o Principe Real não precisa de servir-se da penna de ninguem. Sabe manejar taõbem a penna como a espada ; e tanto com huma como outra vos descarrega os golpes mais funestos. O seo estilo he taõ difficil de contra fazer, como o vosso o he de disfarçar-se. As suas palavras pintaõ sempre o caracter da sua alma ; e tudo nelle he franco, leal, e magnanimo. Desde que a Suecia entrou na coalizaõ, apenas há hum pequeno numero de peças impressas sobre os negocios geraes da Europa, que tenhaõ a sua assignatura. As duas cartas ao Imperador Napoleaõ, inseridas no *Relatorio do ministro dos negocios estrangeiros sobre as relações entre a Suecia e a França* ; a Proclamação ao exercito Sueco que defende as fronteiras ; a que foi dirigida ao exercito combinado do Norte d'Alemanha, e a outra aos Saxo-nios ; em fim a carta ao Imperador Napoleaõ em 23 de

Março de 1813; eis aqui, segundo penso, os unicos escriptos, autenticamente publicados com o nome de S. A. R. Em vez de os indicar vagamente reimprimi-os pois no Monitor, acompanhai-os de notas, e vede entã se os vossos leitores chegã a persuadir-se de que são libellos. Mas ah! vos não vos atreveis a fazer isto! Particularmente na *Carta de 23 de Março* há com que fulminar todos os prestigios que rodeiã Bonaparte. Este escripto faz epocha nos annaes da diplomacia. São grandes verdades ditas por hum modo grande, e magestozo. Huma eloquencia nervoza, que penetra o Coraçã, acompanha toda aquella moderaçã, tranquillidade, e observancia de todas as decencias, de que athe agora os Soberanos da Europa civilizada nunca se haviã a fastado em seos escriptos, antes de apparecer hum Imperador anarquista, que foi o primeiro em prostituir a dignidade do throno, quebrando todas as barreiras, e largando as rédeas á huma perversidade atroz debaixo das formas mais ignobéis.

He inutil o apontar aqui todos os libellos que Bonaparte tem escripto ou mandado escrever contra os Soberanos da Europa. Chegou mesmo a insultar o modello de todas as graças sobre o throno. Estes horrores estão estampados no Monitor e em outros Jornaes de Pariz; porque como ninguem em França ouza hoje manifestar huma opiniaõ independente sobre os negocios publicos, pode-se affoitamente dizer, que todas as couzas atrevidas neste genero são dictadas pelo governo: e o governo he Bonaparte.

He notorio que elle, não somente sendo Consul, mas ainda depois que se intitula Imperador, tomou a seõ Soldo Barrere, seõ antigo amigo, e o Orador de Robespierre, para lhe fazer os artigos dos jornaes, e as brochuras politicas.

He pois isto quanto basta para que os nossos leitares imparciaes e instruidos fiquem em estado de comparar os escriptos publicos do Principe Real da Suecia com os de Bonaparte, se todavia a palavra comparaçã se pode applicar á couzas taõ opostas, como o dia o he a noite.

Mas em fim os escriptos não passão de palavras. Se alguem fizesse huma escolha escrupuloza entre as fallas, os discursos, os manifestos e os bulletins de Bonaparte, omitindo cuidadosamente todas as passagens em que o segredo da sua alma se rompeo, ainda poderia dar huma idea bastante vantajoza da sua pessoa aquem de novo viesse ao mundo, e de todo ignorasse estes factos: porque este homem he consumado na hipocrizia, em quanto as suas paixoes não o transtornaõ. Não ha nome algum sagrado, principiando pelo de Deos e da Providencia, que elle não tenha

profanado, fazendo-o servir para os seus designios; não ha sentimento nobre, de que não tenha feito alarde; e não há esperança alguma, que mais conçoale a humanidade, de que elle não tenha escarnecido. As acçoens são a pedra de toque dos caractéres, e as de Bonaparte não precisaõ commentarios. Porem como o auctor do artigo, depois de ter diffamado o Principe Real da Suecia, ataca a sua carreira publica, e mesmo a sua vida particular, continuemos o parallelo, e debuxemos com algumas pinceladas rapidas estes dois retratos, taõ fortemente contrastados.

O Principe Real da Suecia atravessou os tempos mais tempestuosos da revolução com huma reputação sem mancha. Tanto se mostrou sempre estranho á todas as facçoens, como determinado a dar sua vida pela defeza dos eo paiz. Declarou-se logo o amigo da liberdade dos povos, e ainda hoje conserva as mesmas opinioens. A liberdade bem entendida não he senão a garantia dos direitos de cada individuo, e todo o homem esclarecido deve por consequencia naturalmente ama-la. Há com tudo hum grande merecimento em estima-la, quando se chegou a ordem de Sobe-rano; porque então o direito, que tem as naçoens de serem consultadas sobre os seus proprios interesses, pode parecer hum obstaculo incomodo ao mesmo exercicio de huma auctoridade bem fazeja.

Quando a primeira effervescencia da revolução estava extincta, quando a França se achava fatigada com os horrores do fanatismo demagogico, com as perturbaçoens civis, e com as desordens d'anarquia, veio Bonaparte apoderar-se do poder. Não se pedia então senão a paz externa, o socego do interior, e o restabelecimento da ordem social: nenhuma outra idea occupava os Francezes. Virão-se em fim na fatal necessidade de experimentarem o que he huma auctoridade sem limites, dada a hum homem, sem moral e sem religião, para os fazer suspirar por essa mesma liberdade, de que huma falsa imagem os tinha allucinado, mas que nem por isso deixa de ser o bem mais real, á que huma nação possa aspirar.

O Principe Real não achou neste tempo a sua nação disposta para adoptar huma melhor ordem de couzas. Huma constituição, sabiamente delineada, não se pode ter sem que geralmente todos conheçaõ a sua necessidade. O Principe Real não se opoz ao usurpador, mas não occultou seus sentimentos. Bonaparte o temia, e não poupava couza alguma para destruir a sua opposição, e embaraçar que os verdadeiros amigos da patria não o tomassem por seu chefe.

Em huma dessas ceremonias, que Bonaparte inventou

para habituar os Francezes ás novas formas monarchicas, dice elle com satisfação ao General Bernadotte: “Tudo torna a entrar na antiga ordem.”—“Sim, Cidadão Consul, respondeo este, tudo volta á antiga ordem; e só falta hum milhão de Francezes, que morreo pela liberdade.”

Quando Bonaparte imaginou restabelecer em França os antigos titulos, e as antigas dignidades para illudir o povo sobre a verdadeira natureza do seo governo, todas as honras, que conferio ao Principe Real da Suecia, foraõ simplesmente o pagamento de huma divida ao seo merecimento, porque não poderia ficar esquecido sem excitar o descontentamento em tódo o exercito. Alem disto, a Constituição que nomeava Bonaparte Primeiro Consul, lhe impunha a expressa obrigação de pagar a divida de reconhecimento, contractada pelo Estado a favor dos Generaes que o tinhaõ defendido. Nesta formação nova de altas dignidades, as que foraõ destinadas para os capitaens victoriosos eraõ as unicas que podiaõ ter hum principio de realidade. Em quasi todos os paizes as brilhantes acçoens militares tem sido a origem primitiva da nobreza. Os Generaes Francezes foraõ recompensados por haverem servido a França, e os outros o foraõ por se haverem tornado em instrumentos doces das vontades de Bonaparte.

O Marechal Principe de Pontecorvo continuou a servir a França nas guerras subsequentes. Mas ainda que esta guerra de vinte annos tenha por muitas vezes mostrado o character de huma barbara violencia, character que ja parecia ter perdido para sempre na Europa, este illustre guerreiro sempre lhe soube adoçar os males pela influencia do seo character pessoal.—Os seos cuidados em manter a disciplina; a arte que elle possui de animar os seos soldados unicamente pelo motivo desinteressado da honra; as suas contemplaçoens á favor dos paizes que foraõ o theatro da guerra; a sua compaixão pelos infelizes, e o seo delicado procedimento com os prisioneiros de guerra, podem ser e tem sido attestados por todos aquelles contra quem elle combateo.

Os homens, á quem a natureza destinou por grandes faculdades, por huma actividade rapida e infatigavel, e por hum golpe de vista firme e penetrante, para governar os povos, precizaõ mover-se em huma vasta sphera de acção. O Principe Real não se limitou pois ao circulo estreito da vida privada, quando Bonaparte passou a ser o denominador absoluto da França: continuou a desenvolver os seos talentos, e a estudar profundamente a arte militar em todas as guerras, para que nunca concorreo, mas antes desapprovava; e assim nunca perdeo taobem o habito de dirigir as grandes massas de homens. Parecia ja presentir entãõ que huma

epoca viria, em que podesse empregar todos estes meios de hum modo conforme aos intimos dezejos do seo coração. Esta torrente de successos, que a França só deveo na sua origem á huma forte impulsão nacional, e sobre aqual pelo tempo adiante só Napoleão pareceo ter a primazia, continuava sempre as suas inundaçoens: mas a sua violencia devia acabar pelos seos mesmos estragos, ainda antes de se lhe poder opor huma barreira efficaz. Já nesse tempo se podia prever, que a epocha de huma reacção universal havia de vir, e que esta torrente devastadora voltaria aos seos limites naturaes. A ordem do mundo civilizado estava transtornada, e era de prever que não seria restabelecida senão com a ponta da espada. A França tem feito na realidade hum grande mal a Europa, ao principio pelas suas agitaçoens contagiosas, e depois pela sua facil submissão á hum despota cruel; mas do mesmo seio da França devia sahir hum reparador de huma parte destes males; hum heroe amigo da humanidade.

Vós não tendes pejo de affirmar que o Principe Real da Suecia cometteo violencias no paiz de Hanover, quando ali commandou hum exercito Francez. Huma só palavra basta para desmentir huma calunnia tão infame. Os Hanoverianos adoraõ o Principe Real, foraõ-lhe sinceramente agradecidos, e tiveraõ o maior sentimento, quando outros chefes o foraõ substituir. Agora mesmo estes povos se levantaõ contra vosso irmão para se lançarem nos braços deste Principe que elles vêem chegar como seo libertador; e o Principe Regente d'Inglaterra acaba de por debaixo das suas ordens as tropas Inglezas e Hanoverianas, destinadas para co-operar para a liberdade d'Alemanha, e defeza do Eleitorado de Hanover.

Vós quereis ostentar-nos hum grande merecimento por não ter impedido a partida do Principe Real para a Suecia, quando foi chamado para a successão do throno. Tendes razão: depois de haveis usurpado a existencia inteira de tantos milhoens de Francezes, a quem não deixaes obrar, escrever, fallar, pensar, ou respirar livremente, podieis ainda levar athe este ponto as vossas pertençaens: sim podieis ainda muito bem fazer esta violencia, irmam de outras vossas violencias inauditas. E porque não vos gloriaes taobem de não ter mandado assassinar o Principe Real quando estava para partir? Sabe-se muito bem que pertendestes fazer morrer Moreau, mas que vos faltou a ousadia. Talvez pensastes que seria menos perigozo ter hum antagonista fóra da França do que dentro della, aonde poderieis ter levado ao ultimo ponto de desesperaçãõ hum homem energico. O auctor do artigo dá a entender que o Principe de Pontecorvo

deveo a licença de sahir de França aos laços de familia que tinha com Bonaparte. Na verdade, he bem patente todo o cazo que Bonaparte faz de todos estes laços de familia, pois que he elle mesmo quem forçou hum de seos irmaons, a quem era mais obrigado, a desterrar-se voluntariamente; e he elle mesmo quem desthronizou e desterrou outro irmaõ, por querer fazer a felicidade do povo que governava. Com tudo estes laços de familia, de que falla o auctor do artigo, tem sido muito uteis á Bonaparte na sua volta do Egipto; porque embaraçaraõ que o General Bernadotte empregasse á sua influencia para que fosse sentenciado e punido exemplarmente como merecia.

Acuzaes o Principe Real por ter adoptado o culto geralmente introduzido na Suecia depois de quasi tres seculos. He de esperar, que o tempo das dissençaens religiozas esteja de todo acabado, e que as differentes comunhoens Christians venhaõ á congraçar-se, pois que todas tem por baze as grandes verdades reveladas. Mas na Suecia assim como em Inglaterra os esforços de muitos Principes para restabelecer o antigo culto tem cauzado perturbaçoens civiz. He logo natural, que estas naçoens considerem os principios da reforma, relativos á Igreja e ao Estado, como huma garantia das suas liberdades constitucionaes. Que accesso porem indiscreto de hypocrizia vos induzio a tocar nesta corda? Com effeito, deveis edificar grandemente com isto os catholicos zelozos! Como saõ as couzas? He Bonaparte quem se escandaliza; elle que foi hum renegado no Egipto; o impostor que quiz passar por hum Profeta de Mahomet; o mesmo homem, que voltando á França, ostentou hum grande zelo pelo restabelecimento do catholicismo; que forçou o Soberano Pontifice, na esperanza de dar a paz a Igreja, a sancionar a sua elevação ao throno com as suas bençaõs; que em premio deste beneficio despojou este veneravel velho de todos os seos Estados, o arrastrou ao captiveiro, aonde ainda hoje geme, e tem acabrunhado com perseguicoens cruéis todos os membros do clero que se conservaõ fieis ao seo chefe espirital; e que foi escomungado, e que o está ainda hoje, porque a nova concordata, que elle ouzou publicar, não he senaõ huma nova impostura. Bonaparte tem successivamente lizongeados os Mahometanos, os Catholicos, os Protestantes, os Judeos, e athe os mesmos filosofos, proclamando a tolerancia universal: enganou-os á todos, e quaesquer que sejaõ as opinioens religiosas dos homens, todos devem ser unanimes em aborrecer hum homem, para quem a religião nunca foi outra couza mais do que huma mascara de hypocrizia, e huma maquina da sua politica infernal.

A accuzação de haver espoliado a França da ilha de Guadaloupe não pertence só ao Principe Real, deve ser taobem contra o Governo Sueco. He verdade que segundo o antigo direito das gentes, estabelecido na Europa, não se dispunha de huma provincia conquistada em favor de huma terceira potencia, antes que esta provincia fosse cedida pelo seo primeiro possuidor na concluzão da paz. Porem Bonaparte tem transtornado este direito respeitavel; incorporou á França huma quantidade de provincias que nunca lhe foraõ cedidas pelos seos Soberanos legitimos; e por esta mesma forma compos o reino da Westphalia. As suas reclamaçoens vem pois a ser nullas pela sua mesma pratica, e a Inglaterra nao fez mais do que uzar de mui moderadas represalias. Por outra parte a Suecia devia aproveitar esta occazião para retorquir com o mesmo á Bonaparte: elle invadio-lhe a Pomerania; a Suecia toma posse da Guadaloupe. E se por fim na paz geral esta potencia consentir na restituicão da Guadaloupe, por meio de algum equivalente, sempre isto será considerado como hum obsequio feito á França de concerto com o governo Inglez. Aceitando a Guadaloupe, a Suecia quis provar ao universo, que ella não temia Bonaparte. Com muita anticipaçãõ ja tinha previsto a quèda do seo poder colossal, mas facticio. Alem disto, que vem a ser a Guadaloupe em comparaçãõ de tantas colonias importantes, que tem perdido a França depois do rompimento da paz de Amiens? He Bonaparte só que lhe tem cauzado estas perdas pela sua obstinaçãõ insensata em fazer a guerra á Gram-Bretanha. Nao há Francez algum esclarecido que ignore, que a unica esperançã que pode ainda ter a França de recobrar as suas colonias, somente está fundada na retrogradaçãõ do seo governo para principios justos e moderados na Europa; para principios que Bonaparte nunca adoptará de boa fé.

Com effeito mostraes bem pouca esperteza em acuzar o Principe Real de se haver manifestado tao bom Sueco nesta circumstancia. Este Principe identificou-se completamente com a nação que o chamou para succeder no throno. Os interesses da Suecia são o seo primeiro pensamento; todos os seos outros dezejõs dirigem-se ao bom successo dos alliados, e a humanidade em geral. Fazendo entrar a Suecia na cauza Europea, todos os seos cuidados tem por fim, que a tranquillidade e a independencia da peninsula Scandinava fiquem seguras sobre bazes firmissimas. Os Suecos ja consideraõ com orgulho a renovaçãõ dos seos antigos tempos debaixo dos auspicios de hum Principe, grande capitão, e o herdeiro dos sentimentos do Grande Gustavo-Adolpho; e ja taobem entraõ a marchar com toda

a segurança pelos passos dos seus antepassados, tão illustres na historia.

Hé de balde que vós trabalhaes por fazer odioso o Principe Real aos olhos dos Francezes. Não há Francez que se possa enganar nem sobre o verdadeiro auctor dos seus males, nem sobre o objecto que só merece o seu odio: sim, he so aquelle, que tem accumulado sobre as suas cabeças innocentes a execração e a vingança de todas as nações. E quem hé que poderia fazer a exacta enumeração de todos esses crimes pelos quaes chegou ao cume do poder, e nelle se tem conservado? Bonaparte, natural da Corsega, foi educado em huma escolha militar de França pela generosidade do desgraçado Luis XVI.; e ao sahir della logo se declarou por hum furioso Jacobino. O seu primeiro ensaio para ganhar celebridade foi a composição de huma brochura, escripta no estillo o mais revolucionario, á qual denominou a *Cêa de Avinhão*.—Depois do 9 Thermidor foi accusado, prêzo, e demittido de official por ser hum dos satellites de Robespierre. Começou então a cortejar todas as facções athe que chegou a domina-las: inuudou as ruas de Paris do sangue dos seus concidadaons, que reclamavao hum direito constitucional: passou a hir sacrificar aos seus projectos quimericos hum bello exercito no Egypto: mandou assassinar os prizioneiros Turcos, ao mesmo tempo que fazia envenenar os seus proprios doentes; e por fim nas circumstancias mais criticas desertou do seu exercito. Chegado que foi á Europa emprehendeo à frente dos seus satellites dissolver a representação nacional, e não o teria conseguido, se a energia e a presença de espirito de seu irmão o não tivessem salvado. Dominador absoluto, mandou estrangular Pichegru em huma masmorra por mão dos seus Mamelucos; proscreeo Moreau; mandou agarrar em hum paiz estrangeiro o descendente do Grand-Condé; e o fez morrer no suplicio. O reino do terror foi então restabelecido em França: em vez de huma Bastilha, que os Francezes tinhao demolido, elle erigio oito: todas as prizoens se encherão de criminozos de Estado; e suspeitozo como Tiberio, e cruel como Nero, creou em França hum systema de universal espionagem, que occupa quasi todo o tempo dos publicos administradores. Todas as ideas liberaes foraõ proscriptas; todas as vozes independentes tiverão ordem de emudecer; e o silencio da morte se estendeo então, e se estende ainda hoje sobre todo esse bello paiz, habitado por huma das nações as mais esclarecidas e espirituozas da Europa: Sô a lizonja tem licença de fallar, e por hum monstruozo apparatus de mentiras procura ocultar todos estes horrores. A sua administração interior tem arruinado a

prosperidade da França, e o seo procedimento para com as outras naçoens não he senão huma tã^{le} perfidias atrozes. Nas guerras, que a sua frenetica ambição tem suscitado depois de dez annos, todos os antigos defensores da patria tem successivamente perecido; e a mocidade da França, extorquida aos trabalhos pacificos, vai tendo a mesma cruel sorte. Se as brillhantes victorias alcançadas pela bizarria franceza poderaõ por alguns annos produzir hum prestigio, este prestigio ja la vai. Bonaparte fatigou a sua fortuna á força de abusar della: agora só experimenta revezes, porque o seo unico merecimento era a sua extraordinaria fortuna. Não tem alliado algum fiel; e ja todos aspiraõ a sacudir este jugo de vassallagem que imperiozas circumstancias lh'es tinhaõ imposto, e que elle decorava com o nome de alianças. He verdade que ainda tem alguns satelites, que o temor da sua propria segurança obriga a ligar com elle; mas não tem hum só amigo em todo o universo. Já está chegado o momento em que este homem, que por vias tenebrozas conseguiu meter debaixo dos pés o genero humano, vai tornar-se ao seo primeiro nada. Debalde pretende elle confundir o seo nome e os seos interesses com os da França: mas que outras ligaçoens a sua pessoa tem com ella, além da usurpação e da tyrania com que athe agora a governou? Os alliados ja altamente o tem declarado: não fazem a guerra á nação Franceza; he taõ somente á Bonaparte. Entre os muitos milhoens de homens, que elle chama seos vassallos, separa-se o tyrano; e proclama-se hum geral esquecimento do passado para todos os que o tem servido, com tanto que o deixem, e que peguem em armas contra elle. Sim, elle só está irrevogavelmente banido por toda a humanidade.

Nunca senado taõ augusto presidio aos destinos da Europa, como aquelle que hoje formaõ os Soberanos alliados. E pode ainda haver duvida de que o Principe Real da Suecia não levantaria a voz neste Senado em favor da sua patria, se ali se trata-se de desmembrar ou subjugar a França? Porém a França pode obter huma paz muito honroza, assim que ella se resolver á por hum termo aos abuzos do poder do seo despota.

Os alliados só querem restabelecer a tranquillidade e a independencia do mundo civilizado. O Principe Real da Suecia estima a França, e nunca deixou de querer a sua felicidade. Hé só Bonaparte que se opoem, porque não tem o sangue nem o coração de hum Francez. Nobremente, e a maneira dos antigos cavalleiros, o Principe Real ja lhe atirou com a sua luva: que o seo adversario a levante pois,

se o ouza; e venha terminar esta grande lucta por hum combate particular; o resultado não será duvidozo. Já me parece ver marchar para o combate o Principe Real com o seo rosto sereno, e esse ar tão franco e tão nobre, que faz lembrar a imagem dos Du-Gueselin e dos Bayard, tendo em frente o seo adversario, todo inchado de orgulho, mas coberto de maldiçoens, e com o semblante ja marcado com todos os sinaes da vingança celeste. Já cuido ver as sombras dos heroicos Reys da Suecia apparecerem sobre as nuvens para serem testemunhas d'este—*Juizo de Deos*; e me figuro ver Gustavo Adolpho lançar huns olhos de indignação contra aquelle, que profanou a batalha de Lutzen, dizendo, que segunda vez fora dada pela liberdade d'Allemanha. Os povos espectadores aplaudiriaõ sem duvida a empreza do seo generoso defensor, e lhe presagiariao a victoria. O monstro ficaria aniquilado, e pelo mundo todo resoariaõ os gritos de alegria.

Tratado de Amizade e Alliança defensiva entre as Cortes de Berlin e Petersburgo, concluido em Toplitz, a 28 de Agosto de 1813.

EM NOME DA SANCTISSIMA E INDIVIDUA TRINDADE.

S. M. o Rey de Prussia, e S. M. o Imperador de todas as Russias, dezejando estender os effeitos da sua alliança athe o tempo em que, depois de haverem completamente conseguido o objecto da presente guerra, os seos reciprocos interesses devem tender á conservaçã daquella ordem de couzas, que o feliz exito desta guerra ha de produzir; tem mutuamente concordado em estreitar muito mais os laços de uniaõ e amisade, que ja tão felizmente existem entre suas Magestades, por effeito de convençoens que sejaõ em tudo conformes com aquellas que ja cada huma tem feito separadamente com S. M. o Imperador d'Austria.

Por este motivo Suas Magestades, querendo esitpular artigos adicionaes ao tratado de alliança, concluido em Kalisch aos 28 de Fevereiro passado, tem nomeado por seos Plenipotenciarios com as instrucçoens sufficientes—S. M. El Rey de Prussia, á Carlos Augusto Baraõ de Hardenberg, seo Chanceller de Estado, Cavalleiro das Ordens da Aguia negra e Aguia vermelha da Russia, da Cruz de Ferro da Ordem de S. Joaõ, de Santo André, de Santo Alexandre Newski e de Sancta Anna da Russia, e muitas outras ordens.

E S. M. o Imperador de todas as Russias, á Roberto Conde de Nesselrode, seo concelheiro privado, actual Camarista e Secretario de Estado, cavalleiro da ordem de S. Wladimiro, da 3 classe, e da ordem da Águia vermelha da Prussia; os quaes, depois de haverem trocado os seus plenos poderes, que se acharão regulares, convierão nos artigos seguintes:

Artigo 1. S. M. El Rey de Prussia garante a S. M. o Imperador de todas as Russias a posse de todos os seus Estados, provincias, e dominios. Da sua parte S. M. o Imperador de todas as Russias garante a S. M. El Rey de Prussia a posse dos estados, provincias e dominios que pertencem á coroa de S. Magestade.

2. Em consequencia desta garantia reciproca, as Altas Partes Contractantes obrarão constantemente de accordo, e tomaraõ aquellas medidas que mais proprias lhes parecerem para a conservação da paz na Europa; e no cazo que os estados de huma das duas Potencias seja ameaçada com huma invazão; ellas se lhe opporão da maneira a mais efficaz.

3. Se a mediação que ellas mutuamente promettem a este respeito, não tiver o dezejado successo, Suas Magestades reciprocamente se empenhão desde este momento, no cazo que huma, ou outra seja atacada, a pôr á disposição da outra hum corpo de 60,000 homens.

4. Esse exercito será composto de 50,000 de infantaria, e 10,000 de cavallaria, de hum corpo de artilharia de campanha com as muniçoens, e o mais necessario e n'huma justa proporção ao numero de homens acima estipulado. Este exercito auxiliar devera apparecer, dois mezes o mais tardar depois que for requerido, nas fronteiras da Potencia, cujos Estados forem atacados, ou ameaçados de ser invadidos.

5. O exercito auxiliar estará debaixo do immediato commando do General em chefe da Potencia que o requerer, e sera conduzido por seu proprio General, e empregado em todas as operaçoens militares, segundo as leis da guerra. O exercito auxiliar será pago pela Potencia a que pertence: quando porem tiver passado as fronteiras daquella Potencia, a outra que o pedio lhe fornecera quartéis, provizoens, e forragem, em raçoens iguaes as que tem as suas proprias tropas, assim em campanha, como em quartéis.

6. A ordem militar, e administração economica destas tropas auxiliares dependerá inteiramente do seu proprio chefe. Não poderaõ ser separadas. Os trofeos, e despojo colhidos ao inimigo pertenceraõ ás tropas que os tomarem.

7. No cazo de que o succorro estipulado não seja sufficiente para a Potencia atacada, S. M. El Rey de Prussia, e

e S. M. o Imperador de todas as Russias, se reservaõ a faculdade de fazer mutuos arranjos para pôr em campo, segundo as circumstancias, e sem demora, forças mais consideraveis.

8. As duas Potencias contractantes promettem reciprocamente, que no caso de que huma dellas seja forçada a pegar em armas, ella não concluirá nem paz, nem armisticio, sem o seu alliado; a fim de que este não possa ser atacado em vingança de ter prestado succorro á outra.

9. Os Embaixadores, e Ministros das duas Potencias Alliadas nas Cortes Estrangeiras receberaõ ordem para mutuamente se ajudarem, e obrarem com a mais perfeita intelligencia em todas as occazioens em que se tratar dos interesses de seos Amos.

10. As duas Altas Potencias, concluindo este tratado de amizade, e de pura alliança defensiva, não tendo outro objecto mais do que a mutua garantia de suas respectivas possessoens, e de segurar, quanto dellas depende, a geral tranquillidade; não somente não dezejaõ commetter a menor infracção d'algum dos anteriores, e particulares empenhos de alliança, igualmente defensiva, que tem contractado com seos respectivos alliados; mas ate reciprocamente se reservaõ a liberdade de concluir, para o futuro, outros tratados com Potencias, que longe de serem, por esta accessão prejudiciaes ao prezente tratado, ou de serem cauza de algum obstaculo á sua execução, dem a este mais efficacia, e mais força. Todavia, ellas promettem não contrahir empenho opposto ao prezente tratado: dezejaõ, pelo contrario, mutuamente convidar outras Côrtes, que tem as mesmas vistas, a tomar parte nelle.

11. Os artigos addicionaes acima escritos seraõ ratificados por S. M. El Rey de Prussia, e por S. M. o Imperador da Russia; e as ratificaçoens seraõ trocadas dentro de quinze dias, contados do da assignatura, ou antes, sendo possível.

Em testemunho do que, nos os Plenipotenciarios abaixo assignados em virtude de nossos plenos poderes, temos assignado o prezente tratado de amizade, e de alliança defensiva, e o sellamos com as nossas armas.

(Assignados) CARLOS AUGUSTO, BARAÕ DE HARDENBERG.

CARLOS ROBERT, CONDE DE NESSELRODE.

Feito em Toplitz, a 9 de
Novembro de 1813.

CAPITULAÇÃO DA CIDADE DE DRESDEN.

Art. 1. A guarnição de Dresden, marchará para fora da cidade, com armas e bagagem, e deporá as armas de frente dos reductos. Os officiaes conservarão as suas espadas. Ao exemplo da capitulação concedida ao Feld Marechal, Conde Wurmsér, em Mantua; hum batalhão de 600 homens conservara as suas armas, e duas peças de canhão, com carros de muniçoens, e cavallos de tiro; 25 gendarmes da Guarda Imperial, tambem reterão as suas armas e cavallos; e 25 gendarmes pertencentes à divisao, tambem reterão as suas armas, e cavallos.

2. Todos os prisioneiros de guerra que estão actualmente em Dresden serão postos em liberdade immediatamente depois da assinatura desta capitulação, e considerados como trocados.

3. A guarnição de Dresden he prisioneira de guerra, e sera enviada para Franca. O Marechal Conde Gouvion St. Cyr, da se por fiador de que nem officiaes, nem soldados, haõ de servir contra alguma das potencias alliadas empenhadas na guerra com Franca, até que sejam completamente trocados.

Sera feita, e entregne huma lista dobrada de todos os officiaes superiores, subalternos, e soldados. A lista dos generaes, Estadomaior, e officiaes superiores será assignada por elles mesmos, debaixo da promessa de não servirem até serem completamente trocados; a lista dos nomes dos soldados, sera assignada da mesma sorte. Sera feita huma similhante lista dos doentes, e feridos.

4. O Marechal Gouvion St. Cyr, empenha-se em frazer effectuar, o mais de pressa possivel, a troca da guarnição por hum igual numero de prisioneiros de guerra das Potencias Alliadas, posto por posto.

5. Tam de pressa hum numero de prisioneiros de guerra das Potencias Alliadas estiver em liberdade, hum semilhante numero da guarnição de Dresden será considerada em liberdade.

6. A guarnição evacuará Dresden em 6 columnas, cada huma das quaes conterà a sexta parte das tropas; o provisionamento dellas devará ser feito por degraos, e pelo modo Austriaco.

A accommodação, raçoens, marcha e dias de repouso, devam ser fixados segundo hum plano de marchar adoptade por S. E. o Conde Kleinau, general da cavallaria. A primeira columna deverá partir no dia 12 de Novembro, e a seguinte seguilla pela mesma estrada em distancia de hum dia de jornada. Os gendarmes de cavallo devem acompanhar cada columna para a conservação da boa ordem.

7. Os doentes e feridos haõ de ser tratados do mesmo modo que os dos Alliados; logo que estejam bons serão mandados para Franca com as mesmas condiçoens da guarnição. Os necessarios

cirurgioens, e a gente precisa para tratar delles, deveram ficar atrás, e deverão ser postos em huma condiçãõ igual aos das potencias alliadas.

8. As tropas Polacas, e outros alliados de França voltando para lá, serãõ consideradas como Francezas.

9. As pessoas não combatentes, não devem ser consideradas como prizioneiras de guerra, e haõ de acompanhar as tropas na sua marcha.

10. Todos os Francezes agora em Dresden, que não estiverem em serviço militar, terãõ a liberdade de acompanhar as tropas; porem sem terem direito á subsistencia. A estes consentir-se-lhes-ha o disporem como quizerem da sua reconhecida propriedade.

11. O Embaixador Frances, assim como os Embaixadores de todas as Potencias Alliadas da França receberãõ passaportes para suas terras.

12. Em hum dia depois da assignatura da presente capitulaçãõ as caixas militares, muniçoens, e provisoens de guerra, canhoens, e tudo o que pertence ás fortificaçoens, será rendido ao exercito alliado sitiante, assim como as pontes, com os seus pertences, os carros do trem, e cavallos, pertencentes as tropas, e artilheria com huma relaçaõ por escrito.

13. No dia seguinte á assignatura da capitulaçãõ, hum dos reductos, e barreiras dos suburbios de ambos os lados do Elba, e igualmente duas portas da cidade velha, e huma porta da cidade nova serãõ postos em poder das tropas alliadas do exercito sitiante.

14. Os generaes, Estado-maior, e officiaes superiores, conservarãõ as suas bagagens, e cavallos que lhes saõ dados pelas ordenaçoens do serviço Francez, e receberãõ forragem para os ditos durante a marcha. As fortalezas de Sonnenstein serãõ rendidas dentro de 6 horas depois da assignatura da presente capitulaçãõ. A guarniçaõ deve marchar para Dresden e ali unir-se á sua propria divisaõ.

Feita, e approvada por todos os Coroneis, Baroaõ Rotkirch, e Marawien, Chefes do Estado Maior General do corpo de exercito Imperial Austriaco, e Russiano, que foram nomeados para este proposito pelos seus respectivos corpos. S. E. o General de Cavallaria Imperial e Real, Conde Von Kleinau, e S. E. o Tenente-general Conde Tolstoy, de hum lado, e o Coronel Imperial Francez, Merion, do Corpo dos Engenheiros, e Perrin, Ajudante Commandante, Conde Lobau do outro lado, que estaõ com os necessarios poderes, pelo Marechal Conde Gouvion St. Cyr.

(Assignado) Baroaõ VON ROTKIRCH.

Coronel Imperial e Real, e Chefe do Estado Maior General da Quarta Divisaõ.

Hertzwalde, 11 de Novembro, 1813. Coronel MURAWIEN.

Os precedentes artigos serãõ promptificados pelos generaes commandantes dos Exercitos Alliados de fronte de Dresden; pelo General Conde Von Kleinau, e pelo Tenente-general Russiano, Conde Tolstoy, e pelo Imperial Marechal do Imperio Conde Gouvion St. Cyr. Depois du que ficará tendo a devida força e validade.

(Assignado) O Tenente-general Conde TOLSTOY.
O Tenente-general Conde Von KLEIN AU.

DECLARAÇÃO D'EL REY DE BAVIERA.

Todos sabem as relaçoens que estes ultimos oito annos tem ligado a Bavaria á França, assim como tambem os motivos que as occasionaram, e a escrupulosa boa fé com que o Rey tem preenchido as suas condiçoens. Outros Estados, gradualmente seguiram o primeiro Alliado do Imperio Francez. Esta junção de Soberanos tomou a forma de huma União, de huma natureza de que a Historia de Alemanha mostra mais de um exemplo. O Acto de Confederação, assignado em Paris em 12 de Julho, de 1806, ainda que imperfeito, estipulou as condiçoens mutuas que deviam existir entre os Estados Confederados, e S. M. o Imperador dos Francezes, como Protector desta Alliança.

O fundamento deste tractado, de ambos os lados, era o interesse de ambas as partes, nem outro podia existir; porque de outra sorte este Acto de Confederação não seria senão hum acto de incondicional submissão.

Entretando o Governo Francez mostra tello considerado neste sentido, porque em todas os actos que se seguiram áquelle solemne contracto nunca teve em vista a applicação dos pontos fundamentaes que faziam a guerra continental mutua para as differentes partes contratantes, nem o espirito, nem a intenção que presidiã em seu teor, porem deo-lhe, de seu proprio capricho, a a mais extensa explanação: requeria, á sua vontade, as forças militares de confederação para guerras que éram inteiramente alheas de seus interesses, e cujos motivos lhes não tinham sido previamente intimados.

A Bavaria, que considerava a França como o principal sustentaculo de sua preservação, porem cujos principios, não bastante, lhe causaram os mais serios cuidados preenchia com reflexão todas as obrigaçoens para com a França com o maior zelo e integridade; para ella nenhum sacrificio parecia demasiadamente grande para satisfazer aos desejos de seu Alliado, e para contribuir para a restauração da paz continental que se dizia ser o fim destas renovadas emprezas.

Quando, em 1812, o Imperador Napoleão determinou a guerra

contra a Russa, exigio da Bavaria o contribuir com o *maximum* do seu contingente. Esta guerra éra innegavelmente toda alhea dos interesses da Bavaria; foi-lhe doloroso, em todos os respeitos, soffrer que as suas tropas marchassem contra hum Estado que tinha sempre sido seu amigo, e que por muitos tempos passados fôra o affiançador da sua independencia, e contra hum Soberano que he ligado á familia Real por hum dobrado vinculo de parentesco. Já o Ministerio Francez se tinha exprimido nos termos mais assustadores, e mesmo os tinha proclamado em documentos diplomaticos á face da Europa. Estas expressoens não tendião, senão a representar os Estados da Confederaçãõ como se elles fossem os vassallos de França, e seus Principes ligados, sob pena de traicãõ, a tudo o que S. M. o Imperador Napoleãõ quizesse exigir delles.

Não bastante o receio que a expressãõ de principios taes deve necessariamente causar, ainda a Baviera se resolveo, como não tinha ponto de lei que apoiar, a consentir que 30,000 homens das suas tropas se reunissem ao exercito Francez. As desgraças sem exemplo que distinguiram aquella campanha são demaziadamente bem conhecidas para aqui fazer agora a triste descripçãõ dellas. Todo o exercito Bavaro, incluindo hum reforço de 8000 homens, que se lhe reuniu no mez de Outubro, foi destruido. Poucas familias ha que não andassem delucto por aquella catastrophe; e o que mais dôr causava ao paternal coração de S. M., era que tanto sangue tinha sido derramado em huma causa que não era a da nação. Entretanto fizeram-se preparaçoens para huma nova campanha, e Baviera que era tam adherente ao seu alliado, quanto desgraçada não hesitou em tórnar a por os debilitados restos de 38,000 Bavaros que tinham combatido debaixo dos estandartes Francezes, em huma nova divisaõ. No começo da campanha, gloriosos prospectos coroaram as armas do Imperador Napoleãõ, tam frequentemente victoriosas. A Alemanha, e toda a Europa, cria que, como o Imperador se achava entãõ em huma condiçãõ em que podia mostrar a sua moderaçãõ, sem se expor a alguma suspeita de fraqueza, acceitaria a mediaçãõ que Austria, pelos mais sabios e generosos motivos, offerencia, para o fim de procurar paz ao mundo, ou pelo menos ao continente. Esta esperança foi destruida. Pelo contrario vio ella crescer o numero de seus inimigos, pela poderosa coaliçãõ de Austria, á coaliçãõ ja formada contra o Imperador Napoleãõ. Desde este momento, a situaçãõ da Baviera tornou-se mui critica. A energia do Governo Bavaro, ceo affecto de huma nação, que não considera sacrificio pezado quando he necessario provar o seu amor para hum adorado Soberano, tinha ja, como por hum poder magico, creado hum novo exercito, o qual marchou para as fronteiras da banda da Austria; porem o exercito Francez a que o Imperador Napoleãõ tinha dado o nome de Exercito de Observaçãõ da Baviera, e que se estava re-

unindo nas vizinhanças de Wurtzbourg e nos territorios circumvizinhos, eu vez de apoiar o exercito Bavaro, derrepente recebeu outro destino. “ Nesta critica situação não se dignou o Imperador Napoleão empregar sobre o seu mais fiel Alliado, a menor consideração dos meios de sua protecção. Nem o segundo Exercito de Observação que estava para se ajunctar debaixo do commando do Marechal Augereau, se chegou a formar, e o seu debil casco, que estava ainda em Wurtzbourg, inteiramente desapareceu.” Estando desta maneira totalmente desamparado, S. M. teria infringido o mais sagrado de todas os deveres, se não tivesse cedido aos desejos dos seus fieis vassallos, que diariamente mais se manifestavam.” Os Soberanos Alliados contra a França não desdenharam o informar o Governo Bavaro dos principios de moderação que os animava, e assegurallo da sua formal garantia da integridade do Reino de Baviera, e de todas as suas fronteiras, como eram naquelle tempo, com condição que o Rey havia de ajunctar suas forças de guerra ás delles, não para continuarem huma guerra de ambição contra a França mas para assegurar a independencia das Naçoens Alemaãs, e dos estados de que ella consiste, e para obrigarem o Imperador Napoleão a assignar huma paz honrosa. S. M. não podia recuzar similhantes proposições sem se fazer criminoso para com os seus vassallos, e sem ser cego para com os sagrados principios sobre os quaes a sua conservação somente pode ser fundada. Confiando plenamente em tam francos, e generosos offercimentos, resolveo-se portanto a acceitallos em toda a sua extensão; e a concluir huma alliança com os trez principes, contra as extensas vistas que a França tem mostrado manter, e para os bons effeitos do que S. M. hade fazer os seus maiores esforços. S. M. deseja que huma prompta paz, haja de restaurar cedo as relações que elle não teria abandonado, a não ser a illegal extensão de hum poder, que se fazia cada dia mais insupportavel, que o obrigou a dar este passo, e a fazer a alliança que fez. Daqui em diante, S. M. unida nos interesses, e nos sentimentos com os seus altos, e poderosos Alliados, não ha de desprezar meio algum que possa contribuir para tornar mais apertados os vinculos que a ligam a elles.

DECLARACAO.

DAS POTENCIAS ALLIADAS.

O Governo Francez ordenou huma leva de 300,000 conscritos. Os motivos do Senatus Consultum para aquelle effeito, contem huma provocação ás Potencias Alliadas. Ellas portanto se acham compelidas a promulgar de novo, á face do mundo, as vistas que as guiam na presente guerra, os principios, que fôr-mam a baze de seu comportámento, os seus desejos, e as suas determinações.

As Potencias Alliadas não fazem guerra á França, mas sim contra aquella preponderancia altamente annunciada,—contra aquella preponderancia, que, para desgraca da Europa, e da França tem o Imperador Napoleão por demaziado tempo exercitado alem dos limites do seu Imperio.

A victoria tem conduzido os Exercitos Alliados até ás margens do Rheno. O primeiro uso que Suas Magestades Imperiaes e Reaes fizéram da victoria, foi offerecer paz a S. M. o Imperador dos Francezes. Huma attitude fortalecida pela accessão de todos os Soberanos e Principes da Alemanha, não teve influencia nas condições daquella paz. Estas condições éram fundadas na independencia dos outros estados da Europa; as vistas das Potencias são justas em seu objecto, generosas e liberaes na sua applicação, seguras para todos e honrozadas para cada hum.

Os Soberanos Alliados desejam que a França seja grande, poderosa, e feliz; porque a Potencia Franceza no estado de grandeza, e força, he hum dos fundamentos do edificio social da Europa. Ellas desejam que a França seja feliz,—que torne a reviver o commercio Francez,—que as artes, aquellas bençãos da paz, floream outra vez; porque hum povo grande sómente pôde estar tranquillo á proporção que for feliz. As Potencias confirmam ao Imperio Francez huma extenção de territorio, que a França nunca teve, em tempo de seus reys; porque huma nação valorosa não decahe de sua graduacão, por lhe ter chegado a sua vez de experimentar revezes em huma contenda obstinada e sanguinaria, em que tem pelejado com sua costumada valentia.

Porem as Potencias Alliadas desejam tambem ser livres, tranquilas, e felizes. Ellas desejam hum estado de paz, em que, por meio de huma sabia divisão do poder, por hum justo equilibrio, se possa daqui em diante livrar o seu povo das in-

meraveis calamidades, que tem oprimido a Europa por estes vinte annos passados.

As Potencias Alliadas não deporaõ as armas, até que não tenham alcançado este grande, e benefico resultado, nobre objecto de seus esforços. Ellas não deporaõ as armas, até que se não restabeleça de novo o estado politico da Europa,—até que principios immutaveis tenham tornado a assumir os seus direitos sobre pretensoes vaãs; até que a sanctidade dos tractados tenha por fim assegurado huma paz real á Europa.

Frankfort, 1 de Dezembro, 1813.

Sendo huma das peças bem interessantes desta Epocha a Declaração de algumas das Potencias alliadas, que acabámos de transcrever, não nos parecêrão menos curiozas as reflexoens que o auctor da Gazeta Ingleza o *Courier* fez por esta occaziaõ.

Deste modo verãõ os nossos Leitores, que vivem fora de Inglaterra, como aqui foi avaliada esta celebre Declaração, e que juizo tem formado della os papeis Ministeriaes; o qual, coincidindo justamente com o nosso, hé huma razãõ de mais para não omitirmos a sua publicação, pois que á todos os respectos hé digno de ser geralmênte conhecido, para taõbem ser geralmente apreciado.

Extracto do Courier de 17 de Dezembro.

Hoje publicámos huma peça Official, que se diz ser a Declaração das Potencias alliadas, e tem a data de Francfort no principio deste mez.

Antes que os nossos Leitores formem o seo juizo sobre esta peça será bom que se recordem de outras duas ou tres peças anteriores. Huma hé o primeiro Manifesto, ou Declaração da Austria, datada de Praga, aonde distinctamente se annuncia: *que Bonaparte não quer fazer sacrificios alguns a bem da paz.* A segunda he: “Reflexoens sobre o ataque feito por Bonaparte na gazeta de Leipzig contra o Principe da coroa da Suecia, nas quaes em rezultado se annuncia, “que huma paz com Bonaparte hé impracticaval.” A terceira peça hé o 26 Bulletin do Principe da Suecia, no qual se diz, que Bonaparte não quer a paz. O objecto de todos estes artigos, assim como tudo quanto os alliados tem publicado, hé o manifestar que huma paz segura com Bonaparte hé impossivel. Em huma palavra, athé esta mesma Declaração o certifica; e apezar disso, as Potencias alliadas affirmãõ que estão prontas a fazer a paz com elle! Como nos será possivel explicar pois huma tal inconsequencia? Talvez se diga, que manifestando as Potencias huma politica differente, e declarando que nunca fariaõ a paz com elle, isto seria o mes-

mo que altamente publicar, que tinhaõ intençoens de se intrometerem no governo interior e economico da França. Porem Vattel dis expressamente: " Quando as naçoens encontraõ, (o que os alliados tem encontrado em Bonaparte) hum desses monstros, que com o titulo de soberanos, saõ o flagello e o horror do genero humano, he o mesmo que tivessem des-coberto hum animal feroz, a quem todas as naçoens tem direito de expulsar da superficie do globo."

Sem avançar tanto como Vattel, podemos ao menos sustentar, que todas as naçoens estaõ auctorizadas para naõ querêrem fazer a paz com o dominador de huma naçaõ, que tam mostrado naõ haver lealdade alguma nos tratados que se faziã com elle, nem verdade em suas palavras. Conforme pois á estes nossos principios, somos de opiniaõ, que os Alliados deveriaõ ter franeamente declarado, que nunca fariaõ a paz com Bonaparte. Porem esta politica, que nós temos por mais segura e mais prudente, naõ he a politica dos alliados: elles naõ repugnaõ em fazer a paz com este homem, com tanto que o privem da sua preponderancia! Dizem que naõ temerãõ o tigre depois que lhe tiverem cortado as unhas. Que bella politica! Que bellas providencias! Mas se as unhas lhe tornarem a crescer? Como poderãõ tornar-lhas a cortar, e assim diminuir-lhe a sua preponderancia? " As Potencias alliadas confirmaõ ao Imperio Frances huma extençãõ de territorio como a França nunca teve no tempo dos seos Reis; porque huma naçaõ valente naõ deve decahir da sua graduacão politica por ter pela sua ves experimentado taõbem revezes em huma lucta obstinada e sanguinosa, em que ella tem combatido com a sua intrepidez acostumada."

Desta maneira, ainda que saibaõ muito bem, e na historia achem muitas provas, de que a França com o seo antigo territorio, e governada pelos Bourbons, cuja ambiçaõ nada valia, comparando-se com a do usurpador Corso, era ja assaz poderosa para a tranquillidade da Europa e para conservacão de huma balança duravel de poder; os alliados ainda querem todavia concluir huma paz com este tirano, que naõ conhece descanso nem remorsos, deixando-lhe nas maõs, e garantindo-lha, naõ a França como era em outros tempos, mas huma França muito maior e mais poderosa. E eisaqui o que em Frankfort se chama cortar as unhas ao tigre, e diminuir-lhe a sua preponderancia, de que taõ altamente se queixaõ todos!

Talvez que depois de tantos revezes como tem sofrido a França, naõ fosse possivel achar hum soberano ños tempos presentes ou passados, á excepçaõ de Bonaparte, que se recusasse á semelhantes condiçoens. Com effeito, quaes saõ ellas? Nada menos que hum novo meio infallivel que se lhe ministra,

com o territorio que se lhe deixa, e com 300 mil homens que gratuitamente se lhe restituem, para antes de dois annos tornar a perturbar a segurança, o descanso, e a prosperidade da Europa, e reduzir as potencias do continente a dura necessidade de outra vez se combinarem contra elle. Mas pode haver hoje alguma certeza de que essa combinação seja nesse tempo possível ou se execute? Aonde existe a segurança de que elle ou com promessas, e ameaças, ou com artificios ou intrigas não seja capaz de separar da cauza geral alguns dos gabinetes? Podemos com effeito ainda affirmar, que essa declaração não tenha atrouxado o espirito dos povos, e que ainda seja factível dar-lhe a mesma energia que athe agora tam mostrado? “A pagai huma vez este fogo sagrado, dis hum poeta, e eu não sei aonde hireis encontrar o fogo de Prometheo para de novo o accender.”

Felismente Bonaparte recuzou estas condições, e o mundo lhe ficara ao menos neste agradecimento pela sua obstinação. Pela sua teima em querer loucamente tentar os azares da guerra, a sua fortuna se tornará cada vez mais desesperada, e os alliados se poderaõ em fim convencer desta grande verdade. Que a salvação e a felicidade do mundo são incompativeis com a prolongação do poder nas mãos de hum tal homem.

Se os admiradores e os advogados deste monstro nos acuzão de termos principios anti pacificos, he porque nós somos os amigos, no sentido verdadeiro desta palavra, de huma paz, que possa ser duravel de huma paz, que não seja hum simples armisticio, e porque nós repetimos ainda a convicção em que estamos de que não pode haver segurança alguma em ter paz com Bonaparte; e que a deviza da Europa deve ser

Bonaparte e a Guerra: os Bourbons e a Paz.

“A melhor e a mais segura garantia, para me servir das expressoens do Lord Grenville na sua resposta ao ministro dos negocios estrangeiros de França a 4 de Janeiro de 1800,” deve achar-se na restauração desta Caza Real, que por tantos seculos tem mantido a prosperidade interna da nação franceza, e lhe tem adquirido externamente muita consideração e respeito. Essa garantia confirmaria França na posse incontestavel do seo antigo territorio, e daria á todas as mais naçoens da Europa, por hum modo tranquillo e pacifico, a segurança que ellas são obrigadas a procurar a força d’armas.

SUISSA.

Declaração da Neutralidade da Confederação Helvetica.

Nos os Landamman, e os Membros da dieta dos 19 cantoens da confederação Suissa; a vos, caros confederados, saude. A guerra que ha pouco estava longe das nossas fronteiras, vai-se approximando do nosso paiz, e das nossas pacificas habitaçoens. Debaixo de taes circumstancias era o nosso dever, como Deputados dos Cantoens Confederados, reflectir maduramente sobre a situação do paiz, para dirigir, communaçoens ás Potencias Belligerantes, e fazer todas as ultteriores disposiçoens que as circumstancias pedem.

Fieis aos principios de nossos antepassados, temos em virtude, e ordens do nosso governo, declarado com unanime voz, e vontade a neutralidade da Suissa.

Nos vamos transmitir, e notificar nas mais proprias formas, aos Soberanos em guerra, o solemne acto que acabamos de passar com esta intenção.

Graças á protecção divina, a observação de huma exacta neutralidade tem, por muitas idades, affiançado a liberdade, e repouso do nosso paiz; Agora, da mesma forma que em outro tempo, so esta neutralidade compete á nossa situação e ás nossas necessidades. Nos portanto, dezejamos establecel-la, e fazella respeitar por todos os meios que estiverem em nosso poder; nos dezejamos assegurar a liberdade e a independencia da Suissa, manter a sua prezente constituição, e preservar o nosso territorio de todas as tentativas; o que he o fim de todos os nossos esforços.

Para este effeito dirigimos-nos a vos, caros confederados de todos os Cantoens de Suissa, em vos darmos immediatamente informação da declaração que acaba de ser publicada. A Dieta espera de cada hum de vos, quem quer que sejais, que haveis de obrar nas mesmas vistas; que haveis de contribuir por todos os meios para a causa commum: que haveis de fazer todos os esforços e sacrificios que o bem do paiz, e a sua preservação pedirem; e que assim toda a nação se mostrará digna dos seus antepassados, e da felicidade que elles gozaram.

Queira o Soberano Senhor do mundo aceitar a homenagem de nossa profunda gratidão pelos immensos beneficios que ategora tem espalhado sobre o nosso paiz, e seja a preservação, a tranquillidade, e a felicidade deste Estado, posto debaixo da sua protecção, concedida ás nossas supplicas.

Dada em Zurich, em 20 de Novembro.

O Landamman dos Swissos, Presidente da Dieta,

(Assignado.)

J. DE REINARD.

O Chanceller da Confederação,

(Assignado)

MORISSON.

INGLATERRA.

TRADUCCAÕ LITERAL, MAS EXACTA,

Da consulta, á que o Embaixador de Portugal em Londres mandou responder por escripto os Lettrados que a assignáraõ, depois de os haver consultado na Caza Real de Portugal, e na presença dos Agentes dos Proprietarios dos navios Portuguezes tomados na Costa d'Africa :

Mandada por Sua Excellencia aos Redactores,

Para que a inserissem no seo Jornal, e chegasse por este modo mais facilmente ao conhecimento de todos os interessados.

CONSULTA.

Nos fins do anno de 1810 e principios de 1812 muitos navios Portuguezes, occupados no commercio do Brazil e Costas d'Africa, foraõ tomados pelos cruzadores Inglezes, e conduzidos depois a Serra-Leõa, aonde pelo Vice-Almirantado daquella colonia tanto os navios, como os escravos, ou cargas, que tinhaõ a bordo foraõ finalmente condemnados com o pretexto de fazerem o commercio da escravatura illegalmente.

Como muitos destes navios foraõ tomados na Costa d'Africa, a maior parte dos Mestres naõ estavaõ a bordo no acto da tomada, e por consequencia naõ foraõ conduzidos á Serra Leoa. Mas ainda que outros Mestres, ou sobrecargas estivessem presentes, elles desconheciaõ tanto os passos necessarios que se deviaõ dar para obterem justiça em hum tribunal Inglez, e tiveraõ por taõ difficultozo, ou melhor dizer impossivel o poder conseguir couza alguma

em Serra Leoa, que nenhuma representaçoens fizeraõ sobre a sua propriedade, nem deraõ passo algum a favor dos proprietarios naquelle tribunal da colonia. Estas circumstancias pois, juntas com a difficuldade e demoras que soffrem as communicaçoes entre Serra Leoa, Inglaterra, e o Brazil, aonde rezidem a maior parte dos proprietarios, impediraõ por todas as formas a possibilidade das appellaçoens, que, segundo a lei, se devem fazer nõ seo tribunal competente dentro do espaço de hum anno.

Assim que a tomadia destes navios foi conhecida no Brazil, os negociantes daquelle paiz, justamente sorprendidos de verem tomada a sua propriedade pelos cruzadores Inglezes, quando faziaõ hum commercio praticado por seculos, e quando havia huma estreita e intima alliança entre Inglaterra e Portugal; alem disto considerando, que huma tal condemnação se fazia em hum tribunal Ingles de Prezas, sem se allegar que fosse propriedade inimiga, ou commercio algum incompativel com os tratados de alliança, hora subsistentes entre as duas corõas; pediraõ sobre isto justiça ao Governo de Portugal; e o Governo immediatamente ordenou ao seo Embaixador em Londres, que fizesse as mais fortes representaçoens contra o procedimento dos cruzadores Inglezes, e do tribunal do Vice-Almirantado de Serra Leoa; e ao mesmo tempo exigisse do Governo Inglez huma inteira e completa satisfacção, sem por nenhuma forma recorrer a tribunal algum Inglez de prezas, que na opiniaõ do Governo de Portugal nenhuma jurisdicção podiaõ ter para decidirem em cazos de tomadias desta natureza.

O Embaixador, assim que recebeo estas instrucçoens, não perdeo tempo em dirigir se a pedir huma satisfacção ao Governo Britannico; e as suas instancias tem continuado athe agora, e são ainda o objecto de huma negociação pendente entre os dois Governos.

Durando estas discussões, o Embaixador reflectindo que seria do interesse dos Portuguezes prejudicados prevenir que os captos destrubuissem os productos das prezas, ordenou ao consul-geral, que desse os passos necessarios para obter este fim. Em consequencia; em Março de 1813 apresentou-se hum Advogado perante o Delegado do supremo tribunal de Appellaçoens, com huma attestação do sobredito consul, e pediu prolongação de tempo para proseguir as appellaçoens em muitos destes cazos: sobre o que o Delegado referio a materia aos Lords.

No dia 17 de Julho passado ajuntou-se o tribunal supremo, e alli appareceo o Procurador de causas Slade, que produzindo a auctorização do consul, requereu a mesma

prolongação de tempo para todos os cazos referidos, e para mais alguns, que tinham chegado ao conhecimento do consul. O tribunal determinou, que a materia ficasse por então suspensa.

Depois deste passo nenhuns procedimentos ulteriores houverão perante o dito tribunal, excepto em alguns poucos cazos, em que os Agentes dos Proprietarios, havendo sido auctorizados a proseguir a appellação dentro do tempo concedido pela Lei, o tem feito assim sem attenção alguma á negociação que entre as duas côrtes está pendente. Estas appellaçoens estão na via ordinaria.

No restante destes cazos o tempo para appellar he passado. Há todavia vários cazos, em que os Proprietarios Portuguezes deraõ instrucçoens geraes aos seos correspondentes em Londres para obrarem o que lhes parecesse melhor, ou positivamente seguirem a appellação, se o tribunal das appellaçoens lhes desse licença para assim o fazerem.

Como o tribunal inquirio na sua ultima Sessão do 1. de Dezembro corrente, se alguns passos se haviaõ dado nestes cazos depois da instancia feita a 17 de Julho passado, he de esperar, que o tribunal na sua proxima sessão de 15 do corrente decida, se os Proprietarios serão auctorizados a proseguir as appellaçoens, não obstante que o tempo, concedido pela lei para aquelle objecto, tenha acabado. E hé por conseguinte necessario que o Embaixador de Portugal determine, que passos se devem dar antes daquelle dia a beneficio dos Proprietarios Portuguezes.

Os cazos podem reduzir-se a tres classes.

1. Aquelles, em que os Proprietarios ou os seos Agentes, proseguirão a appellação no periodo legal.

2. Aquelles, em que o periodo legal para appellar expirou sem se haver proseguido appellação alguma; mas em que os Proprietarios tem Agentes em Londres, que estão auctorizados para obrar a seo favor conforme os seos respectivos poderes.

3. Aquelles, em que o periodo para appellar se tem igualmente passado, sem que alguma appellação se tenha proseguido, e em que os Proprietarios não tem Agentes em Londres, mas tem posto inteiramente os seos interesses nas mãos do Governo, e do seo Embaixador nesta Côrte.

Esta 3. classe he a mais numeroza de todas.

Quanto á primeira he desnecessario dizer, quaes são os

passos que deva dar o Embaixador, pois que as partes trabalhão por obter a sua propria justiça. O mais que lhe compete neste cazo he o auxiliar os seus requerimentos perante o tribunal das Appellaçoens, e o Governo.

Mas como na segunda e terceira classe os procedimentos legaes que se hajão de ter a favor dos proprietarios podem depender muito ou tudo da opiniaõ do Embaixador; Elle reconhece toda a grande responsabilidade que recáhe sobre esta sua opiniaõ. E por conseguinte dezeja nem embaraçar aos Agentes d'aquelles proprietarios, que tem Agentes em Londres, o darem aquelles passos que forem mais em vantagem dos seus constituintes; nem omitir, segundo as suas instruccoens lhe permitem, qualquer diligencia proveitoza, ou por si ou pelo consul, em todos aquelles cazos em que os Proprietarios não tem Agentes em Londres.

Quaesquer informaçoens ulteriores, que sejaõ precisas, vos seraõ dadas sobre esta consulta que agora vos he feita, e sobre a qual Sua Excellencia dezeja que deis o vosso parecer.

Quesitos.

1. Que ordens julgaes vos que dará o tribunal no cazo que em nome do consul de Portugal se não faça instancia na proxima sessaõ para prolongar o tempo de appellar?

2. Parece vos, que o tribunal consentirá na prorogaçaõ de tempo para as appellaçoens, se na petiçaõ que se fizer não se declarar formalmente, em nome dos peticionarios Portuguezes, que elles estaõ na verdade determinados a proseguir as appellaçoens?

3. Julgaes, que será do interesse dos Proprietarios Portuguezes seguir as appellaçoens nas formas ordinarias, huma vez que o tribunal lhes conceda esta faculdade?

4. Se pensaes, que o plano de seguir as appellaçoens serviria de impedimento ás reclamaçoens directas que o Embaixador faça ao Governo Britannico tanto naquelles cazos em que Sua Excellencia, se verá obrigado a recorrer ao Governo para obter a indemnisaçaõ total, por ter o tribunal confirmado a sentenças de condemnaçaõ; como naquellas cazos em que Sua Excellencia somente recorrer ao Governo por huma indemnizaçaõ parcial, quando o tribunal tiver revogado as sentenças de condemnaçaõ, e que as partes tiverem alcançado em todo ou em parte das maõs dos captos a restituçaõ da sua propriedade perdida?

5. Que passos julgaes vós, que o Embaixador de Portugal deveria ter dado a favor dos Reclamantes Portuguezes ?

RESPOSTA DOS LETRADOS.

1. Nos somos de parecer, que se não se fizer requerimento ao Tribunal para prolongar o tempo das appellaçoens naquelles cazos, em que o tempo regular para ellas ja está findo, Suas Senhorias rejeitáraõ sem duvida na proxima sessaõ o outro requerimento que para esse mesmo effeito se lhe fez em 17 de Julho passado. E deste modo os captores teraõ toda a liberdade para proceder, e com toda a probabilidade procederãõ a huma immediata distribuiçaõ das prezas ; com a qual os Proprietarios Portuguezes ficáraõ inhibidos de poderem pelo tempo adiante tornar a requerer ao Tribunal que os deixe appellar em taes cazos. O Estatuto 45 Geo. III. Cap. 72, dá faculdade a Suas Senhorias de estender o prazo das appellaçoens taõ somente nos cazos, em que pareça que a distribuiçaõ ainda não está feita.

2. Somos igualmente de opiniaõ, que se o requerimento for feito, sem se declarar em nome dos Proprietarios Portuguezes, que he sua tençaõ o seguir as appellaçoens das sentenças de condemnaçaõ, de nenhuma sorte será attendido.

3. Nos pensamos, que os Proprietarios fariaõ muito melhor para os seus interesses de proseguirem as appellaçoens, no cazo que lhes seja dada licença.

4. Por nenhuma forma julgamos que o seguir as appellaçoens sirva de algum prejuizo á quaesquer representaçoens que se façãõ ao Governo Britannico para obter indemnizaçaõ em qualquer classe de cazos : pelo contrario, estamos persuadidos que o recurso ao supremo tribunal he o mais bem entendido para conseguir os fins que se pertendem. E pensamos taõbem, que as representaçoens do Embaixador directamente ao Governo seraõ mais fortemente sustentadas, no cazo que eventualmente fiquem malogradas as diligencias para obter justiça pelo canal legitimo do tribunal supremo, do que apertando agora com o Governo antes de ter havido recurso á aquelle tribunal.

5. He finalmente o nosso parecer, que todos os passos dados pelo Embaixador neste negocio, saõ aquelles que mais provavelmente deviaõ produzir resultados uteis aos

Proprietarios destes navios e cargas ; pois que sem a sua intervenção, ha muito tempo que terião sido privados de toda a opportunidade de submetter os seus cazos ao tribunal das appellaçoens.—Quanto aos passos ulteriores que Sua Excellencia deva dar sobre esta materia, não he da nossa competencia fallar, nem dizer mais alem do que ja temos dito ; porque tudo deve necessariamente depender das instrucçoens que haja recebido da sua Côrte.

Londres,
9 de Dezembro de 1813.

(Assignados) **Herbert Jenner.**
Stephen Lushington.
W. Brougham.

Conformando-se com o parecer dos Letrados, ordenou S. E. ao consul geral e ao advogado que elle emprega, que fizessem a instancia aconselhada no dia 15 em que o tribunal supremo se hia juntar, no cazo que o tribunal inquirisse alguma couza sobre o assumpto : mas tendo apparecido taõ somente tres membros, o tribunal não se julgou em numero sufficiente para tratar de materias graves, e differio novamente tudo para approxima sessaõ que terá lugar em Janeiro que vem. O letrado em consequencia differio taõbem para a mesma epocha a sua instancia. Antes de separar-se, o tribunal concedeo a licença de proseguir a appellação aos donos dos navios Princeza da Beira e Restaurador, para os quaes o termo de appellação era ja passado, allegando os Procuradores dos donos alguma desculpa para a demora, que o tribunal aceitou.

CIRCULAR.

Londres, aos 14 de Outubro de
1813.

Havendo suspeita que se querem embandeirar, como Portuguezes Navios Estrangeiros—não darei de hora em diante Passaporte a Navio, que não for comprado por pessoa de cabedal conhecido, e notorio; ou somente depois que se acharem matriculados *com Artigos na forma Inglesa, o Mestre, e tres quartos de Marinheiros Portuguezes*; e que os consules me segurarem que não vai official algum estrangeiro abordo, excepto se for o Piloto, não havendo Portuguez. Exigirei alem da Arqueação, huma descripção do navio feita á moda do *Register* Inglez; de sorte que o meu Passaporte não possa servir de hum para outro Navio.

Os consules me certificaraõ com a sua assignatura a necessidade do Piloto Estrangeiro e Marinheiros, que falem, assim como a convicção que tem, que debaixo do nome de Passageiro, que vai abordo não se acha disfarçado hum verdadeiro Dono (ou Mestre de Navio) Estrangeiro.

Annunciando estas condiçoens ao comprador o consul segurar-lhe-há a concessão do meu Passaporte, e exigira fiança idonea ao pagamento do Direito do Paço da Madeira no Porto dos Dominios Portuguezes, aonde o consul, e os compradores julgarem, que o podem fazer mais commodamente. Estas instruçoens serao observadas provizoriamente, mas inviolavelmente, ate que se recebaõ ultteriores determinaçoens de Sua Alteza Real o Principe Regente Nosso Senhor, em consequencia da informação que faço subir a Sua Augusta Presença Londres, ut supra.—

Conde de Funchal.

Senhores Joaquim Andrade.

A. Teixeira Sampaio.

A. Juliaõ da Costa.

J. Chrizostomo da Silva.

J. Manoel do Couto Garrido.

Em o nosso No. passado ja demos hum rezumo da falla do Conde de Liverpool ; mas como a Gazeta Ingleza donde o extrahimos tinha omittido circumstancias mui honrozias para Portugal, julgamos da nossa obrigaçãõ, como Leaes Portuguezes, torna-lo a transcrever, para que os nossos Leitores não ignorem o alto conceito, que formão de nos os grandes homens de Estado de Inglaterra.

RESUMO

Da Falla do Conde de Liverpool na caza dos Lords a 4 de Novembro passado.

O Conde de Liverpool dice, que os seos intentos eraõ fallar pouco desta vez, mas que a occasiaõ lhe ministrava hum assumpto taõ conforme com os seos sentimentos, que não podia deixa-los em silencio. Com justiça podia congratular a camera e a Nação pelos gloriosos successos que os nobres Lords acabavaõ de referir, mas que ainda taõbem tinha outros não pequenos motivos para os congratular á elles mesmos pela unanimidade das suas opinioens. Todos elles mostravaõ ter a mesma confiança e os mesmos briosos desejos ; mas com muita maior particularidade não podia deixar de mencionar o Joven e nobre Lord, que havia fallado o primeiro, (Lord Clare) e que taõ bem tinha desenvolvido huma bella e larga porçãõ do seo talento hereditario. Havia ainda outra circumstancia, em que elle se podia alargar com huma verdadeira satisfacção. Sim, nos ja podemos empregar as palavras.—Balança do Poder.—A força monstruoza da França tinha aniquilado o sistema do continente, de sorte que a mutua segurança exigio hum mutuo vigor. Assim agora huma nova luz tinha raiado no mundo : mas não seria faltar á verdade nem deprimir o espirito das outras naçoens o dizer, que aonde pela primeira vez raiou esta luz foi na Peninsula. Quando olhava para isto, via que a guerra havia assumido hum novo espirito ; e esta consideração o enchia das maiores e mais animadoras esperanças de hum resultado felis. A guerra athe agora tinha sido o conflicto de hum governo contra outro governo ; mas hoje ja mudou de character, e he pela primeira vez que vemos a guerra do povo. (*Applausos.*) Assim tudo nos convida á esperar, que este conflicto não

acabará como os outros. (*Applauzos.*) Inglaterra tem huma parte mui gloriosa nos interesses desta guerra; e ja são passados cinco annos, que ella prezencia as potencias, que por menos militares eraõ consideradas na Europa, o-porem-se sos a huma força, da qual todas as outras tremiaõ. Com effeito não se pode occultar, que sendo Portugal hum reino taõ pequeno, apezar disto foi o primeiro paiz que resistio com vantagem ao commum inimigo: que a formação do exercito Portuguez se não foi hum raro exemplo de vigor, ao menos o foi de disciplina para as naçoens vizinhas; e que esta sua admiravel disciplina he que o pôz em circumstancias de poder apresentar-se com firmeza nos campos de batalha, e pelejar com honra ao lado das tropas Inglezas, segundo a mesma confissão do seo Grande Commandante, Lord Wellington. (*Applauzos.*) Mas este glorioso exemplo não deixou de ser proveitozo ao continente. Sim, elle he o fundamento e o indisputavel fundamento, de todos esses feitos prodigiozos que depois vimos executar no continente. Foi em conformidade deste exemplo, que a Russia se determinou a resistir á mais formidavel e a terradõra força, que ja mais se juntou para aniquillar huma nação. Com effeito ella não só resistio, mas continua a combater pela sua propria e futura segurança. Apezar disto, por motivos de particulares circumstancias a Alemanha era a ultima parte da Europa, em que ainda se não tinha visto huma feliz e bem combinada resistencia; não por falta do bom espirito do povo,—não por falta do uzo da guerra,—porque ella he talvez a nação que mais a tem praticado,—mas pela natureza da sua politica. De todas as partes d'Allemanha era talvez a Prussia, aquella em que menos se poderia esperar de ver taõ cedo desenvolvido o espirito do povo: mas, bom Deos! que mudança houve, e em taõ poucos mezes! E poderaõ achar-se na historia esforços superiores aos que agora fazem os Prussianos de commum acordo com o seo Rey? (*Applauzos.*) Mas se estes esforços são extraordinarios, he porque directamente resultaõ da sua cauza natural;—da perfeita combinaçãõ de grandes, e sinceras vistas sobre a segurança geral, e das intimas relaçoens com a Gram-Bretanha. Ninguem pode duvidar do espirito dos alliados, nem do valor das suas tropas; mas todo o bom successo da campanha,—a vigorosa, e atrevida, e desesperada manobra de atravessar o Saale, e todos os subsequentes triumphos nascem da forte e cordial uniaõ, que he o resultado do novo espirito de independencia. Com tudo este espirito he nativo das Hespanhas, e dali he que passou a vigorar-se na Russia, para ser agora completamente triumphante na Allemanha. Nem elle suppunha que estes successos fossem motivo para inacção, antes pelo con-

trario se devia agora fazer tudo quanto era possível com liberalidade e amplidão, porque o momento felis estava chegado. Apezar porem de inculcar estes grandes preparos para a guerra, ninguem devia persuadir-se, que elle se declarava por inimigo da paz. Não, estas não eraõ as suas ideas. Todos os homens bem entendidos deviaõ dezejar a paz, e mui particularmente aquelles, que tinhaõ experimentado alguma das calamidades da guerra. S. A. R. havia tocado este ponto na sua falla, e bem se via que todos os seos dezejos se dirigiaõ á huma paz geral. Com effeito não pode haver paz que seja permanente, se taobem não for geral. A politica exigia pois, que Inglaterra não só ministrasse huma inteira confiança aos seos amigos, mas athe aos seos proprios inimigos. Era esta huma maxima para elle mui sagrada; porque nunca approvaria que se exigissem do inimigo condiçoens, que elle se estivesse nas mesmas circumstancias do inimigo, nunca aceitaria. (*Applausos.*) O Conde de Liverpool acrescentou mais: que não podiaõ imaginar-se mais bellas esperanças, nem conceber se mais nobres projectos; e como elles todos estavaõ fundados na geral independencia, de certo se haviaõ de realizar e florecer. Por fim congratulou de novo a camara pela sua unanimidade.

A esta expozição dos seus sentimentos, em Publico, acrescentou My Lord Liverpool em huma Carta particular que vimos e que muito sentimos não nos ser permittido copiar por inteiro, as expressoens seguintes, bem lizongueiras para a Nação Portugueza.

Eu reprezentei a Nação Portugueza como tendo dado, depois da Ingleza, o primeiro exemplo de huma rezistencia tão vigorosa como disciplinada aos Francezes; mas ao mesmo tempo os Portuguezes para alcançar este fim, padeceram males, e fizeraõ sacrificios, muito mais penozos de quanto nos couberaõ a nós!

“Hé d’esperar que o Governo de Portugal *conhecerá á necessidade* de se aproveitar das circumstancias actuaes para estabelecer hum Systema de Educaçãõ Militar que assegure a continuuação da felicidade de que goza actualmentee.”

BALANÇA POLITICA.

(ARTIGO EXTRAHIDO DO TIMES.)

O restabelecimento e conservação de huma Balança politica na Europa he o reconhecido objecto da presente guerra, he o principio fundamental da alliança que nos liga com as grandes potencias do continente; e que entre nos tem unido todas as classes e partidos na approvaçãõ das medidas do nosso Governo. Por outra parte, o Governo Francez tem muitas vezes regeitado esta baze de politica externa; porem mais expressamente na relaçaõ official de 18 de Dezembro de 1810, sobre a annexaõ da Hollanda. "Estas são as palavras." Ja lá vão os tempos, em que as concepçoens dos estadistas impunhaõ á opiniaõ publica com os nomes de balança politica, de *garantias* de contrapezo, de equilibrio politico. Pompozos illusoens de gabinetes da segunda ordem! Visoens da imbecilidade! &c. &c. Qual seja o principio que se deve substituir áquelle de que fallamos, claramente se verá da mesma relaçaõ (documento que nem hum so instante devem esquecer aquelles que tem que tractar com negociadores ou estadistas Francezes.) A sabedoria de Bonaparte, seu destino, que he reinar, ou vencer— a gloria do tempo presente, que elle commanda,—os dictados da necessidade, aque elle obedece,—n'huma palayra, huma lei immutavel e predominante, que rezulta da sua inexcrutavel vontade,—eis aqui o que deve servir ás naçoens da Europa, em vez de outra qualquer salva-guarda aos seus direitos nacionaes, e liberdades.

De certo, não pode haver senão dous systemas, que racionavelmente possaõ regular a politica dos Governos entre si: hum he o estabelecer huma grande soberania central, que effectivamente dê a lei a todo o resto; o outro he formar hum equilibrio de interesses, que obrigue os estados a guardar, a manter a paz, e independencia de todos. Tudo o mais seria huma anarchia internacional, nutrida pelo interesse particular de cada estado, como aconteceu nos seculos de barbaridade, e como agora se ve na politica da escola Jeffersoniana da America. O projecto de estabelecer huma soberania predominante em cada hum dos estados, não esta com tudo, tão longe da razaõ humana, ou pelo

menos de apparente practicabilidade, como se pensa á primeira vista. Elle parece ter entrado na esperanza e vistas da grande republica Mexicana, muito antes da descoberta da America; elle foi mui recentemente, e não debalde proseguido pelos barbaros soberanos de Azia, e em periodos não pouco distinctos em civilizaçãõ se manifesta elle na historia da Europa.

Hum pequeno conhecimento dos classicos basta para dar a conhecer os passos, que Philippe de Macedonia, e seu filho Alexandre seguirãõ para construir o que se chamou a monarchia Grega. Não obstante a clara exposiçãõ das vistas de Philippe, que anticipada, e repetidamente foi apresentada aos Estados livres da Grecia, pelo primeiro dos politicos, e oradores, Demosthenes; aquelles estados foraõ successivamente subjugados, por que não viraõ, ou não quizeraõ adherir á politica de uniaõ, e contrapezo, porque eraõ irresolutos, e temporizadores; e porque julgavaõ possivel suspender o impetuozo curso d'ambiçãõ, por medidas de conciliaçãõ, e acquiescencia. Philippe triumphou, e seu filho completou o triumpho. Mas a rapidez com que se formou aquella potencia, era o signal da sua mais rapida queda, e nenhum dos capitãens que repartiraõ o imperio de Alexandre, ficou com bastante poder para se elevar em dignidade acima de seos concurrentes.

O Imperio Romano adquerio, e longamente sustentou a soberania sobre o mundo conhecido. A ambiçãõ de Roma cresceo com o seu crescimento, vigorou-se com o seu vigor, e por seculos, permaneceu viva prova da indigna, e detestavel natureza de huma potencia, construida, e sustentada sobre taes fundamentos. Aos vicios constitutivos da sua politica deveo ella a final a sua queda; e a senhora da civilizaçãõ cahio mizera escrava dos barbaros, que ella havia tyranizado.

He difficil determinar que principios dirigiraõ a pouco duradoura politica de Carlos Magno. Parece que elle, como Otto o Grande e outros subsequentes imperadores das idades medias, projectaraõ huma soberania predominante no mundo occidental; mas o estado das artes das sciencias, e letras não ajudavaõ a desenvolver hum tal plano.

Nos certamente não sabemos, que houvesse projecto algum de monarchia universal, nos tempos que propriamente se podem chamar modernos, antes de Carlos V. e seu filho Philippe; que seriamente conceberãõ aquelle plano, o qual foi aberta, e trabalhadamente justificado pelo Jezuita Campanella: mas aquelle seculo era fertil em espiritos vivos, e perspicazes, que zelozamente promoviaõ huma liga geral entre os Estados, e Principes Livres, para sustentarem

a sua independencia. A nossa Izabel, Henrique IV. de França, e Guilherme I. de Orange forão os primeiros motores daquella grande efficaz medida; nem devemos esquecer, que Sir Philip Sidney, aquelle nobre, e completo joven, o orgulho de seu paiz, e admiração dos extranhos, consagrou seos talentos, e sua vida á mesma illustre cauza. Desde aquelle periodo athé aos nossos dias, a torrente da politica Ingleza nunca tem deviado daquella mira. Os passos de Izabel forão exactamente seguidos por Guilherme III., que se oppoz aos mesmos projectos da cauza de Bourbon, que seu gloriozo predecessor desfizera na cauza de Austria.

Luiz XIV. vencido, e humilhado pela perseverante intrepidez do Rei Guilherme, e o Duque de Marlborough, escapou de seu justo castigo pela malentendida, senão atraçoada politica de Harley e St. John. A paz de Utrecht todavia, ainda que não incapacitou a França, como devera, de fazer aggressoens futuras sobre os direitos communs, e repozo da Europa; intentou pelo menos fixar huma verdadeira balança politica, sujeita ás menos alteraçoens que a natureza dos negocios humanos permittisse." Taes forão as palavras da Rainha Anna annunciando no Parlamento as negociaçoens, que se haviaõ feito para aquella grande e excellente obra. Tal he o modo porque certos politicos caracterizaõ sempre a paz, por mais aviltante, e deshonorza que seja. Com tudo, naquelles mesmos dias, no meio de huma facção pacifica predominante, havia hum receio saudavel do engradecimento da França; e todo o estadista, que se arriscasse a designar o Rhin, os Alpes, e o Oceano, como limites naturaes da França, teria a escolher ou ser feito em pedaços pela multidão, ou prezo em Bedlam por doudo. A paz de Utrecht procurou, de hum modo especial, os interesses exclusivos de Inglaterra, por hum tractado de commercio pela cessão das colonias que possuia a França, pela confirmação das conquistas, que se lhe haviaõ feito, e á sua alliada, e pela demolição das fortalezas Francezas em Dunquerque, que ameaçavaõ as nossas costas, mas elle não se limitava so a estes objectos; segurava a Germania pela cessão de Brisac, Kehl, e Landau, e pelo arrazamento de todas as praças Francezas no alto Rhin — dava aos Hollandezes huma barreira forte, não so pela interposição dos Paizes Baixos entre elles e a França, mas por huma linha de fortalezas desde Luxemburgo ate ao mar, que impossibilitava os Francezes de irrumperem por aquellá parte. Do mesmo modo, o Duque de Saboia (Rei de Sardenha) tomou posse da barreira Alpina; assim como a Hespanha (que se tinha desligado dos seos accessorios em França) ficou com a barreira dos Pyreneos. Não se fez accessão

alguma em dignidade ao Rei de França e seos alliados; muitas porem se concederao aos alliados Britannicos, particularmente a confirmação do titulo Real ao Rei de Prussia, e da ordem eleitoral aos soberanos Principes de Hanover, e Palatinado. O fim principal da Rainha Anna, era indemnizar os seos vassallos dos longos, e pezados gravames, que soffrerão no decurso da guerra; objecto em si mesmo justo, e louvavel: mas que sendo levado á excluzão de vistas mais altas e comprehensivas foi ultimamente frustrado no seu effeito, creando hum inimigo, que ameaça ou depois a nossa mesma existencia como nação. Isto foi previsto pelo grande Duque de Marlborough (Wellington daquelles tempos) que ouzadamente declarou no Parlamento, que as negociações tinhaõ manchado os triumphos, e a gloria do reinado de sua Magestade, e que fariaõ o nome Inglez odiozo a todas as nações." Sabe-se muito bem, que a execucao do Tractado de Utrecht foi depois evadida, ou frustrada em alguns dos artigos mais essenciaes; mas os fraudulentos procuradores dos interesses Britannicos dormiraõ sobre os prejuizos feitos á honra Britanica. He digno de observação, que a principal peita, que a Inglaterra aceitou pela sua moderação com o Rei de França, foi hum monopolio no commercio da escravatura! Os homens que pretendiaõ ter obrado por *humanidade* em concluir huma paz deshonrosa para o seu paiz, forão aquelles que contractaraõ o infame *Assiento*, de fornecer negros as Colonias Hespanholas.

Mas imperfeita como era a paz de Utrecht, estabeleceo todavia o principio de huma balança de poder, como axioma na politica da Europa, que posto alguns tentassem em parte illudir, nunca pessoa alguma sonhou contrariar. Os Governos (disse o Conde Herzberg, em 1783) estaõ sempre promptos não só para defender os seos estados, mas tambem para proteger os seos vizinhos contra hum ambicioso conquistador, mesmo sem obrigação de o fazer por algum tratado. Tal era o espirito geral da politica internacional da Europa (sujeita, como todas as couzas humanas, a erros e aberrações na practica) ate que rompeo essa fatal revolução, que inda continua em França. Os revolucionarios começaraõ por deitar abaixo todos os principios, em que a virtude, e felicidade humana parecia ter-se escorado por seculos. Que maravilha que o Cidadão Genet descrevesse as immortaes obras de Grotio, e Pufendorf como sedicões volumes? Que maravilha que o Cidadão Bonaparte caracterizasse o systema de balança politica, de garantia, de contrapezo e equilibrio politico, de illuzoens pompozas, e visoens da imbecilidade? Estes revolucionarios, que são huma e perpetua corporação, trabalhando, (ou menos a este respeito) sobre

hum plano identico, e mesmissimo systema politico—feyt feito a total subversão da lei internacional. Bonaparte he o *ultimus hæres* de todas as fraudes e espoliaçoens de Brissot, Danton, Robespierre, e Barras. Pelos trabalhos combinados daquelles, e seu proprio, elle adquirio a vasta extensão de territorio, alem dos limites da França, que elle agora chama parte de seu imperio. He coherente com o seu systema politico, que elle a conserve, e mais se for possivel; mas he de todo incoherente com o nosso systema politico, que se lhe permita o fazelo. Huma balança politica, segundo as sabias, e generosas ideas dos nossos maiores, não pode existir, se acazo se deixar possuir a França huma população de trinta e nove milhoens de habitantes. Todo o passo que ella tem dado para acquisição daquelle enorme poder, da as outras naçoens o direito, ou para melhor dizer, constitue-as no dever de interpor-se, e refrear a sua ambição. E por que titulo pertende ella, ou o seu chefe, reter a maior parte das suas recentes acquisiçoens? Pelo direito plenamente declarado na relação para sempre memoravel que se mencionou? Na vontade de Bonaparte! *stat pro ratione voluntas*. Se nos voluntariamente lhe deixamos a posse de governos assim adquiridos, submettemo-nos de facto a sua vontade, como lei; sancionamos os seu titulos; e nos tornamos os fiadores do seu systema. Depois disto, seria inepecia fallar de huma balança politica!

“Hum seculo exactamente se tem passado, depois que o tractado de Utrecht poz limites (bem que inadequados) á ambição do Monarca Francez daquelle tempo. O negociador daquelle tractado, da parte da Gran Bretanha, foy depois accusado pela Camara dos Communs, de ter sacrificado por elle a honra da nação, e a balança politica da Europa. Nem elle, nem ministro algum daquelles com quem elle obrou, nem membro do Parlamento dos que sustentaraõ a paz no tempo da sua concluzaõ, jamais pertenderaõ que huma tal accusação, a ser fundada, deixaria de impecer a sua reputação, como estadistas. Bolingbroke, o alludido negociador, era o maior talento daquelle partido. Elle defendeo plena e laboriosamente o seu plano politico. O mais violento Whig (republicano) do seu tempo não podia mais expressamente reconhecer a doutrina da balança politica. Elle diz que esse era o objecto de todos os sabios politicos da Inglaterra. Diz, que elle fora seriamente ameaçado por Luiz XIV. Diz, que o poder da França não fora sufficientemente reduzido pelo paz de Utrecht; mas attribue os defeitos daquelle tractado aos obstaculos lançados na carreira das negociaçoens, pelo interesse particular dos agentes externos, e pela facção domestica. Quanto elle he justificavel nesta ultima asserção, he escuzado inquerir. Mas no mo-

mento, em que abertamente estamos contendendo pelo systema, mantido pelos nossos maiores, he importante determinar, quaes eraõ os principios, em que todos os partidos entre elles concordavaõ, no tempo da ultima grande, e solemne confederação em apoio daquelle systema. Os argumentos de Bolingbroke saõ concluzivos neste ponto. Se elle podesse mostrar, que huma balança politica era huma "vizaõ da imbecilidade dos Gabinetes da segunda ordem;" elle o teria feito, porque essa seria a melhor resposta, que podia dar aos que o accusavaõ de alta traiçaõ, por não sacrificar o sangue e thesouro Inglez no ulterior proseguimento daquelle objecto. O seguinte esboço por tanto da politica Ingleza, tal como se entendia nos reinados de Guilherme, Anna, e dos dous primeiros Georges, se pode principalmente extrahir das obras de Bolingbroke, compostas entre os annos 1717 e 1747. Naquelle intervallo era hum principio univ ersalmente reconhecido, que sem hum plano de politica internacional não podia haver hum plano efficaz de lei internacional. Debalde a lei das naçoens exclamaria, que se não fizessem guerras injustas, se não invadissem, desolassem, tomassem paizes, ou se encorporassem ao territorio do conquistador, debaixo do pretexto do seu interesse, ou de sua gloria, se naçoens separadas senão confederassem entre si para sustentar aquella lei, sem a qual soberano qualquer reprehendedor poderia mais facilmente commetter violencias, e extender a esphera dos seus ultrages. Dos defeitos inherentes á natureza humana, da tendencia do poder a produzir no espirito humano ambiçaõ, e da fraqueza a gerar a servitude, se vê claramente a necessidade de prevenir quanto antes os perigos daquelle especie, de empregar a paz nos meios de remover a guerra, e de considerar o começo da elevaçãõ de qualquer potencia, como signal, que deve chamar contra ella as ligas defensivas, e alianças. Na practica, deve confessar se, que não he possivel conservar sempre exacto o fiel da balança politica. Devem por tanto desprezar-se ligeiras deviaçoens; mas quando por desmazelo geral, se tem deixado accumular grande poder de hum lado, mais amplas combinaçoens, maiores esforços saõ necessarios para restaura-la. Duas grandes potencias se formaraõ (França, e Austria) no seculo 16. Desde logo foi interesse das naçoens vizinhas oppor-se á mais forte, e reprehendedora, e ligar-se á mais fraca. O designio de aspirar a monarchia universal foi primeiro imputado a Carlos V. e posto que alguns affirmem que as suas vistas eraõ mais limitadas, os seus adversarios com tudo tomaraõ sobre isso mui sabias e uteis precauçoens. O poder, e ambiçaõ da França crescerãõ juntos. Henrique IV. plannou a elevaçãõ da casa de Bourbon:

Richelieu lançou os alicerzes, e Mazarin levantou os muros. O tractado de Westphalia em 1648, em que a França appareceu como o protectora da liberdade da Germania, consolidou o poder Francez, não só por hum effectivo engrandecimento, mas inda mais por huma extensa e preponderante influencia; e desde então se completou, e se confirmou a superioridade da Casa de Bourbon sobre a Casa de Austria; de maneira que em 1660, quando Luiz XIV. tomou as redens do governo, entrou no proseguimento de seos projectos ambiciosos, debaixo de mui favoraveis circumstancias. Seria enfadonho entrar no *detalhe* das causas, que por muitos annos divertirão a attenção dos outros estados da Europa do gradual crescimento em poder, que a França adquiria. O ponto de tempo precizo, em que a balança politica começou a declinar, he imperceptivel. Por habito continuão os homens a reccar o author de aggressões e violencias, mesmo depois que elle perdeu a faculdade de fazer mal; e pelo mesmo habito elles preseverão na confiança daquelle, cuja amizade, e protecção experimentarão; muito tempo depois que seos planos tem aos olhos da razão manifestado hum differente character. Mas a origem mais fatal de huma fatal negligencia, he o vulgar engano, de que os Estados não podem errar, quando cuidão de seos interesses exclusivos: que devem deixar os seos vizinhos concordar ou descrepar entre si, que so devem attender a sua segurança interna, e cultivar os seos proprios recursos. Estas temporarias alienações de espirito (porque taes se devem considerar quando attacão os regentes das nações) tem sempre presagiado violentas mudanças na balança politica. As guerras civis de Carlos I., os interesses particulares de Cromwell, a venal sugestão de Carlos II. á França, e o supersticioso affecto de seu Irmao á sé de Roma, sufficientemente explicão o total desprezo, com que a Inglaterra tractou os negocios da Europa, e particularmente o progressivo poder de Luiz XIV. desde 1660 ate 1688. Aquelle ultimo anno produziu a gloriosa Revolução, que poz sobre o nosso throno— hum verdadeiro heroe, na pessoa de Guilherme de Orange. “Da Revolução,” diz Bolingbroke, “nasceo o susto, que devia ter tido lugar a mais tempo. O espirito da nossa Corte se mudou, abrirão se os olhos do nosso povo, e todos virão quam necessario era conservar, de concerto com os Hespanhoes, a successão da sua monarchia na Casa de Austria, em vez de consentir que ella cahisse na de Bourbon.” A ambição de Luiz XIV. desenvolveo-se nos Paizes Baixos, no Rhin, na Italia, na Hespanha, isto he, na coração da Europa. Ella foi portanto sabiamente contrariada por aquella grande confederação, de que o Rei Guilherme foi alma, e espirito director, em quanto viveo. O objecto da alliança de 1688

naõ era conquistar ou desmembrar a França, naõ era abatela da ordem, que propriamente lhe pertence, era simplesmente restaurar os tratados de Westphalia, e dos Pyreneos, e conservar as couzas naquelle estado por huma alliança defensiva, e guarantia das potencias confederadas. As *pretensões* do monarcha Francez naõ foraõ menos atacadas que o seu poder; pois que he sabido, que pretensões se convertem em poder pela condescendencia, e oportunidade. Os Principes, e os Estados, que desprezaraõ, ou favorecerãõ o crescimento da influencia Franceza, ou authoridade Franceza, vem agora o seu erro, e cordialmente se uniraõ para reparalo; mas de todas as nações da Europa, nenhuma entrou no conflicto com maior pureza de vista, e sinceridade de coraçãõ; nenhuma mostrou mais zelo pela cruzãõ commum, do que a Gram-Bretanha.

Assim o rompimento da guerra em 1688 se parecia, em muitos pontos, com a situação, em que agora nos achamos. A nossa esphera de acção, he com tudo maior: o nõsso horizonte politico mais amplo; as forças de ambos os lados muito mais numerosas; as pretensões do inimigo commum mais abertamente oppressoras; os soffrimentos dos alliados mais reclamadores de remedio, e de cautella. Se nos portantõ errar-mos, erraremos no cazo mais evidente, e contrario á experiencia, que deve ser a regra da sabedoria.

A guerra do Rei Guilherme durou nove annos, com poucas vantagens dos alliados, excepto a retomada de Namur. Elle perseverou todavia em sua heroica firmeza até 1697, em que o tractado de Ryswick lhe concedeo termos mais razoaveis, doque elle devia esperar de suas operações militares; mas ainda aquelle tractado de nenhuma sorte satisfez ás vistas e esperan as debaixo das quaes a guerra havia comeado. Elle naõ reduzia assaz o poder da França, e muito menos as suas pretensões. Dezarmou, e desunio os confederados; e deixou a França unida, e armada. As necessarias consequencias de huma tal paz, foraõ huma nova, e mais violenta guerra, que o Rei Guilherme estava a ponto deprehender, cuja declaração foi impedida pela sua morte. Ella com tudo foi adoptada, e continuada por dez annos com as mais brilhantes vantagens, pelo Governo da Rainha Anna; mas como ja se observou, e como Bolingbroke claramente confessa, a paz de Utrecht era taõ inferior ás pretensões a que tinhaõ direito ás victorias de Marlborough, como a de Ryswick era superior ás façanhas de Rei Guilherme. Segundo Bolingbroke, a curta politica da Austria, suas vistas particulares sobre a Italia, a diversão occazionada pelas severidades que practicava na Hungaria, e o desigual gravame que deixou a Gram-Bretanha, foraõ as cauzas principaes que malograraõ as tentativas dos alliados

em ambas as guerras. Mas elle estava mui convencido da necessidade de manter a balança politica em todos os cazos possiveis, para cahir no erro daquelles que entãõ achavaõ na ma conducta dos alliados huma razaõ para abandonar a idea de huma politica continental. “Nos estamos n’huma ilha, diz elle, mas se hum poder superior der a lei ao continente, receio, que no-lo dê taõbem.” Por esta razaõ, Izabel, e o seu povo sabiamente se opposeraõ a Caza de Austria, e sustentaraõ a de Bourbon; e a Rainha Anna, e o seu povo, em igual sabedoria, sustentou a Caza d’Austria, e se oppoz á de Bourbon. O exorbitante poder da França consistia principalmente na sua barreira septemtrional.—“Aquella muralha de bronze, erguida por Luiz XIV, que chegava dos Alpes ao Oceano.” Em 1710, (como Bolingbroke assevera) ella podia ser despojada desta escudo, e ficar taõ aberta para a invazaõ de seos vizinhos como estes o estavaõ para sua invazaõ. Para attingir este fim, deviaõ se ter feito subseqüentes allianças,—mas fez-se o contrario. A aquizizaõ da Lorena completou a barreira Fran ceza; e entre os projectos injudiciosos do Imperador Jozé, o mais injudicioso talvez foi o desmantelar as suas fortalezas nos Paizes Baixos, que formavaõ huma contra barreira.

J. S.

DIFFICULDADES DA CONSCRIPÇÃO EM FRANÇA.

(Artigo transcripto do Times.)

Pessoas vindas ultimamente de França dizem ter prezenciado a grande difficuldade, e mesmo desordens que tem occorrido em levantar os novos conscriptos. Qualquer que seja o credito que se de a taes relaçoens, he certo, que semelhante medida, tendo por objecto arrancar do seio das familias o resto de seos mancebos, ja poucos, em todo o paiz, em todas as circumstancias, deve ser sentida como o vexame mais dolorozo, e aggravante; e apenas pode ser posta em vigor pela ferrea maõ de hum despota militar. He notorio que Bonaparte naõ tem huma *força disponivel*, sufficiente para continuar a guerra, que se faz a seos vassallos; na plena extençãõ de seos decretos. Por conseguinte, em districts populosos; (sobre tudo onde o commercio e agricultura fazem a occupaçaõ dos habitantes) deve esperar-se uma rezistencia daquella natureza. Com tudo nos admitmos de boa mente, que este espirito de descontentamento gera com menor força em França, que no resto do mundo civilizado. N’huma grande parte do imperio, ha mui pouco em que trabalhar, assim o exercito he olhado pelos mancebos como o meio de vida mais facil. Os prejuizos nacionaes dos Francezes, sempre favoraveis ao serviço mi-

litar, tem nestes vinte annos ultimos corrido com mais força por aquelle canal; e os parentes, ou relações, cujos naturaes affectos era de suppor se oppozessem, habituados á longa sujeição de huma tyrania irresistivel, achão-se reduzidos a mais apathica indifferença. Nem deve este effeito attribuir-se somente a Bonaparte. Muito antes da sua accessão ao poder consular, as viagens da "sacra guilhotina," pelos diversos departamentos, tinhaõ practicamente mostrado aos habitantes o perigo de se embrulharem com os seus governantes. Pelo que não somos do avizo daquelles que olhaõ para os conscriptoens como capazes de effectuar a contra revolução. Tumultos parciaes, e crescidos obstaculos em levantar as levas que se requerem, devem sem duvida occorrer, mas nos julgamos provavel, que o ultimo Senatus Consultum leve huma força mui consideravel ao campo, ou pelo menos aos depositos. He nos passos ultiores que esperamos ver Bonaparte falhar.—Não se deve esquecer, que estas duas ultimas campanhas tem produzido huma completa revolução practica na situação militar da Europa; não so relativamente ao numero de tropas, mas o que he mais importante, á composição dos exercitos que tem entrado em acção. A experiencia, a disciplina, soldados veteranos, continuadas victorias, n'huma palavra, tudo o que fez por longo tempo a gloria excluziva da França, passou para os seus adversarios; e tudo isto pela temeridade, obstinação e loucura de hum so homem. Reflecta nisto o povo Francez.

Quinhentos mil homens podem-se alistar da sua parte. Destes cincoenta ou sesenta mil podem ser de cavaleria. Com tudo isso, quantos soldados se poderaõ achar uteis, ou capazes de serviço. Hum terço daquelle total? Nem hum quarto, nem hum quinto. Poucos annos, ou poucos mezes talvez bastariaõ para dar forma, com sistencia áquella massa informe de conscriptos; mas de certo os alliados não permittiraõ ao seu obstinado inimigo hum dia ou huma hora de repouzo. Elles seguiraõ sem cessar, e perpetuamente esmagaraõ as suas novas legioens no seu mesmo berço. O exercito effectivo, que foi trazido para as margens do Rhin, e se postou no entrencheirado campo de Hockheim, montava (incluindo Dombrowski e o seu pequeno corpo de Polacos) a 40,000 homens. Provavelmenté 30,000 mais atravessaraõ o Rhin, mas estes são cançados de fadigas, e doenças, que não poderaõ servir. Estas, com tudo a excepção de huma pequena parte do exercito de Bayonna, e Catalunha, comprehendem todas as tropas Francezas, que se podem chamar veteranas. Que daria agora a França pela guarnição de Dresden, ou pelo exercito de Davoust, ou pelo exercito ainda mais numerozo, e efficaz dos prizioneiros Fran-

eezes em Inglaterra? Em quanto Bonaparte viver, pouca probabilidade tem de conseguir hum so d'elles. Elle nao consentira sentar se n'hum throno envilecido; e he na sua opiniao hum aviltamento ceder huma so aldeia dos departamentos annexos a seu imperio pela fraude, e usurpacao: mas consentiraõ os alliados que elle reine em Hollanda, ou alem dos Alpes? Jamais.

Parêce-nos que offerecendo se a tractar com Bonaparte, como Imperador, e deixando lhe hum territorio maior que o que possuião os Reis de França, os Alliados, forão impellidos por huma duvidosa benevolencia para com a França. Os nossos leitores se lembraraõ, que a tres mezes dicemos, "que se podia com segurança fazer paz com Bonaparte, mesmo que nao fosse reduzido aos limites da antiga França, porquanto elle tinha de tal sorte impobrecido, debilitado aquelle paiz interna, e externamente, que pô-lo no throno de Luiz XVI. seria faze-lo hum soberano ainda mais fraco que aquelle monarcha." E muitas vezes temos declarado, que concordamos com todos os politicos Inglezes desde Bolingbroke até Burke; isto he, que a liberdade da Europa nao pode conservar-se, senão deixando hum poder consideravel a França, ou na linguagem dos Alliados, "que o poder da França, n'hum estado de grandeza e forças, he hum dos alicerces do edificio social da Europa." Mas como he possivel á França limitada á moderada barreira, e debaixo do mando destruidor de Bonaparte, adquerir grandeza ou vigor. O simoom do deserto nao he mais fatal a vegetação do que o ministerio dilacerante deste dissipado, e miseravel financeiro—he para o productivo capital do paiz. A seguinte passagem da celebrada carta de Mr Walsh, sobre a indole, e disposicao do Governo Francez, he tao eloquente em ponto de estylo, como verdadeira em ponto de facto"—Era a jactancia de Hun, Atila, *que nunca mais cresceo reba, onde o seu pe havia pizado.*—A paixao do feroz tyrano do tempo presente he, que nenhum sentimento generoso, e independente florea dentro do alcance do seu sceptro. Os fructos da industria constituem a sua preza natural, assim como as riquezas da natureza, e os mais venerandos estabelecimentos da politica humana: "

Metuenda colonis

Fertilitas. Laribus pellit, detrudit avitis

Finibus, aut aufert vivis, aut occupat heres.

OFFICIOS DO GRANDE LORD.

Quartel-General de S. Jean Pied de Port, 13 de Novembro 1813.

My Lord,—Os inimigos tem, desde o principio de Agosto, occupado huma posição, tendo a direita sobre o mar, na frente de St. Joaõ da Luz, e sobre a esquerda do Nivelles, o centro sobre La Petite La Rhune in Sarré, e sobre os montes por detraz da aldéa, e a esquerda, consistindo de duas divisoens de infantaria, debaixo do commando do Conde de Erlon, sobre a direita daquelle rio, em huma forte montanha por detraz de Anhoue, e sobre a montanha de Mondazin, que protegia a approximação daquelle villa; o inimigo tinha tido huma divisaõ, debaixo do commando do General Foy, em St. Joaõ Pied de Port, á qual se reucio huma do exercito de Aragaõ, debaixo do commando do General Paris, ao tempo em que a esquerda do exercito alliado atravessava o Bidassoa, no dia 7 d'Outubro; a divisaõ do General Foy unio-se ás que estavam nas montanhas por detraz de Anhoue, quando o Tenente-general Sir Rowland Hill marchava para dentro do valle de Bastan.

O inimigo naõ satisfeito com a natural fortaleza desta posição, tinha o todo della fortificado, e a direita em particular, tinha a fortificado tanto, que eu naõ julguei conveniente o atacalla em frente. Tendo-se Pamplona rendido no dia 31 d'Outubro, e a direita do exercito ficando desoccupada do bloqueio da praça; mandei marchar o Tenente-general Sir Rowland Hill, no dia 6, e 7, para dentro do valle de Bastan, logo que o estado das estradas, depois das recentes chuvas, o permitisse, com o intento de atacar o inimigo no dia 8 do corrente; porem como a chuva que caio no dia 7, tornasse outravez as estradas impracticaveis, fui obrigado a differir o ataque até o dia 10, quando completamente fomos bem succedidos em tomar todas as posiçoens da esquerda, e do centro do inimigo, separando aquella, desta, e por este modo rodeando a forte posição do inimigo sobre o baixo Nivelles, occupada pela sua direita, aqual foi obrigado a evacuar durante a noite, e tomamos-lhe 51 peças de canhaõ, e 1,200 prisioneiros.

O objecto do ataque sendo forçar o centro do inimigo, e estabelecer o nosso exercito na retaguarda da sua direita, foi o ataque feito em columnas de divisoens cada huma dellas pelo Official General seu commandante, e formando cada huma a sua propria reserva. O Tenente general Sir Rowland Hill dirigio os movimentos da direita, que consistia da 2. divisaõ, debaixo do commando do Tenente-general o Hon. Sir Guilherme Stewart, da 6. divisaõ, debaixo do commando do Tenente-general Sir H. Clinton, huma divisaõ Portugueza, do commando do Tenente-General Sir Joaõ Hamilton, e huma divisaõ Hespanhola, commandada pelo General Morillo, e a brigada de cavallaria, do Coronel Grant, e huma brigada de artilheria Portugueza, debaixo do com-

mando do Tenente coronel Tulloh e tres peças de montanha, commandadas pelo Tenente Robe, que atacaram as posiçoens do inimigo por detraz de Anhoue. O Marechal Sir Guilherme Beresford dirigio os movimentos da direita do centro, com a da 3. divisão, commandada pelo Major-general o Honoravel Carlos Colville, a 7. divisão commandada pelo Marechal de Campo Le Cor, e a 4. divisão, commandada pelo Tenente-general o Hon. Sir Lowry Co'e, esta ultima atacou os reductos na frente de Sarré, aquella aldéa, e os montes por detraz dell, apoiada pela esquerda, pelo exercito de reserva de Andaluzia, debaixo do commando do Marechal de Campo Don Pedro Giron, o qual atacou as posiçoens do inimigo, na direita de Sarré, sobre os declives de La Petite La Rhune, e os altos alem da aldea sobre a esquerda da 4. divisão. O Major-general Carlos Baraõ Alten, com a divisão Hespanhola do General Longa, atacou as posiçoens do inimigo sobre La Petite La Rhune, e tendo-as tomado, cooperarã com a direita do centro, no ataque dos altos por traz de Sarré.

A brigada de cavallaria do General Alten, debaixo da direcção do Tenente-general Sir Stapleton Cotton, seguio os movimentos do centro, e havia 3 brigadas de artilheria com esta parte do exercito, e tres peças de montanha com o General Giron, e tres com o Major General Carlos Alten.

O Tenente-general Don Manuel Freyre, marchou em duas columnas, desde os montes de Mandale, para Ascain, em ordem a aproveitar-se de alguns movimentos que o inimigo podesse fazer da direita da sua posiçã para o centro; e o Tenente Gen. Sir Joaõ Hope, com a esquerda do exercito, forçou as posiçoens exteriores do inimigo em frente dos seus intrincheiramentos sobre o baixo Nivelé, tomou o reducto assima de Orogne, e estabeleceu-se sobre os altos immediatamente oppostos a Sibour, prompto par se aproveitar de algum movimento que fizesse a direita do inimigo. O ataque começou com dia; e o Tenente General o Hon. Sir Lowry Cole, tendo obrigado o inimigo a evacuar o reducto sobre a sua direita em frente de Sarré, por meio de huma canhonada e o em frente da esquerda da aldea tendo sido tambem evacuado; ao approximar-se a 7. divisão, debaixo do commando do General Le Cor, para o atacar, o Tenente General Sir Lowry Cole, atacou e tomou posse da aldéa, que estava rodeada pela esquerda, pela 3. divisão, commandada pelo Major General o Hon. Sir Carlos Colville, e pela direita, pela reserva de Andaluzia, commandada por Don Pedro Giron, e o Major Gen. Carlos Baraõ Alten, tomou as posiçoens sobre La Petite La Rhune. O todo entã cooperou no ataque da principal posiçã do inimigo por detraz da aldea. A 3. e 7. divisões immediatamente tomaram os reductos sobre a esquerda do centro do inimigo, e a divisão ligeira os da direita, em quanto a 4. divisão com a reserva de Andaluzia, sobre a esquerda atacou as posiçoens do centro. Com estes ataques foi o inimigo obrigado a abandonar as suas fortes

posições, que tinha fortificado com tanto cuidado, e trabalho, e deixou no principal reducto sobre o monte, o 1. batalhão, do regimento 88, que immediatamente se rendeo.

Em quanto estas operações se faziam no centro, tinha eu o prazer de estar vendo a 6. divisaõ, commandada pelo Tenente General Sir Henrique Clinton que depois de ter atravessado o Nivelles, e ter forçado as estacadas do inimigo sobre ambas as margens, e tendo coberto a passagem da divisaõ Portugueza, debaixo do commando do Tenente General Sir João Hamilton, sobre a sua direita, fez o mais brilhante ataque sobre a direita da posição inimiga por traz de Anhoue, e sobre a direita do Nivelles, e tomou todos os intrincheiramentos, e os reductos sobre aquelle flanco. O Tenente General Sir João Hamilton apoiou com a divisaõ Portugueza, a 6. divisaõ sobre a sua direita, e ambos cooperaram no ataque do segundo reducto, o qual foi immediatamente tomado.

A brigada do Major General Pringle, da 2. divisaõ, commandada pelo Tenente Gen. o Hon. Sir Guilherme Stewart, forçou as estacadas do inimigo sobre o Nivelles, e na frente de Anhoue; entãõ o Major Gen. Byng, com a sua brigada da 2. divisaõ, tomou os intrincheiramentos, e hum reducto mais distante sobre a esquerda do inimigo, em cujo ataque o Major General e estas tropas se distinguiram. O Gen. Morillo cobria a avançada do todo, para os altos detraz de Anhoue, atacando os postos do inimigo sobre os declives de Mandarin, e seguindo-os para a banda da Itzatee. As tropas que estavam sobre os altos por detraz de Anhoue, por estas operações, debaixo da direcção do Tenente Gen. Sir R. Hill, foram forçadas a retirar-se para a ponte de Cambo sobre o Nive, a excepção da divisaõ em Mandarin, a qual em consequencia de marcha de huma parte da 2. divisaõ, debaixo do commando do Tenente Gen. o Hon. Sir Guilherme Stewart, foi arrojada para dentro das montanhas para a banda de Baygoris.

Logo que as montanhas foram tomadas em ambas as margens do Nivelles, ordenei que a 3., e 7. divisões, que formavam a direita do nosso centro, marchassem pela esquerda daquella rio sobre St. Pé, e a 6. divisaõ pela direita sobre o mesmo sitio, em quanto a 4., e a ligeira, e a reserva do Gen. Giron, occupavam os montes para cima de Ascain, e cobriam este movimento por aquelle lado, e o Tenente Gen. Sir Row. Hill, o protegia pelo outro. Huma parte das tropas do inimigo tinha-se retirado do seu centro, e tinha atravessado o Nivelles em St. Pé, e tanto que a 6. divisaõ se approximou da terceira ás ordens do Major Gen. o Hon. Carlos Colville, e da 7. divisaõ, commandada pelo Gen. Le Cor, atravessarem o rio, atacaram, e immediatamente ganharam a posse dos montes da outra banda.

Por este modo nos estabelecemos na retaguarda da direita do

inimigo; porem tinha-se consumido tam grande parte do dia que não era possível continuar a fazer outras manobras; e fui obrigado a differir as nossas posteriores operaçoens para a manham seguinte. O inimigo evacuou Ascain no principio da tarde, de cuja aldéa tomou posse o Tenente Gen. Don M. Freyre, e largou todas as suas obras e posiçoens na frente de St. João da Luz durante a noite, e retirou-se sobre Bidart, destruindo todas as pontes sobre o Baixo Nivelles. O Tenente Gen. o Hon. Sir João Hope seguio-o com a esquerda do exercito, logo que pôde atrevessar o rio; e o Marechal Sir Guilherme Beresford moveo o centro do exercito o mais para diante que o estado das estradas, depois de huma violenta chuva, lhe permitia; e o inimigo retirou-se outra-véz na noite do dia 11, para dentro de hum campo intrincheirado na frente de Bâyona.

No curso destas operaçoens de que tenho dado a V. S. humã idea, em que lançamos o inimigo fora das posiçoens que em que andou a trabalhar tres mezes com grande trabalho e cuidada, em que tomamos 51 peças de canhaõ, 6 carros de muniçoens, e 1,200 prisioneiros, tenho a satisfação de referir o bom porte dos officiaes e tropas. A mesma relação mostrará quanta rasoã em tive de ficar satisfeito com o do Marechal Sir Guilherme Beresford, e com o do Tenente Gen. Sir Row. Hill, que dirigiram o ataque do centro, e direita do exercito, e com o dos Tenentes Gens. o Hon. G. L. Cole, o Hon. Sir Guilherme Stewart, Sir J. Hamilton, e Sir Henrique Clinton, e do Major Gen. o Hon. C. Colville, Carlos Baraõ Alten, Marechal de Campo P. Le Cor, e Marechal de Campo Don Pablo Morillo, que commandavam divisoens de infantaria, e com a de Don Pedro Giron, commandante da reserva de Andaluzia. O Tenente Gen. Sir Row. Hill, e o Marechal Sir Guilherme Beresford, e estes Officiaes Generaes, tem communicado os seus juizos sobre o portamento dos generaes e tropas debaixo dos seus respectivos commandos; e eu particularmente recommendo á attençaõ de V. S. o do Major Gen. Byng, e do Major Gen. Lambert, que conduziram o ataque da 6. divisaõ; e da mesma forma particiularmente observo a valerosa conducta dos regimentos 51. e 68., commandados pelo Major Price, e pelo Tenente Col. Hawkins, do brigada do Major Gen. Inglis, no ataque dos montes assima de St. Pé, na tarde do dia 10. A 8. brigada Portugueza, da terceira divisaõ, commandada pelo Major Gen. Power, igualmente se distinguio no ataque da esquerda do centro do inimigo, e a brigada do Major Gen. Anson, da 4. divisaõ na aldeia de Sarré, e no centro das montanhas.

Ainda que a mais brilhante parte deste serviço não foi da repartição do Tenente Gen. o Hon. Sir J. Hope, e do Tenente Gen. Don M. Freyre, tenho, comtudo, toda a rasoã para estar satisfeito com o modo porque estes officiaes se conduziram no serviço de que tiveram a direcçaõ. A nossa perda, posto que consideravel, não foi, com tudo, tam grande como se poderia esperar, conside

rando a fortaleza das posiçoens atacadas, e o espaço de tempo (desde o romper da manham até o escurecer) durante o qual as tropas estiveram em combate; porem devo accrescentar que o Coronel Barnard, do regimento 95, foi gravemente, posto que espero que não, perigosamente ferido; e que perdemos o Tenente coronel Lloyd, do regimento 94; official que se tinha frequentemente distinguido, e que dava grandes esperanças. Na formação do plano para este ataque, e em todas as operaçoens, recebi a maior assistencia, do Quartel-mestre-general, Sir Geo. Murray, e do Ajudante General, o Hon. Sir Duarte Pakenham, e do Tenente Coronel Lord Fitzroy Sommerset, do Tenente Coronel Campbell, e de todas os officiaes do meu pessoal Estadomaior, e de S. A. o Principe de Orange.

A artilheria que esteve no campo foi de grande serventia para nos, e não posso sufficientemente reconhecer a intelligencia, e actividade com que foi trazida para o ponto do ataque, debaixo da direcção do Coronel Dickson, pelas mas estradas ao travéz das montanhas, e nesta estação do anno.

Invio este officio pelo meu Ajudante-de-Campo, o Tenente Marquez de Worcester, o qual, pesso licença, para recomendar a V. S.

Tenho a honra de ser, &c.

(Assignado) WELLINGTON.

P. S. Remeto a conta dos mortos e feridos. Depois que recebemos a conta das perdas do inimigo, tomamos mais 100 prisioneiros, e 400 feridos.

SECRETARIA DA GUERRA.

Downing Street, 29 de Dezembro, 1813.

O Major Hill, Adjutante de Campo do Tenente-General Sir Rowland Hill chegou com o despacho seguinte, remetido pello Field-Marechal, Marques do Wellington, ao Conde Bathurst.

S. João da Luz, 14 de Dezembro, 1813.

MY LORD,

Depois que o inimigo se retirou do Nivelles, foi occupar huma posição em frente de Baiona, que elle tem estado á fortificar com grande trabalho desde a batalha de Victoria em Junho passado. Esta posição parece estar ao alcance do fogo das obras da praça; tem a sua direita sobre o Adour, e a frente por este lado está coberta por hum pantano formado por hum ribeiro que vai desagoar no Adour. A di-

reita do centro se apoia sobre o mesmo pântano, e a sua esquerda sobre o rio Nive. A esquerda está entre o Nive e o Adour, e sobre este mesmo rio fica apoiada a esquerda. Os seus postos avançados da direita estavaõ em frente d'Anglet, e na direcção de Biaritz. Com a sua esquerda defendendia o rio Nive, e communicava com huma Divizaõ do exercito da Catalunha ás ordens do General Paris, postada em S. Joaõ Pied de Port: alem disto tinha hum corpo consideravel acantonado em Villa Franca e Moreguerre.

Era impossivel o atacar o inimigo nesta posição em quanto elle se conservasse ali em força.

Eu tinha determinado passar o Nive logo immediatamente depois da passagem do Nivelles, mas não o pude fazer pelo máo estado das estradas, e pela enchente de todas as ribeiras, occazionada pelas muitas chuvas do principio d'aquelle mez. Tendo-me porem o tempo e as estradas dado occaziaõ para ajuntar os materiaes, e fazer as disposiçoens necessarias para lançar as pontes sobre aquelle rio, fiz sahir as tropas dos seus acantonamentos no dia 8, e ordenei que a direita do exercito, commandada pelo Tenente-General Sir Rowland Hill, o passasse á 9 nas vesinhanças de Cambo, aonde o Marechal Sir W. Beresford, havia de auxilliar esta operação, fazendo passar ao mesmo tempo em Ustauritz a 6 Divizaõ, commandada pelo Tenente-General Sir Henrique Clinton. Ambas estas operações foraõ completamente bem succedidas. O inimigo foi n'hum instante desalojado da margem direita do rio, e se retirou para Baiona pela estrada real de S. Joaõ Pied de Port. Os que estavaõ postados de frente do Cambo estiveraõ quasi a ser cortados pela 6 Divisaõ; e hum regimento ainda foi obrigado a sahir da estrada para se salvar pelo meio do paiz.

O inimigo postou-se em força consideravel sobre huma linha de alturas, que correm paralelas ao Adour, e guardava sempre Villa Franca com a sua direita. O regimento Portugues No. 8, commandado pelo Coronel Douglas, o 9 de Caçadores do Coronel Brown, e os batalhoens de infantaria ligeira da 6. divisaõ tomáraõ esta aldeia, e as alturas vesinhas. A chuva da noite antecedente, e da manham de 8 tinha de tal sorte arruinado o caminho, que foi preciso quasi todo o dia para que o corpo de Sir Rowland Hill podesse alli chegar: assim eu estava muito satisfeito com o terreno que occupavamos.

No mesmo dia, o Tenente-General Sir John Hope, com a esquerda do exercito do seu commando se poz em marcha pella estrada Real de S. Joaõ da Luz que vai para Bayonna, e reconheceo a direita do campo intrincheirado em frente de Bayonna, e toda a corrente do Adour a baixo da cidade,

depois de haver repellido os postos do inimigo das vesinhanças de Biaritz e Anglet. A divisaõ ligeira, commandada pelo Major-General Alten, moveo-se ao mesmo tempo de Bassasary, e reconheceo aquella parte dos intrincheiramentos do inimigo.

Sir John Hope e o Major-General Alten retiráraõ-se á noite para as posiçoens que antes occupavaõ.

Na manham de 10 o Tenente-General Sir Rowland Hill vio que o inimigo se havia retirado da posiçaõ que occupava no dia antecedente sobre as alturas d'entro do seo campo intrincheirado por aquella parte do Nive; e por consequencia foi elle tomar a sua posiçaõ ja marcada, ficando com a sua direita na direcçaõ do Adour, a sua esquerda em Villa Franca, e communicando com o centro do exercito do Marechal Sir W. Beresford por huma ponte lançada sobre o Nive; porque as tropas commandadas pelo Marechal tinhaõ passado de novo para a esquerda do Nive.

A divisaõ de infantaria Hespanhola as ordens do General Morillo, que se tinha conservado com Sir Rowland Hill, depois que as outras tropas Hespanholas foraõ tomar os seos acantonamentos, estava postada em Urcuray com a brigada dos dragoens ligeiros do Coronel Vivian em Hasparren, á fim de observar os movimentos da divisaõ inimiga do General Paris, que depois da passagem do Nive se tinha retirado para St. Palais.

Na manham de 10 o inimigo sahio dos intrincheiramentos com todo a seo exercito, a excepçaõ só daquella parte, que occupava-as obras em frente da posiçaõ de Sir Rowland Hill; e repellindo os piquetes da divisaõ ligeira e do corpo de Sir John Hope, fez hum ataque desesperado sobre a posiçaõ da primeira no castello e igreja de Arcangues, e sobre os postos avançados do ultimo, na estrada Real de Bayonna para St. Joaõ de Luz, perto da caza do *Maire* de Biaritz. Ambos estes ataques foraõ malogrados pela guapa bizzarria das tropas; e ainda em cima, o corpo de Sir John Hope fez quasi quinhentós prisioneiros.

O maior calor da acçaõ, que tiveraõ os postos avançados de Sir John Hope, coube á primeira Brigada Portuguesa, commandada pello Brigadeiro-General A. Campbell, que foi aquella que logo suportou o ataque, e á Brigada da 5 divisaõ, ás ordens do Major-General Robinson, que marchou a reforça-la. O Tenente-General Sir John Hope mencionou mui distinctamente naõ só comportamento destas tropas, mas de todas as outras que se empenháraõ no combate. E eu tive a maior satisfacçaõ de ver, que as tentativas do inimigo, feitas contra a nossa esquerda, a fim de nos obrigar á retroceder para a nossa direita, foraõ completamente frustradas por forças nossas muito menos numerozas.

Naõ tenho sufficientes expressoens com que elogie a habilitade, sangue frio, e penetraçõ do Tenente-General Sir John Hope, o qual com todos os officiaes generaes e os do Estado-Maior, que estavão ás suas ordens, deõ ás tropas hum exemplo de huma tal bizzarria, que de necessidade deve ter muito concorrido para os felizes resultados daquelle dia.

Sir John Hope recebeu huma forte contusão; mas apezar disso, tenho a fortuna de dizer, que o naõ tem obrigado a privar-me hum só momento da sua taõ util assistencia.

No fim da acção, os regimentos de Nassau e Francfort, commandados pelo Coronel Kruse, dezertáraõ para os postos da Brigada do Major-General Ross, da 4. divisãõ, os quaes estavão formados para reforçar o centro.

Ao anoitecer os inimigos ainda se conservavaõ em força na frente dos nossos postos, e sobre o mesmo terreno donde haviaõ expulsado os nossos piquetes. Com tudo retiráraõ-se de noite da frente do Tenente-General Sir John Hope, deixando pequenos postos, que foraõ immediatamente desalojados. Mas ainda occupavaõ com grande força o outeiro, em que tinhaõ estado os piquete da divisãõ ligeira, e assim era obvio que todo o exercito ainda se conservava em frente da nossa esquerda. Seriaõ quasi tres horas da tarde, tornáraõ a desalojar os piquetes do Tenente-General Sir John Hope, e atacáraõ os seus postos: mas foraõ novamente repellidos, e com huma perda consideravel.

O ataque foi renovado na manham de 12, com a mesma falta de successo, depois que a primeira divisãõ, ás ordens do Major-General Howard foi reforçar a 5 divisãõ. Assim o inimigo desistio do seu empenho, pela tarde, e á norte se retirou de todo para o seu campo intrincheirado. Depois do dia 10 nunca mais tornáraõ a atacar os postos da divisãõ ligeira.

O Tenente-General Sir John Hope menciona com os maiores elogios o comportamento de todos os officiaes e tropas; mas com maior particularidade, o da 1. Brigada Portugueza, commandada pelo Brigadeiro-General A Campbell; e o das brigadas do Major-General Robinson, e do Honrado Coronel Greville, pertencentes a 5 divisãõ do commando do Major-General Hay. Taõbem particularmente menciona o Major-General Hay, commandante da 5 divisãõ; os Majores-Generaes Robinson e Bradford; o Brigadeiro-General Campbell; os Coroneis do Rego e Greville, commandantes de Brigadas; o Tenente-Coronel Lloyd, do 84, que desgraçadamente morreo; os Tenente-Coroneis Barnes das Guardas Reaes, e Cameron do 9; o Capitão Ramsay da Real artilharia á cavallo; o Coronel de Lancey, o Deputado Quartel-Mestre-General; o Tenente Coronel M'Donald

e Assistan'e-Ajudante-General, addido ao corpo de Sir John Hope; e todos os officiaes do seo Estado-Maior.

A primeira divisãõ commandada pelo Major-Gen. Howard não entrou em combate até o dia 12, quando o ataque do inimigo foi mais fraco; porem as guardas portáraõ-se com o seo valor ordinario.

O inimigo, que se vio assim sempre mal succedido em todos os ataques que fez com todas as suas forças sobre a nossa esquerda, retirou-se para os seos intrincheiramentos em a noite de 12, e passou com huma grande força por Bayonna, com aqual namanham de 13 fez hum desesperadissimo ataque contra o Tenente-General Sir Rowland Hill.

Esperando ja esse ataque, eu tinha requerido ao Marechal Sir W. Beresford que reforçava o Tenente-General com a 6 divisãõ que atravessou o Nive ao romper da manham. Depois disto, eu o reforcei ainda com a 4 divisãõ, e duas brigadas da 3.

Com a chegada da 6 divisãõ teve o Tenente-General muito maior facilidade para executar os seos movimentos; mas as suas proprias tropas ja tinhaõ derrotado e repellido o inimigo com huma perda immensa antes de lhe apparecer o reforço. O principal ataque deo-se ao longo da alta estrada, que vai de Bayonna para S. Joãõ Pied-de-Port. A brigada do Major-General Barnes, composta de infantaria Britanica, e a 5 brigada Portugueza, commandada pelo Brigadeiro-General Ashworth, tiverãõ a parte principal do combate com o inimigo naquelle ponto, e ambas se conduziraõ perfeitamente bem. A divisãõ Portugueza de infantaria, commandada pelo Marechal de Campo C. F. Lecor, moveo-se pela sua esquerda de hum medo o mais guapo para as hir auxiliar; e recuperou huma importante posiçãõ entre estas tropas e as da brigada do Major-General Pringle, entãõ empenhadas com o inimigo em frente de Villa Franca. Eu tive taõbem a maior satisfacçãõ de ver o modo porque a brigada de infantaria Britanica ás ordens do Major-General Byng, auxiliada pela 4 Portugueza do Brigadeiro-General Buchan, expulsou o inimigo de huma importante altura sobre a direita da nossa posiçãõ, e se manteve nella a pezar de quanto fez o inimigo para ganha la outra vez.

Tomáraõ-se ao inimigo duas peças de artilharia e alguns prizioneiros; e entãõ elle que se vio batido em todos os pontos, e depois de ter soffrido huma perda consideravel, foi obrigado a retirar-se para os seos intrincheiramentos.

Agora sinto a maior satisfacçãõ por ter hum nova oportunidade de elogiar os meritos e os serviços feitos pelo Tenente-General Sir Rowland Hill nesta occasiaõ, assim como os do

Tenente-General Sir William Stewart, commandante da 5.ª divisaõ ; os dos Maiores-Generaes Pringle, Barnes e Byng ; os do Marechal de Campo C. F. Lecor : e os dos Brigadeiros-Generaes Da Costa, Ashworth, e Buchan. A artilharia Britanica, commandada pelo Tenente-Coronel Ross, e a Portugueza, pelo Coronel Tulloch, igualmente se distinguirão. O Tenente-General Sir Rowland Hill menciona com muita particularidade os auxilios que recebeu dos Tenentes Coroneis Bouverie e Jackson ; do Assistente Adjudante, e Assistente-Quartel-Mestre-General agregados ao seo Corpo ; e do Tenente-Coronel Goldfinch, dos Reaes Engenheiros, e de todos os officiaes do seo Estado-Maior.

Hum consideravel corpo de cavallaria inimiga passou hontem a noite na ponte do Adour, e as forças que estavaõ de frente de Sir R. Hill taõbem se retirarão esta manham para Bayonna.

Em todas estas varias operaçoens eu tenho recebido toda a qualidade de bons officios do Quartel-Mestre-General Sir George Murray ; do Ajudante-General, o Major-General Sir Edward Pakenham ; do Tenente-Coronel Lord Fitzroy Somerset ; do Tenente-Coronel Campbell ; e de todos os officiaes do meo Estado-Maior.

Remeto este despacho pelo Major Hill, Ajudante de Campo do Tenente General Sir Rowland Hill, e peço licença para o recomendar á protecção de V. S.

Tenho a honra de ser, &c.

WELLINGTON.

Incluzo envio o mapa dos mortos e feridos.

RELAÇÃO.

Dos mortos, feridos e extraviados do exercito alliado nas diversas aççoens de que trata a officio que fica transcripto.

EXERCITO INGLEZ.

Officiaes, officiaes inferiores, soldados, e tambores

				mortos.	280
Dos	dos	dos	dos	dos feridos.	2,086
Dos	dos	dos	dos	dos. dos. extraviados	210

Total . . . 2,576

EXERCITO PORTUGUEZ.

Officiaes, Officiaes inferiores, soldados, e tambores mortos	361
Officiaes-generaes, officiaes, officiaes inferiores, soldados, e tambores feridos	1,689
Dos . . . dos	
Dos. Dos. extraviados	294
Total	<u>2,344</u>

EXERCITO HESPANHOL.

SOLDADOS MORTOS	III!!!
Dos. FERIDOS	XXI!!!

MEMORANDUM.

Quando o Major Hill deixou o exercito a 18 do corrente a ala direita occupava huma posiçãõ entre o Adour, e o Nive por meio da qual estava senhora da navegaçãõ d'ambos os rios: o centro, e a esquerda do exercito estavaõ postados entre o Nive o mar.

ORDEM DO DIA.

Traduzida do Morning Chronicle,

Quartel-general d'Ustaritz-28 de Novembro, de 1813.

O Senhor Marechal Berresford, Marques de Campo Maior, tem sempre a maior satisfacçãõ, quando se lhe offerece alguma oppor-tunidade de publicar o bom comportamento das tropas de S. A. R. o Principe Regente, em frente do inimigo. S. Ex. da os parabens a naçãõ Portugueza pela nova gloria que os seos compatriotas adquiriraõ na batalha de 10 do corrente, em que o exercito alliado, as ordens do Illustrissimo e Excellentissimo General Duque da Victoria, expulsou o inimigo das suas posiçoens e intrincheiramentos que occupava na sua propria fronteira; e em que os bravos soldados de S. A. R., conjunctamente com os soldados Britanicos, (entre os quaes ha, e sempre tem havido a mais perfeita harmonia naõ so em marcharem unidos contra o inimigo, mas em se prestarem todos

os mutuos sinais de admiração, e de huma boa e sincera amizade,) participaraõ neste dia de toda a honra e gloria que ganhou o exercito Anglo-Portuguez. O inimigo foi arrojado das suas posiçoens, que para outro qualquer exercito seriaõ inconquistaveis; mas o vigorozo impulso com que os alliados o carregaraõ era irrezistivel. S. Ex. sente o maior prazer imaginavel em participar a S. A. R. o muito que merece o seo exercito nesta occasiaõ.

O Senhor Marechal, alem de remeter para S. A. R. os nomes dos officiaes e officiaes inferiores, que particularmente tem sido recommendados pelos seos respectivos commandantes, na conta que deo a S. A. R. naõ pode escuzar-se de mencionar o quanto lhe agradou o bom comportamento da divizaõ, commandada pelo Tenente-general J. Hamilton; e dezeja que os Brigadeiros-generaes A Campbell e J. Buchan da 4 e 2 Brigadas, assim como todos os officiaes, os officiaes inferiores, e soldados daquella divizaõ fiquem bem persuadidos do muito que delles ficou satisfeito. O Tenente-coronel Tulloch merece a approvação de S. Ex. pelos grandes serviços que fez a artilharia do seo commando, naqual vai comprehendida a Brigada da artilharia do calibre de nove, commandada pela Primeiro-Tenente Joze Joaquim Barreiros, do Regimento d'artilharia, No. 4.

S. Ex. da os seos agradecimentos ao Major-general Manly Power da 8 Brigada por naõ ter desmentido a sua antiga reputação; e os da iguaes ao coronel Joze de Vasconcellos, e a sua 9 Brigada; querendo que estas duas Brigadas aceitem os seos justos comprimentos por haverem desenvolvido a sua bravosidade acostumada.

O Major-general Manly Power menciona particularmente o Tenente coronel Durzbach pelo que se tem distinguido nesta e outras muitas occasioens. O coronel Joze de Vasconcellos taõbem particularmente menciona o Major J. Scott Lillie.

S. Ex. observou a firmeza, regularidade, e excellente disciplina da 6 Brigada, que estando na reserva, ainda que naõ teve occasiaõ de entrar em combate, mostrou-se digna da approvação de S. Ex. Disto pede ao coronel J. Doyle certifique os officiaes, officiaes inferiores, e soldados.

O Senhor Marechal naõ pode deixar de exprimir a sua approvação a respeito do Major-general Carlos Frederico Lecor, que naquelle dia commandava a 7 divisaõ do exercito alliado; e que havendo estado sempre a vista de S. Ex., deo lugar a que o senhor Marechal fosse testemunha ocular dos talentos e zelo que desenvolveo no seo commando. S. Ex. sente a maior satisfacção em manifestar o quanto lhe agradou o comportamento do coronel J. Douglas, do regimento de infantaria No. 12, e do Batalhaõ de Caçadores, No. 9., os quaes formavaõ parte da 7 Brigada, que estava empenhada na acção. Alem disto, julga do seo dever o dar a esta